



Escola Superior de Educação Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar

O papel do Educador de Infância nas Artes Visuais

Filipa Daniela Lopes Loureiro

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Paula Frassinetti para obtenção do Grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar

Orientado por

Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira



PAULA
FRASSINETTI

AOS MEUS PAIS, porque sem eles
este sonho não se tornava realidade.



Agradecimentos

Ao longo deste trabalho foi essencial o apoio, a dedicação, a generosidade e a boa vontade de muitas pessoas que me acompanharam. Dedico este espaço para agradecer a todos.

Aos meus pais, pela confiança que empregaram em mim, pela paciência, pelo apoio, pela dedicação, por todo o esforço que fizeram para eu poder estar agora aqui a concretizar este sonho.

Ao meu namorado André, pelo amor, pela amizade, pelo apoio, pela paciência, pelos dias passados em casa para que eu pudesse elaborar este e todos os trabalhos que foram surgindo neste mestrado e por nunca me deixar sozinha em nenhum momento.

À Professora Doutora Sandra Mónica Oliveira, pelo rigor científico com que orientou este trabalho, pela disponibilidade, pelo apoio, pela simpatia, pela sabedoria, pelo rigor e pelas sugestões que tornaram este relatório mais completo.

À Professora Doutora Maria Ivone Neves, a minha orientadora de ambos os estágios, pelo apoio constante, pela partilha e reflexão de conhecimentos, pela confiança e por fazer-me acreditar nas minhas capacidades e pelas “exigências” que me desafiaram a querer ir mais além e a ser melhor.

Às educadoras Cooperantes, Cristina Alves e Maria da Conceição Marques, por me terem recebido de braços abertos, pela disponibilidade, pela partilha de experiências e conhecimentos, pelo apoio e preocupação demonstrada ao longo deste meu percurso e pelos bons exemplos que me transmitiram.

A todas as crianças do grupo dos 5 anos e dos 2 anos, que se dedicaram nas atividades propostas, pelo carinho, pelos sorrisos, pela magia que me transmitiram e por me darem certezas de que é este caminho que eu quero seguir.

Às minhas colegas de estágio e de Mestrado, Joana Rocha, Sara Rita Sampaio e Andreia Amêndoa, pela partilha de conhecimentos, ideias, angústias e inquietações, pelo companheirismo, pelo carinho, apoio, amizade e pela força que me transmitiram para concluir este trajeto.

De coração, um muito obrigado a todos!



Resumo

O presente Relatório de Estágio remete-se às práticas educativas desenvolvidas no âmbito das Unidades Curriculares de Prática de Ensino Supervisionada I, II e III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Este relatório de investigação tem como temática principal o papel do educador nas Artes Visuais, contudo as práticas neste subdomínio são ainda marcadas por um ensino bastante condicionado e estereotipado pelos educadores de infância. Por vezes o educador não valoriza as potencialidades deste subdomínio, e por vezes de forma inconsciente, influência e interrompe o processo imaginário das crianças, através de atividades vulgares ligadas às Artes Visuais. Assim sendo, o educador deve fazer parte do processo de descoberta da criança, desprezando os estereótipos e abrindo a mente para novas ideias e novos mundos.

Deste modo, e face a esta visão, com esta investigação pretende-se atuar de forma consciente e fundamentada neste subdomínio, refletindo não só sobre as suas potencialidades, mas também sobre o papel fundamental do educador de infância no modo como proporciona às crianças as atividades de Artes Visuais.

Para apoiar esta prática, este relatório de investigação terá como primeira parte a fundamentação teórica, que incluiu a investigação e reflexão sobre algumas fontes acerca das potencialidades lúdico-expressivas da Educação Artística, para de seguida abordar as Artes Visuais.

Para aprofundar esta temática, foi realizado um estudo de caso numa instituição de organismo privado de solidariedade social, sem fins lucrativos, através de uma investigação qualitativa, apoiada em entrevistas às educadoras e na implementação e análise de atividades num grupo de crianças de 5 anos.

Ao nível da ação educativa pretendemos promover experiências educativas diversificadas, atribuindo particular ênfase ao subdomínio das Artes Visuais e valorizando os espaços e recursos disponíveis. Tivemos como preocupação planificar atividades que vão ao encontro dos interesses e necessidades do grupo.

Com a análise das entrevistas e das grelhas de observação das crianças, vamos poder observar que são várias as potencialidades das Artes Visuais, não só no desenvolvimento integral da criança, como também no auxílio do trabalho do educador de infância, permitindo avaliar o desenvolvimento de cada criança.

Palavras-chave: Artes Visuais; materiais; técnicas; competências e desenvolvimento.

Abstract

This Internship Report is about the educational practices developed at the Curricular Units of Supervised Teaching Practice I, II and III, of the Master in Pre-School Education.

This research report has the role the kindergarten teachers in Visual Arts as main theme, because the practices in this subdomain are still set by a very conditioned and stereotyped teaching from the kindergarten teachers. Sometimes, the educator does not value the potentialities of this subdomain and, unconsciously, influences and interrupts the children imaginary process through common activities related to Visual Arts. Therefore, the educator must be part of the discovery process of the child, disregarding the stereotypes and open his mind for new ideas and new worlds.

This way, with this research we intended to act consciously and well-founded in this subdomain, reflecting not only its potentialities, but also the fundamental role that the kindergarten teachers employs in the way they provide children the Visual Arts activities.

To support this practice, this research report will have as its first part the theoretical basis, where there was an investigation and reflection on some authors about the ludic and expressive potentialities of Artistic Education and then the approach to the Visual Arts.

In order to deepen this theme, a case study was done at a non-profit private institution of social solidarity, through a quality research, based on interviews with the educators and on the implementation and analysis of the activities in a group of five years old children.

At the level of the education action, we pretend to promote diversified educational experiences, setting particular emphasis on the subdomain of Visual Arts and valuing the available spaces and resources. We had as a concern the planning of the activities that meet the interests and necessities of the group.

With the analysis of the interviews and of the children's observation grids, we will see that there are various potentialities on Visual Arts, not only in the integral development of the child, but also in the support of the kindergarten teacher's work, allowing to evaluate the development of each child.

Key-words: Visual Arts; materials; techniques; skills and development.

Índice

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Introdução	8
Parte I- As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar	10
1. Educação Artística.....	10
2. Artes visuais	12
3. As diferentes linguagens nas Artes Visuais	14
4. As Artes Visuais: como espaço de criatividade e promoção de competências..	18
5. Arte contemporânea em contexto Educativo	20
6. Papel do educador de infância nas Artes Visuais	22
Parte II- Estudo de caso: Papel do educador de infância nas Artes Visuais	24
1. Percurso Metodológico	24
1.1. Problemática.....	24
1.2. Metodologia	25
1.4. Implementação das atividades	28
1.5. Análise das grelhas de observação	33
1.6. Análise das entrevistas	40
1.7. Triangulação dos dados.....	43
Considerações finais	46
Bibliografia.....	49
Anexos	51



Índice de Anexos

Anexo 1. Caracterização da Instituição

Anexo 2. Caracterização do grupo de crianças

Anexo 3. Entrevistas às educadoras de infância

Anexo 4. Recolha dos comentários das crianças

Anexo 5. Trabalhos das crianças

Anexo 6. Planificação das atividades

Anexo 7. Grelhas de Observação das crianças

Anexo 8. Tabela de análise das entrevistas

Anexo 9. Gráficos de análise às grelhas de observação



Introdução

A escolha desta investigação partiu do pressuposto que os educadores de infância têm um papel crucial no desenrolar das atividades de Artes Visuais. Tendo em conta que este subdomínio preconiza “a construção de conhecimento, através de um processo ensino-aprendizagem mediado por recursos expressivos que leva o indivíduo a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar activamente no seu próprio crescimento” (Ferraz e Dalmann, citado por Dias, 2012, pp. 1-2).

São muitas as vezes que o subdomínio das Artes Visuais é desvalorizado e não existe uma planificação prévia das atividades por parte dos educadores, entendendo sempre que esta área na educação pré-escolar deve incidir apenas na expressão livre.

Deste modo, para dar a conhecer as potencialidades deste subdomínio, primeiro será importante investigar e refletir sobre algumas fontes acerca das potencialidades lúdico-expressivas da Educação Artística. Tendo em conta que a Educação Artística é um direito do ser humano, pois contribui para uma educação integrada nas capacidades físicas, intelectuais e criativas. Portanto, torna-se essencial que a educação/expressão artística seja valorizada na formação de todos os cidadãos.

Consequentemente, torna-se essencial abordar as Artes Visuais, mais em particular, no contexto educacional da Educação Pré-Escolar, neste ponto teremos como objetivo perceber quais as potencialidades deste subdomínio para o desenvolvimento integral da criança.

Neste sentido, torna-se crucial mencionar quais são as diferentes linguagens trabalhadas nas Artes Visuais, ou seja, as explorações plásticas bi e tridimensionais, bem como, as tecnologias de imagem, como sendo importantes para proporcionar às crianças novas experiências. De seguida, serão destacadas as competências que este subdomínio desenvolve nas crianças através das diferentes técnicas, usufruindo uma grande variedade de materiais estimulantes.

Será igualmente relevante, abordarmos a arte contemporânea no contexto educativo, visto ser essencial para as crianças conhecerem e terem contacto com a arte atual e desenvolverem o sentido estético, criativo e cultural.

Por fim, um ponto crucial nesta investigação será perceber qual é o papel que o educador deve desempenhar nas atividades relacionadas com as Artes Visuais, tanto a nível da planificação destas atividades como na organização do ambiente educativo para promover situações que permitam a utilização de diferentes modalidades



expressivas e, conseqüentemente, o desenvolvimento de competências essenciais para o futuro das crianças.

Esta investigação irá focar-se neste último ponto, tendo como pergunta de partida: “Qual é o papel do educador de infância nas Artes Visuais?”.

Sendo assim, esta investigação tem como principais objetivos, perceber qual o papel que o educador de infância desempenha neste subdomínio e explorar quais as potencialidades que as Artes Visuais oferecem não só no desenvolvimento integral da criança como também na prática pedagógica.

Com o intuito de dar resposta a estes objetivos, será realizado um estudo de caso numa instituição localizada no Porto, de organismo privado de solidariedade social, sem fins lucrativos. Esta será uma investigação qualitativa, apoiada em entrevistas às educadoras e na análise de atividades implementadas num grupo de crianças de cinco anos.

Torna-se importante salientar que a instituição que apoia esta investigação defende que as Artes são fulcrais na vida da criança. No seu Projeto Educativo a instituição afirma que a mobilização dos processos da criação artística constituem ferramentas imprescindíveis para uma educação sensível, pois possui um particular poder de questionamento do que é a sociedade, os valores, as causas.

Posto isto, será importante agir com intencionalidade e tirar proveito dessa ligação que a instituição tem com Arte. Para isso, irá ser proposto a implementação de dez atividades que serão realizadas tendo em conta o grupo em questão.

O grupo de crianças é composto por 26 crianças, sendo que será analisado o trabalho de 16 crianças. Pretende-se implementar atividades significativas e direcionadas para as Artes Visuais, apoiando-me sempre na fundamentação teórica estudada, de modo a agir com intencionalidade e proporcionar às crianças novas experiências. Para apoiar a análise destas atividades serão utilizados alguns instrumentos de observação, ou seja, grelhas de observação das crianças, fotografias e vídeos dos trabalhos e comentários das crianças recolhidos em todas as atividades.

Por fim, a informação recolhida, através destes instrumentos, será devidamente analisada e tratada para, deste modo, retirar as conclusões finais deste relatório de investigação.



Parte I- As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

1. Educação Artística

A Arte surge como essencial para uma educação completa e para a construção de indivíduos desafiadores da procura, da crítica, do conhecimento partilhado, da intervenção social e da autonomia, num contexto rico, diversificado e desafiador que é do nosso mundo atual (Montez, 2012, p.1).

Antes de explorarmos as Artes Visuais torna-se essencial abordar, primariamente no seu todo, as potencialidades da Educação Artística. Segundo Piaget, na Educação Artística a criança experimenta, ultrapassa-se, conhece os seus próprios limites e fragilidades. A criança expressa-se e reinventa-se, reforça e constrói a sua autoestima, criatividade e imaginação.

Através da pintura, do desenho, da modelação, da dança, da música, da dramatização, a criança exprime sentimentos, ideias e emoções, libertando energias e comunicando com o mundo.

A educação artística é um direito do ser humano, pois contribui para uma educação integrada nas capacidades físicas, intelectuais e criativas. Portanto, torna-se essencial que a educação/expressão artística seja valorizada na formação de todos os cidadãos e, por conseguinte, ao nível da educação básica, em que a educação pré-escolar é primeira etapa (Lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro).

Na educação artística desenvolvem-se competências que propiciam o contacto entre a escola e a sociedade, permitindo construir a nossa identidade e e colocar-nos como recetores na nossa cultura.

Para isso, pretende-se que os educadores e as crianças tomem consciência e construam relações entre a sua identidade e as representações sociais sobre o mundo, valorizando a cultura artística, capacitando os mais pequenos para serem os “futuros administradores no nosso património” (Sanz, María, citado por Oliveira, 2013, p.2).

No documento orientador da prática dos educadores de infância, ou seja, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) de 2016 este grande tema está explícito no Domínio da Educação Artística. Dentro deste domínio estão as diferentes linguagens artísticas, tais como, as Artes Visuais, o Jogo Dramático/Teatro, a Música e a Dança, como sendo meios de enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças, têm a sua especificidade própria, mas não devem ser vistas de forma totalmente independente, pois complementam-se mutuamente.



As explorações artísticas fomentam e contribuem para o aperfeiçoamento da sensibilidade e o desenvolvimento da criatividade, facultando possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas, bem como de criação, reflexão e compreensão que contribuem para construção da identidade pessoal e social e o conhecimento de diferentes culturas (Fróis, Marques & Gonçalves, 2000).

As diferentes formas de expressão estão presentes nas crianças, bem antes de entrarem para o Jardim de Infância, pois já tiveram oportunidade de desenhar, pintar, cantar, dançar, no próprio seio familiar. No entanto, deve existir um desenvolvimento progressivo dessas linguagens implicando um processo educativo, ou seja, um acompanhamento “que incentive um gradual conhecimento e apropriação de instrumentos e técnicas, o que pressupõe não só a expressão espontânea das crianças, como também a intervenção do/a educador/a” (OCEPE, 2016, p.47).

Esta intervenção deve surgir do que as crianças já conhecem e do que são capazes de fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar. Tendo assim como objetivo, proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea das crianças que garantem o direito no acesso à arte e à cultura artística.

Na educação artística, o educador deve ter intenções pedagógicas, tendo como objetivo alargar e enriquecer a representação simbólica e o sentido estético da criança. Para isso o educador deve proporcionar experiências que possibilitem o contacto com diversas manifestações artísticas de diferentes épocas, culturas e estilos, com o intuito de incentivar o espírito crítico perante diferentes visões do mundo.



2. Artes visuais

As Artes Visuais proporcionam experiências que levam a criança a agir para lá do pensamento, viajando pelo mundo através de numa simples imagem ou de um desenho.

As Artes Visuais, em articulação com as outras áreas de conteúdo, apoia-se em diferentes expressões visuais (a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura e a fotografia) e em diversos materiais e códigos específicos, que lhe atribuem a particular identidade, enquanto forma de expressão.

Neste sentido, as OCEPE, 2016 destacam, neste subdomínio das Artes Visuais:

- A exploração de diversos materiais de diferentes tamanhos, cores e texturas, “de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (p.49); a utilização cuidadosa desses materiais (papel de diferentes dimensões e texturas, diferentes tipos de lápis como pastel seco, tintas de várias cores; carvão, plasticina, barro, e outros materiais moldáveis; etc.);
- A utilização de outro tipo de materiais de uso reutilizável (tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão, etc.), para lhes darmos uma nova utilização, logo um novo significado, “o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (p.49), permitindo também desenvolver a imaginação e a criatividade.
- A exploração da cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores), a textura (mole, rugosa), as formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.), as linhas (retas, curvas, verticais, horizontais), as tonalidades (claro, escuro), a figura humana (retrato, autorretrato) e a desproporção e a proporção natural.
- O respeito pelos colegas e pelos seus trabalhos, bem como pelo espaço.

A expressão artística está totalmente ligada com o desenvolvimento dos sentidos, e torna-se crucial que, para além de experimentar, observar, criar e executar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, de dialogar, de partilhar aquilo que fazem (produções da criança e do grupo) e observam (natureza, arquitetura, design, obras de arte, etc.).

São várias as técnicas possíveis de serem desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar, tais como, a pintura, o desenho, a colagem, rasgagem, recorte, decalque, modelagem, escultura, construção de objetos bi e tridimensionais. As técnicas para este contexto de ensino não têm limites, desde que sejam ajustadas às características individuais de cada criança, do grupo e da comunidade.



Deve existir uma exploração e “diálogo entre crianças e com o/a educador/a sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico. Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos”. (OCEPE, 2016, p.49). Através desta reflexão a criança relaciona as suas vivências e conhecimentos com aquilo que analisa e observa, e posteriormente com aquilo que explora e constrói.

Neste sentido, devemos proporcionar às crianças experiências que envolvam diferentes expressões visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme, etc.) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos e outros centros de cultura) permitindo à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence, aprendendo a criar e apreciar essas diferentes modalidades das artes visuais.

Na década de 90 existiu uma mudança, que se pode considerar paradigmática, em relação à educação artística em artes visuais, surgindo uma categoria mais “inclusiva”- a de Cultura Visual- que vai muito além do estudo de temas, factos, datas, “movimentos” ou destrezas técnicas, pertencentes ao mundo institucionalizado daquele que, desde o século XVIII, se convencionou chamar de “Bela Artes” e que sob influência francesa, se tinha passado a designar por “artes plásticas” (Charréu, 2003, p.12).

Torna-se essencial abordar a cultura visual, como fator fundamental para a compreensão das dinâmicas culturais. Neste sentido, existe uma necessidade de explorar a cultura visual como um novo campo de estudos, pois tal como Nicholas Mirzoeff afirma, “a experiência humana é agora mais visual e visualizada do que alguma vez foi no passado” (citado por Charréu, 2003, p.1).

Neste sentido, a cultura visual não depende das próprias imagens, mas da tendência moderna para fotografar e visualizar existências. O nosso uso das imagens e a apreciação que fazemos de determinadas imagens, (artísticas e não artísticas) revela simultaneamente uma função social e uma função estética: “diz algo sobre quem somos e como queremos ser vistos” e como “queremos ver” (Charréu, 2003, p.13).

Deste modo, através das Cultura Visual podemos construir uma relação entre os objetos e materiais de cada cultura.



3. As diferentes linguagens nas Artes Visuais

A utilização dos diferentes meios de expressão deve ser implementada desde a educação pré-escolar, em função das competências e dos projetos a serem trabalhados na sala. Assim sendo, caberá ao educador de infância o papel de criar a situação, proporcionar a oportunidade e os meios para que a criança se eduque a si própria, interessando-a, estimulando-a e incentivando-a na exploração vivencial dessa oportunidade educativa.

Para este tipo de atividades, é importante que a criança tenha ao seu dispor uma grande variedade de objetos, instrumentos, utensílios e informações, para que os possa explorar e conhecer, à sua maneira, agarrando, manuseando, tocando e modelando, através do tato, mas também observando o que as atrai através da visão.

Com a exploração de materiais e conseqüentemente com a experimentação de novas técnicas, a criança está a desenvolver um conjunto de competências, ligadas ao desenvolvimento motor, cognitivo e social.

As crianças devem ter a oportunidade de se expressar livremente nas diversas atividades que lhe são proporcionadas.

Propõem-se como áreas dominantes, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem.

3.1. Explorações plásticas bidimensionais

Na realização plástica bidimensional o educador deve disponibilizar à criança o uso de diversos materiais: aguarela, guache, acrílico, mosaico, cerâmica (azulejaria), jornais, lãs, lápis de cor, canetas de cor, entre outros.

A pintura infantil torna-se crucial para o desenvolvimento de competências nas crianças, visto que, este meio de expressão promove o desenvolvimento da coordenação motora, agilidade, ritmo e percepção espacial. A pintura é também uma atividade social que transmite uma sensação de bem-estar e estimula a autoestima das crianças.

Existem diversas técnicas de pinturas, tais como, pintura de rolo, pintura com berlinde, pintura com aguarelas, pintura com tinta cenográfica, pintura com anilinas sobre desenho com lápis de cera, pintura de dedo, pintura com os pés, pintura com as mãos, estampagem e carimbos.

Ainda nas explorações plásticas bidimensionais, torna-se essencial referir o famoso “cortar e colar” como sendo uma das atividades clássicas nas salas do pré-



escolar. A criança monta um desenho ao seu gosto cortando figuras que encontre nas revistas, jornais e cola numa folha branca elaborando as suas próprias construções. “Psicólogos, psicopedagogos e terapeutas recomendam essa atividade de artesanato como meio de buscar o relaxamento para as atividades estressantes do dia-a-dia” (“Recorte e Colagem”, 2012).

3.1.1. Desenho

As garatujas são, normalmente, o primeiro registo gráfico da criança. Esta atividade ganha complexidade conforme as crianças crescem e vão estimulando o desenvolvimento cognitivo e expressivo.

Ao desenhar, a criança exprime a sua visão sobre o mundo o que permite ao educador verificar quais os seus conhecimentos, potencialidades, habilidades e o modo como se relaciona com objetos e pessoas (Passarinha, 2012, p.1).

A realização de exercícios de desenho, explorando a capacidade expressiva e a adequada manipulação dos suportes e instrumentos, terá em conta a aplicação e a prática, de acordo com as seguintes vertentes:

- O desenho como uma atitude expressiva, explorando modos de ver, sentir e ser.
- O desenho como uma metodologia para a invenção de formas provenientes de pensamentos, ideias e utopias.
- O desenho como registo de observações ou atividades.

Existem várias técnicas de desenho:

- Desenho em diferentes tipos de papéis com:
 - Canetas de feltro;
 - Lápis de cera;
 - Giz;
 - Canetas de cor;
 - Lápis de cor;
 - Lápis de aguarela.
- Desenho canetas de acetato em folhas de acetato e em folhas brancas de papel brilhante;
- Desenho em pano cru com marcadores para tecido, entre outras.



3.2. Explorações plásticas tridimensionais

As brincadeiras das crianças são caracterizadas pela necessidade e o desejo de manipular, agarrar, atirar e moldar. Esta necessidade de manipular, de mover-se, é impulsionadora para o desenvolvimento motor da criança.

Na realização plástica tridimensional a criança deve experimentar diversos processos da escultura: talhe direto, modelação e colagem.

As práticas da escultura podem ser desenvolvidas a partir de materiais naturais e sintéticos ou recuperados, apelando à reutilização de materiais usados.

A exploração desta expressão deve estar articulada também com meios e materiais disponíveis e específicos da região e com as suas indústrias, recorrendo a madeira, cerâmica, barro, pedra, plasticina, metais, paste de moldar, plásticos, entre outros. Podendo assim, ser aproveitada a oportunidade de existir materiais próximos do seu meio, sendo uma maneira de a criança conhecer a cultura que a rodeia.

Segundo Homem et al. (2009), a livre expressão que possibilita ao manipular um objeto como a plasticina, o barro, a pasta de moldar permite que a criança, de forma autónoma e criativa, ultrapasse barreiras, inove, explore e aprenda.

3.3. Tecnologias da imagem

A integração das novas tecnologias no jardim-de-infância dá lugar a novas formas e experiências de aprendizagem. Segundo Moreira, quando aplicadas de modo apropriado, as tecnologias podem desenvolver as capacidades cognitivas e sociais, devendo ser utilizadas como uma de muitas outras opções de apoio à aprendizagem (citado por Brito s/d, p.4).

As TIC (tecnologias de informação e comunicação) possibilitam dar resposta, de forma rápida, à grande curiosidade das crianças, permitindo abrir a porta da sala a todo um leque de conhecimentos que, integrado no conjunto do trabalho desenvolvido, pode contribuir para uma visão mais ampla e para uma melhor compreensão do mundo (Amante, citado por Brito, s/d, p.4).

Portanto, a criança deve ter o contacto com meios expressivos, ligados aos diversos processos tecnológicos – a fotografia, o cinema, o vídeo, o computador, entre outros – por si só ou integrados, sendo que o educador deve dar a oportunidade de as crianças os utilizar de forma criativa e educativa.

Através desses meios as crianças podem explorar a arte de diferentes formas e interligar com diferentes áreas de conhecimento, alargando assim os conhecimentos sobre o mundo que as rodeia.

Em suma, todas estas formas de expressão são utilizadas para valorizar o processo de exploração e descoberta, dando a oportunidade de a criança imaginar, contactar com diversos materiais e de se expressar de forma livre e criativa (Homem et al. 2009).

Deve-se possibilitar à criança liberdade de expressão, no sentido em que cabe a ela própria explorar as técnicas e descobrir novas possibilidades, desenvolver a consciência crítica sobre a arte e interagir com os materiais de forma criativa. Segundo Gloton e Clero, o docente deve permitir que a criança explore o mundo à sua vontade, não a limitando, desde que não ponha em risco a sua segurança (citado por Garcia, 2015, p. 49).

No entanto, existem momentos em que o educador deve ajudar e orientar a criança, sendo que tem um papel no incentivo e encorajamento da criança, de modo a que esta arrisque e ultrapasse os seus limites.



4. As Artes Visuais: como espaço de criatividade e promoção de competências

O conceito de criação e criatividade estão naturalmente ligados às Artes Visuais. Sousa defende, que ambos os conceitos devem ser considerados em planos distintos. Nas suas palavras, criação esta relacionada com o aparecimento real de uma coisa, de uma obra que não existia antes, por ação deliberada e consciente de um ser. Já a criatividade será uma capacidade, uma aptidão de produzir ações intelectuais inteiramente novas e desconhecidas, no entanto, que torna-se inútil se não conduzir à criação (citado por Garcia, 2015, p.50).

Santos e Balancho (1993), afirmam que a criatividade para além de indispensável e imediata, deve ser o primeiro ato educativo, pois se não houver um desenvolvimento criativo sistemático, o mecanismo de ensino-aprendizagem nunca poderá funcionar de forma apropriada (citado por Morgado, 2013, p.17).

Torna-se essencial estimular e trabalhar esta capacidade desde o pré-escolar, por ter uma grande influência nas crianças, não só na promoção da autoestima, mas também na construção da identidade, ao ajudar a construir futuros adultos confiantes que aprendem a pensar por si mesmos.

Ao explorar esta competência as crianças conhecem-se e confiam nas suas potencialidades, “compreendendo que a criação em si é mais significativa do que o produto final” (Morgado, 2013, p. 18).

Segundo Sousa, através da experimentação das artes, a criança para além de desenvolver a criatividade pode “aprender por si, desenvolver os seus próprios juízos e formar os seus próprios valores, motivando-a e estimulando-a nesses propósitos” (citado por Dias, 2012, p.8).

O desenho desenvolve na criança a autoexpressão e permite que atue de modo afetivo com o mundo que a rodeia, criticando, sugerindo, opinando sobre as suas produções através da utilização das diferentes técnicas, usando diversas cores, tamanhos, símbolos, formas, entre outros.

Neste sentido, segundo Oliveira, as Artes Visuais contribuem para o desenvolvimento *motor*, desenvolvendo destrezas psicomotrizas (por exemplo o domínio do traço através de uma ferramenta); para o desenvolvimento *cognitivo*, ampliando as destrezas cognitivas (comparando diferentes obras plásticas) e para o desenvolvimento *social*, pois ajuda a criança a comunicar, partilhar, experienciar ideias, sentimentos e emoções (citado por Garcia, 2015, p.50), e também cooperar com outras crianças ao longo das suas produções artísticas.



No que confere a atividades mais concretas como o recorte e colagem, esta ação é vista como atividade mental, pois exercita a mente e promove o desenvolvimento da coordenação motora. Os trabalhos de recorte e colagem desenvolvem de igual modo as noções de espaços e superfície. A sobreposição e a justaposição na colagem de figuras, ajudam a criança a aperfeiçoar as suas noções de orientação espacial. Através desta ação as crianças partem de uma percepção dessas pequenas partes em relação ao todo.

Em particular a “rasgagem” e a colagem livre, têm como objetivo o desenvolvimento da motricidade fina, da autonomia e da capacidade de iniciativa da criança (Homem, Gomes & Montalvão, 2009).

A criança ao pintar desenvolve-se a nível motor, afetivo e social. A interpretação de obras, pintar, recriar por observação são ações que dão a oportunidade de transformar, de reconstruir, de reutilizar e de criar de novos elementos, cores, formas, texturas, entre outras.

A Arte tridimensional, como a modelagem, é uma atividade naturalmente sensorial. Através desta atividade, a criança aperfeiçoa a sua motricidade e amplia sua capacidade de criatividade. Em torno da modelagem, também é possível perceber o quão é importante a criança descarregar as energias e expressar os seus sentimentos e emoções. Portanto, torna-se fulcral que os educadores reflitam sobre a utilização desta atividade para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança.



5. Arte contemporânea em contexto Educativo

A arte na educação é visto por muitos profissionais da área e muitos autores, como um forte motor para o desenvolvimento integral das crianças, a nível cognitivo, do pensamento crítico, reflexivo e criativo. Um dos grandes problemas a resolver é a falta de diálogo entre o mundo artístico atual e a escola.

Na exploração da arte contemporânea é preciso que o educador seja consciente de que esse conceito não é um único fenómeno, mas sim um conjunto de variadas manifestações em diferentes tempos e lugares do mundo. Torna-se essencial apresentar às crianças a arte contemporânea, para que desenvolvam o sentido estético, criativo e cultural. Segundo Oliveira (2015) afirma:

(...) se existe uma arte que (...) as crianças compreendem melhor, a que estão mais ligados, esta será a arte que se cria com parâmetros paralelos aos das suas vidas, ou seja, a arte contemporânea e devemos incutir-lhes o seu valor e a forma de a descodificar (p.72).

As obras artísticas contemporâneas englobam as relações de espaço, tempo, materiais, de temas e, por isso, interagem com a sociedade.

Ao explorar a arte contemporânea promove-se um contato direto com o tempo e o espaço vivenciado pelas crianças. Estando a arte contemporânea enraizada e valorizada na sociedade atual é essencial que a educação a tenha como referência e a potencie como recurso educativo (Oliveira, 2013).

As conceções de gosto e o modo como construímos o mundo são influenciadas pela realidade visual em que vivemos, pois a sociedade atual as imagens não são neutras, estão carregadas de significados e mensagens, tornando-se recursos visuais que implicam conteúdos que devem ser descodificados. A análise da imagem permite à criança apreender os seus enunciados, tornando-a leitora do mundo e da realidade que a rodeia (Oliveira, 2013).

Como afirma Dondis (2000), «lo que uno ve es una parte fundamental de lo que uno sabe», ou seja, o conhecimento visual pode ajudar-nos a ver o que vemos e a saber o que sabemos (citado por Belver, Moreno & Nuere, 2005, p. 14).

Torna-se necessário o exercício de interpretar, descrever, compreender, dialogar e despertar o olhar, através do conhecimento contido nas obras de arte ou na cultura visual (Hernández, citado por Oliveira, 2013).

Podemos afirmar que uma nova racionalidade artística e pedagógica está a surgir, o que implica existir uma renovação constante do pensamento, quer a nível concetual, quer na intervenção profissional. Para isso deve existir, um



desenvolvimento profissional dos educadores que precisam de adquirir novos saberes e novas competências, de modo a enriquecer as suas práticas.

Os educadores de infância devem incidir as suas práticas numa conceção didática, pois como afirma Belver et al (2005), estas práticas centram-se “una accion educativa crítica y centrada en los múltiples saberes, lugares y tempos en los que el arte infantil se origina y se desarrolla” (p. 37).

Neste sentido, compete ao educador traduzir saberes em atividades lúdicas que consigam despertar nas crianças a vontade de apreender, interpretar, elucidar e aperfeiçoar-se.

“O educador já não é aquele que educa, mas, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (Freire, citado por Oliveira, 2013). Neste sentido, para que as práticas pedagógicas tenham êxito, o educador deve centrar a sua atenção em atividades que permitam (Oliveira, 2013):

- a) Desenhar, realizar e avaliar planos de intervenção, onde se desafie os limites da liberdade e criatividade, ampliando os referenciais artísticos das crianças onde se explorem novas formas de representar e ver, por referência a uma visão transformadora do conhecimento;
- b) Rentabilizar a dimensão experiencial e cognitiva da aprendizagem pela integração da diversidade de experiências estéticas;
- c) Criar condições para uma aprendizagem emancipatória, conducente à transformação do pensamento e à ação das crianças consentânea com a realidade atual, articulando uma atitude reflexiva, lúdica e heurística com vista à autonomia da criança;
- d) Promover níveis de criticidade, sobretudo através da indagação individual e em grupo, dos contextos e práticas da arte contemporânea para a reconstrução dos pensamentos subjetivos das crianças;
- e) Promover a comunicação dialógica através do cruzamento de experiências visuais e criativas, interesses, necessidades e linguagens artísticas, num processo interativo e facilitador da construção social do saber.

Portanto, a inclusão da arte contemporânea na educação implica não só uma redefinição de conceitos mas também uma nova ação do educador, que seja capaz de problematizar, dialogar, refletir e que seja dinâmico e aberto a novas experiências artísticas.



6. Papel do educador de infância nas Artes Visuais

O educador de infância tem um papel crucial na valorização das Artes Visuais e na utilização de materiais e técnicas diversificadas que proporcionarão às crianças experiências enriquecedoras. Segundo Dias (2012):

O cuidado com que o educador/professor aborda uma temática, a forma como ele apresenta a atividade e os materiais implícitos, o modo como clarifica o que se pretende da atividade e, acima de tudo, a maneira como ele “olha” todo o processo de construção da atividade e o resultado final, condicionará, de facto, o desempenho da criança (p.17).

O educador deve criar atividades perceptivas, expressivas e de criação, onde o diálogo a exploração do aspeto lúdico e heurístico esteja sempre presente, bem como, promover a articulação das artes visuais com as restantes áreas de conteúdo, como por exemplo através da exploração de elementos da comunicação visual (formas geométricas, linhas, figura humana, etc.) (OCEPE, 2016, p. 51).

A criança deve ter a liberdade de criar a sua arte de forma significativa para si, não condicionando o processo e o produto a figuras e modelos estereotipados que possam condicionar o imaginário, a criatividade e a individualidade da criança. Neste sentido, o educador contribuirá também para o desenvolvimento do autoestima e da capacidade artística da criança, desafiando-a a arriscar e a presenciar novas experiências.

O educador de infância tem um papel fundamental na organização do ambiente educativo, pois deve promover situações que permitam a utilização de diferentes modalidades expressivas, não só de forma orientada como também de forma livre.

O educador deve também disponibilizar diversos materiais de grande qualidade, organizados e acessíveis às crianças. Segundo Cunha, para além de o educador disponibilizar materiais, as crianças devem ser desafiadas a explorá-los em todas as suas possibilidades, como numa atividade banal com o lápis de cor e papel. Podemos transformar essas propostas simplistas e comuns numa proposta instigadora e fonte de descobertas, além de conhecermos as hipóteses das crianças sobre o que vamos trabalhar. (1999, p. 57).

Deve ser dado tempo à criança para explorar e viver o momento, assim sendo, o educador deve organizar o tempo e das atividades de modo flexível, permitindo que “a criança desenvolva o processo expressivo ao seu ritmo, incluindo retomar o



trabalho em diverso(s) momento(s), até que o considere terminado” (OCEPE, 2016: 51).

Neste sentido, ainda segundo Cunha, "para que as crianças tenham possibilidades de se desenvolver na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa com seus próprios estereótipos (...)" (1999, p. 10). Portanto, o educador deve fazer parte do processo de descoberta da criança, desprezando os estereótipos e abrindo a mente para novas ideias e novos materiais, não só entendendo, mas vivenciando as diferentes linguagens da arte com a criança.

São várias as vezes que o educador, de forma inconsciente, influência e interrompe o processo imaginário das crianças através de atividades vulgares ligadas às artes. Neste sentido, é fundamental que o educador proporcione novas experiências para que a criança possa criar realidades, fundar mundos, revelar o desconhecido, pintar, modelar formas e construir pontes.

Ao longo ou no final do trabalho de cada criança, o educador deve comentar as suas produções, envolvendo-as numa apreciação do que foi realizado e procura perceber as suas opções, de modo a ajudá-las, através de sugestões, a concretizar o que desejam fazer.

No final dos trabalhos, o educador deve expor os mesmos de modo a envolver as crianças “envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação” (OCEPE, 2016, p. 51). A exposição dos trabalhos torna-se essencial no desenvolvimento do autoestima das crianças, pois desenvolve na criança o sentimento de pertença e valorização dos seus trabalhos.

Torna-se importante salientar que as Artes Visuais proporcionam uma série de vantagens não só para a aquisição de competências das crianças como também para o trabalho dos educadores.

O educador ao apostar nesta área poderá retirar dela diversas potencialidades. Através das Artes Visuais o educador consegue detetar as dificuldades e as potencialidades das crianças. O registo das crianças das atividades realizadas surge, essencialmente, do desenho, ao analisar esse registo retira conclusões, ou seja, deteta quais os conhecimentos que as crianças adquiriram com a atividade. Neste sentido existe uma articulação das diferentes áreas do saber.

O registo gráfico terá também a finalidade de fortalecer e interiorizar esses conhecimentos nas crianças, mas também de expor essas aprendizagens aos pais e à comunidade educativa.

Com o intuito de enriquecer este tópico, a minha investigação irá focar-se não só no papel do educador no trabalho do Subdomínio das Artes Visuais, mas também nas potencialidades que as Artes Visuais puderam proporcionar.



Parte II- Estudo de caso: Papel do educador de infância nas Artes Visuais

1. Percurso Metodológico

Realizada a abordagem teórica dedicada à fase inicial deste relatório de investigação, torna-se essencial incidir sobre o trajeto que este trabalho irá percorrer. Neste ponto, procuramos expor as questões de investigação, assim como os objetivos que orientaram a minha pesquisa.

1.1. Problemática

Pretende-se aprofundar as Artes Visuais, como conteúdo a investigar no desenvolvimento da prática pedagógica. Apoiando-se nas perceções acerca do ensino das artes na educação e das suas potencialidades didáticas e pedagógicas, como sendo capazes de proporcionar às crianças atividades significativas.

A escolha desta temática tem como finalidade refletir sobre o papel que o educador deve desempenhar no que diz respeito às Artes Visuais. Visto que, esta área desperta o interesse das crianças e permite, então, desenvolver diversas competências, tais como, a imaginação e as capacidades expressivas; competências gráficas e plásticas; desenvolve a motricidade fina e a coordenação óculo-manual; desenvolve noções espaciais e de lateralidade; permite obter competências sociais de trabalho cooperativo, entre outras.

Um outro aspeto fulcral nesta investigação é analisar as potencialidades das Artes Visuais na Educação Pré-Escolar, pois constatamos que não existe uma reflexão sobre as potencialidades desta área para o trabalho do educador, de forma a proporcionar às crianças experiências significativas. Apesar de em contexto Pré-Escolar este subdomínio ser bastante explorado, ainda existe um uso estereotipado das artes nas práticas educativas.

Neste sentido, pretendemos na nossa investigação diversificar as práticas, inculcando aprendizagens significativas e lúdicas às crianças, a partir das Artes Visuais, tendo como objetivos principais:

- Perceber qual o papel do educador de infância nas Artes Visuais;
- Explorar as potencialidades das Artes Visuais na educação pré-escolar.



1.2. Metodologia

Este ponto centra-se na apresentação da metodologia em que se enquadra esta investigação. O foco será o contexto educacional de uma instituição de organismo privado de solidariedade social, sem fins lucrativos, localizada no Porto. Assim sendo, será realizado um estudo de caso, através de uma estratégia de investigação intensiva, sendo que, segundo Merriam, o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (citado por Bodgan & Biklen, 1994, p.89).

Esta investigação segue uma metodologia qualitativa, tendo como amostra as educadoras da instituição. O objetivo será realizar entrevistas aos elementos da amostra, ou seja, às seis educadoras da instituição.

O grupo a ser observado e onde serão implementadas as atividades terá como faixa etária os cinco anos, sendo um grupo de 26 crianças em que serão observadas 16. Como recolha de dados, existirá um preenchimento de grelhas de observação das crianças, assim como, registos fotográficos e audiovisuais do desenrolar das atividades e dos trabalhos efetuados. Pretendendo assim, uma análise mais completa do impacto das atividades, para conseqüentemente, selecionar, analisar e interpretar essa informação.

No final de cada atividade proposta, serão recolhidos os comentários de cada criança sobre o seu trabalho, sendo um recurso essencial para a análise da atividade em si e do desempenho de cada criança.

Neste sentido, atende-se que estes instrumentos serão imprescindíveis e adequados para obter respostas aos objetivos já mencionados.



1.3. Caracterização do grupo

Na prática educativa torna-se essencial conhecer o grupo, *“as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem (...) para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades”* (OCEPE, 1997, p.25).

Conforme a observação contínua, a interação com grupo de crianças da sala dos cinco anos, as conversas informais com a educadora e ainda as informações das fichas de identificação das crianças preenchidas pelos respetivos pais, realizamos uma reflexão sobre as características do grupo que estará mais detalhada no anexo 2.

Relativamente à Área da Formação Pessoal e Social, as crianças contribuem para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhecem a sua razão e necessidade e procuram cumpri-las. No que respeita ao desenvolvimento socio-afetivo, as crianças são capazes de brincar umas com as outras e, no geral, são capazes de partilhar os brinquedos. Esta fase de desenvolvimento é também caracterizada pelo egocentrismo. No entanto, a maioria das crianças do grupo em questão, já ultrapassaram este aspeto, sendo capazes de reconhecer a opinião dos outros como válida. As crianças são capazes de comunicar entre si, trocar opiniões e partilham situações do dia-a-dia e também conseguem demonstrar empatia uns pelos outros.

Relativamente ao domínio da linguagem oral, este grupo sente vontade de partilhar e de comunicar com os restantes elementos sobre as explorações. Ainda na linguagem oral, de um modo geral, as crianças conseguem ter um diálogo coerente e existe uma evolução ao pronunciar as palavras. O grupo demonstra prazer na escuta de histórias, e por vezes, algumas crianças levam uma história para o adulto contar. As crianças demonstram uma boa capacidade na criação de histórias e adquiriram a capacidade de as recontar e de interpretar.

No que respeita à abordagem à escrita, as crianças já identificam as letras do seu nome, o seu nome por completo e até o nome de alguns colegas. Existe uma evolução também no reconhecimento do registo gráfico, demonstrando prazer nesse domínio. É um grupo que sente prazer pela escrita, existindo assim uma área específica para esse efeito (área da escrita), onde as crianças copiam algumas palavras, desenham algumas letras ou fazem jogos com letras de madeira.

Relativamente ao desenvolvimento psicomotor, o grupo de crianças já detêm diversas competências motoras, tais como, correr, lançar, agarrar, pontapear, saltar a



pés juntos e saltar ao pé-coxinho. O grupo já conhece a sua mão dominante e demonstra uma evolução no reconhecimento do lado direito e lado esquerdo do corpo. As competências motoras relativas à motricidade fina, tal como apertar os cordões das sapatilhas, cortar com uma tesoura, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos, as crianças ainda demonstram alguma dificuldade a esse nível.

No que confere às Artes Visuais, é notória uma evolução, tanto no registo artístico como na utilização e exploração do traço e da cor. O grupo tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (a pintura, o desenho, as colagens, a modelagem, etc.), recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas). As crianças já são capazes de utilizar o traço para representar diversos elementos e as cores para os colorir. No geral, o grupo representa elementos com alguns pormenores, trata-se de um grupo bastante criativo que usufrui da imaginação para concretizar as suas produções. Ao longo dos trabalhos as crianças demonstram prazer na partilha com o adulto e restantes colegas, sentindo uma necessidade de aprovação por parte do Educador de Infância. Depois de realizar as suas produções as crianças sentem a necessidade de as partilhar ao restante grupo e ao adulto e gostam de ver expostos e valorizados esses seus trabalhos.



1.4. Implementação das atividades

No grupo dos 5 anos foram implementadas dez atividades relacionadas com o subdomínio das Artes Visuais, a planificação detalhada de cada atividade pode ser consultada no anexo 6.

Para a implementação destas atividades, tornou-se essencial recolher informação sobre o ambiente educativo. Possibilitando-nos analisar os ideários da instituição, observar as potencialidades do espaço, tanto de sala como da restante instituição, e conhecer as características do grupo de crianças, bem como, as suas capacidades, interesses e dificuldades, de modo a agir com intencionalidade.

Deste modo, para agir de forma intencional, estas atividades foram planificadas tendo sempre em conta os interesses e necessidades de cada criança, ou seja, as crianças tiveram sempre um papel ativo e participativo nestas planificações dando sugestões e lançando novas propostas.

No início do ano foi perguntado a cada criança o que gostaria de aprender ou realizar durante o ano. Essas sugestões foram registadas através do desenho e afixadas na sala. À medida que realizávamos as atividades propostas pelas crianças, a criança em questão coloria o seu desenho de modo a registar a concretização dessa atividade.

Posto isto, quatro das atividades deste relatório foram implementadas indo ao encontro dessas sugestões, ou seja, a atividade sobre a coruja, a moldagem de animais em plasticina, a elaboração de máscaras e a construção de uma televisão foram atividades propostas pelas crianças e aceites pelo grupo.

No que confere à atividade sobre a coruja, esta atividade teve como principais objetivos explorar as características da coruja e desenvolver a capacidade de autoavaliar o seu desenho. Esta proposta surgiu de uma das crianças que disse que gostaria de saber mais sobre os animais. Nesta atividade, as crianças refletiram particularmente sobre as características da coruja, desenharam esse animal com lápis de grafite e coloriram com lápis de cor. Posteriormente, existiu um momento de pesquisa, onde as crianças puderam retirar conclusões sobre as características da coruja, para melhorar o seu desenho. Mais tarde foi proposto a construção de uma coruja em forma de espantalho, para colocar na horta que o grupo cuida na Quinta do Covelo. Esta coruja foi elaborada com materiais de desperdício, dando a conhecer as potencialidades desses materiais.

Relativamente à moldagem de animais em plasticina, esta proposta surgiu do seguimento da atividade sobre a coruja, alargando o leque a outros animais e



utilizando uma técnica diferente, ou seja, a moldagem. Cada criança teve a oportunidade de escolher e pesquisar sobre um animal para posteriormente construí-lo em plasticina. Esta atividade teve como principais objetivos explorar as características físicas de outros animais e estimular a criatividade e a motricidade fina através desta técnica.

No que diz respeito à elaboração de máscaras, nesta atividade cada criança teve a oportunidade de construir a sua própria máscara. Esta construção foi realizada com a técnica da papelagem, ou seja, as crianças cobriram um molde de uma máscara com várias camadas de jornal e cola branca, tendo como objetivo desenvolver noções de orientação espacial. Depois desta técnica concluída, as crianças passaram à pintura da máscara com guache, mas antes foi dado a oportunidade de as crianças visionarem uma apresentação com máscaras tradicionais de outros países, para lhes dar a conhecer outras culturas. De seguida, surgiu de uma das crianças a ideia de realizar uma dança com as máscaras. Posto isso, as crianças vestidas de preto dançaram com as suas máscaras e apresentaram essa dança aos restantes grupos da instituição. Esta proposta teve como objetivo principal desenvolver a expressão corporal.

No que confere à construção de uma televisão, as crianças com a ajuda do adulto construíram uma televisão em cartão e coloriram com tinta de guache. Depois surgiu a ideia de o ecrã da TV ser um mote para expor alguns dos desenhos das crianças. Posto isto, seguindo o gosto das crianças pela criação de histórias, em grupos elaboraram uma história e ilustraram-na para ser apresentada nessa televisão. Cada criança ilustrou uma parte da história numa folha de acetato com poscas coloridas. Com esta atividade, pretendemos que as crianças desenvolvessem a imaginação através da criação de histórias, elaborassem frases com uma estrutura cada vez mais completa e que cooperassem com os colegas na elaboração das ilustrações.

A atividade da banda desenhada, o desenho em acetato (construção da televisão), desenho com aquarela e o desenho com giz, seguiu o interesse que o grupo revelava pela escuta e criação de histórias e pelo registo dessas histórias através do desenho.

Relativamente à elaboração da banda desenhada, esta proposta surgiu da criação de uma história em grande grupo a partir de imagens. A banda desenhada foi o tipo de registo escolhido em grupo para ilustrar a história elaborada. Com esta atividade, pretendemos dar a conhecer às crianças esta forma de arte que conjuga a imagem com o texto, conhecida pela história aos quadradinhos. As crianças foram



divididas em pequenos grupos e foi dado uma folha A3 dividida em seis partes, para que cada criança ilustrasse um episódio da história com canetas de cor. No final, as bandas desenhadas foram apresentadas ao grande grupo dando a oportunidade de as restantes crianças interpretarem as ilustrações dos colegas.

Quanto à atividade do desenho com aguarela, as crianças com lápis aguarela elaboraram um desenho à sua escolha e coloriram com aguarelas, a partir desse desenho as crianças foram desafiadas a elaborar uma história que foi registada. Com esta atividade, desejamos que as crianças desenvolvessem a criatividade e elaborassem elementos com pormenores. No final, estes desenhos foram colocados num quadro e apresentados à restante comunidade educativa no dia da festa de finalistas.

No que diz respeito à atividade que foi proposto a elaboração de um desenho com giz, surgiu a partir da apresentação do livro “o livro negro das cores”. Com esta atividade foi dado a oportunidade de as crianças refletirem sobre os sentidos, dando ênfase ao sentido da visão, de forma a perceber que o mundo que nos rodeia vai muito além do que vemos. Posto isto, foi distribuído a cada criança uma cartolina preta e giz colorido, desafiando as crianças a explorarem as cores usufruindo não só do tato, mas principalmente da visão, como sendo um bem precioso que temos. O objetivo principal desta atividade foi o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, através do desenho de diversos elementos.

Outra atividade implementada foi a construção com lãs que surgiu de um interesse e sugestão de uma das crianças. Esta sugestão surgiu do seio familiar dessa criança que conseqüentemente despertou o interesse do grupo. As crianças com lãs coloridas puderam construir elementos em cima de uma folha de cartolina. Depois de realizada a sua construção foi colocado uma película autocolante por cima da mesma construção para a afixar. As crianças com os fios de lã construíram diversos elementos, desde casas, flores, letras, pessoas, animais, entre outros e pretendemos que desenvolvessem essencialmente a motricidade fina e a coordenação oculo-manual.

Por fim, a atividade de construção com formas geométricas e a atividade do dia mundial das crianças surgiu do interesse do grupo pela exploração dos blocos lógicos e o gosto pela escrita e conhecimento das letras. Mas também seguiu a necessidade que o grupo revelava em desenvolver capacidades relacionadas com estes dois domínios.

No que diz respeito à construção com formas geométricas, as crianças tiveram a oportunidade de escolher os blocos lógicos que desejavam para a sua construção. Depois contornaram essas formas geométricas em folhas coloridas e recortaram-nas.



Posto isto, construíram vários elementos com essas formas, tais como, pessoas, flores, veículos, casas, entre outros e colaram numa folha também colorida. Por fim, com canecas de cor finalizaram as suas produções desenhando alguns pormenores. Com esta atividade, pretendemos que as crianças explorassem as características das formas geométricas e as usassem de forma criativa.

Quanto à atividade do dia mundial da criança, as crianças foram desafiadas a escolher uma palavra que para elas definisse “ser criança”, tendo como objetivo desenvolver o espírito crítico e aumentar o campo lexical do grupo. Para registar essa palavra as crianças transcreveram-na numa folha de cartolina com lápis de grafite, fomentando a utilização do código escrito. Depois foi dada a possibilidade de as crianças contactarem com um material diferente, ou seja, o papel crepe, com esse papel propusemos às crianças moldarem pequenas bolas e utiliza-las para contornar as letras da palavra escolhida. Para além deste material foi também utilizado tinta e pincel para contornar algumas letras.

Deste modo, podemos afirmar que todas as atividades implementadas promoveram aprendizagens interativas e expressivas, respeitando a participação ativa das crianças e exploraram as potencialidades do subdomínio das Artes Visuais como recurso no ensino-aprendizagem nas restantes áreas/domínios.

Para além de existir uma preocupação em respeitar os interesses e necessidades das crianças também surgiu a preocupação de proporcionar às crianças atividades que explorassem uma grande variedade de técnicas, diversificando os materiais e recursos aquando das intervenções pedagógicas. Essas atividades apesar de serem devidamente planificadas, eram realizadas de forma flexível, respeitando o tempo de cada criança, ou seja, foi dado às crianças a oportunidade de parar e retomar à atividade assim que se sentissem preparadas para a concretizar.

Através das diferentes atividades foram várias as competências que eram pretendidas que as crianças desenvolvessem, essas competências foram a nível do desenvolvimento motor, do desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento social.

No que confere ao desenvolvimento motor, pretendeu-se que as crianças desenvolvessem essencialmente a motricidade fina e a coordenação oculo-manual através da exploração de diferentes materiais. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, pretendeu-se que as crianças desenvolvessem a capacidade de reflexão e de espírito crítico na apreciação das suas produções artísticas, mas também a criatividade e a imaginação na exploração das diferentes técnicas. Relativamente ao desenvolvimento social, durante e no final de cada atividade foi dado às crianças a oportunidade e o incentivo de dialogarem e trocarem ideias e sugestões com o adulto e com as



restantes crianças, desenvolvendo assim a interação social, através desse diálogo, da cooperação entre pares e da troca de sentimentos e emoções.

No final de todas as atividades, as crianças tiveram a oportunidade de partilharem os seus trabalhos e verem esses mesmos trabalhos expostos nos locais propostos pelas mesmas.

Para analisar aspetos importantes ao longo das atividades foi preenchido uma grelha de observação (anexo 7), de modo a observar não só a participação de cada criança, como também, a atitude e o comportamento face à atividade.

Foram também recolhidos os comentários de cada criança em todas as atividades (anexo 5). Através desses comentários, as crianças puderam não só partilhar os conhecimentos e competências adquiridas, mas também partilhar o seu feedback sobre cada atividade, ou seja, confessar quais foram as situações em que se sentiram mais à vontade e aquelas que sentiram mais dificuldade.



1.5. Análise das grelhas de observação

Ao longo das atividades foram observados alguns aspetos pertinentes para abordar a temática. De modo a completar estas observações, foi registado os comentários que as crianças realizaram em cada atividade (anexo 4). Esses comentários sustentaram toda a informação recolhida através da grelha de observação (anexo 7).

Ao planificar as atividades foi tido em conta, não só variar no tipo de técnicas, como também a articulação com as restantes áreas de conteúdo. Ao analisar as atividades podemos afirmar que o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, foi a área de conteúdo mais abordada em articulação com o Subdomínio das Artes Visuais, sendo que esteve presente em seis das dez atividades, ou seja, em cerca de 60% das atividades existiu a articulação com este domínio.

Relativamente à participação das crianças nas atividades, todas as crianças aderiram voluntariamente a todas as atividades, procurando sempre de forma autónoma o material necessário e esforçando-se com persistência na execução das mesmas.

É de salientar que a análise destas observações foi auxiliada pela construção de gráficos que podem ser consultados no anexo 9.

1ª Atividade- Desenho da Coruja

Relativamente ao parâmetro reservado à participação desta atividade as crianças atingiram os resultados com facilidade, no entanto, no que diz respeito à toma de iniciativa e a dada de sugestões 12,5% (2) das crianças sentiram alguma dificuldade (cfr. gráfico 1).

No que diz respeito à atitude face a esta atividade, as crianças no geral atingiram os resultados com facilidade, no entanto, no auxílio aos amigos cerca de 18,75% das crianças (3 crianças) foi visível mas de forma muito precoce. O mesmo aconteceu com a capacidade de partilhar o seu trabalho enquanto o executava e com a capacidade de resolver problemas que surgiam (cfr. Gráfico 2).

No gráfico 3, pode-se observar que todas as crianças nesta atividade executaram a técnica segundo as orientações do educador e de forma autónoma. No total de 82% (11 crianças) das crianças realizaram o desenho da coruja com alguns pormenores, no entanto 18,75% (3 crianças) do grupo sentiu dificuldade nesse aspeto. O mesmo acontece com a questão da criatividade, sendo que também quatro das



crianças (25%) sentiram dificuldades em produzir elementos com criatividade. No entanto pode-se afirmar que, a maioria do grupo, ou seja, 81,75% realizou o trabalho com alguns pormenores e 75% das crianças realizaram com criatividade. Ainda no que respeita ao comportamento das crianças face à atividade pode-se verificar que a maioria aprecia o seu trabalho e o dos outros e no final sente necessidade de partilhar o seu trabalho (87,5%). No entanto, no primeiro aspeto 18% das crianças sentiram dificuldade e no segundo aspeto apenas 12,5% sentiram dificuldade.

2ª Atividade- Animais em plasticina

No que diz respeito à participação das crianças nesta atividade, pode-se verificar que a maioria das crianças atingiram os resultados com facilidade, no entanto, no que diz respeito à toma de iniciativa e a dada de sugestões, 31,25% (5) das crianças sentiram dificuldades neste aspeto (cfr. Gráfico 4).

Como o gráfico 5 indica, todas as crianças se empenharam na execução desta atividade com motivação e no final demonstraram o seu agrado pelo produto final. Ao longo da execução do seu trabalho, apesar de 12,5% (2 crianças) sentirem dificuldades em partilharem o seu trabalho com os colegas e com o adulto, a maioria, cerca de 87,5% iam partilhando o seu trabalho. No que diz respeito à resolução de problemas, 25% (4 crianças) sentiram dificuldades, no entanto a maioria foi capaz de ultrapassar esses problemas. Ao longo da atividade as crianças ajudavam-se mutuamente, no entanto cerca de 31,75% (5) das crianças sentiram dificuldades nesse ato.

No gráfico 6, pode-se observar que apenas uma criança sentiu dificuldade em executar a atividade segundo as orientações da educadora e 18,75% (3 crianças) sentiram dificuldade em executar a atividade de forma autónoma. No total de 93,75% (15 crianças) realizaram o trabalho com alguns pormenores e apenas uma criança sentiu dificuldades nesse aspeto. No que diz respeito à criatividade, 37,5% (6 crianças) sentiram dificuldades nessa produção. Nesta atividade, a maioria das crianças no final sente necessidade de partilhar o trabalho (87,5%) e aprecia o seu trabalho e o dos outros (68,75%).

3ª Atividade- Máscaras de Carnaval

Foi observado que todas as crianças revelaram desejo em executar a atividade, apenas uma criança não se empenhou a 100% na atividade, mas na sua maioria (93,75%) as crianças empenharam-se na execução desta atividade com motivação. Ao longo da execução do seu trabalho, apesar de uma criança ter sentido dificuldade



em partilhar o seu trabalho com os colegas e com o adulto, todas as outras crianças, cerca de 93,75%, iam partilhando o seu trabalho. Ao longo da atividade as crianças ajudavam-se mutuamente, no entanto 18,75% das crianças sentiram dificuldades nesse ato.

No que diz respeito à resolução de problemas, 25% (4 crianças) sentiram dificuldades, mas a maioria foi capaz de ultrapassar esses problemas.

No gráfico 9, pode-se verificar que apenas uma criança sentiu dificuldades em executar a atividade segundo as orientações do educador e 12,5% (2 crianças) sentiram dificuldades em executar a atividade de forma autónoma. No que diz respeito à produção de elementos com pormenores e com criatividade, a maioria das crianças (75%) atingiram os resultados com facilidade. O mesmo acontece com a apreciação que as crianças fazem ao seu trabalho e ao trabalho dos colegas. No final da atividade, todas as crianças sentiram a necessidade de partilhar o seu trabalho com o adulto e com os colegas (cfr. Gráfico 9).

4ª Atividade- Construção com formas geométricas

Ao observar o gráfico 10, pode-se verificar que todas as crianças, uma vez mais, aderiram voluntariamente à atividade, esforçando-se na execução, procurando, autonomamente, o material necessário.

Relativamente à atitude face a esta atividade, todas as crianças demonstraram motivação na execução da atividade e a maioria (93,75%) empenhou-se na atividade e partilhou o seu trabalho enquanto executava. No total de 75% (12) das crianças, tomaram iniciativa para resolver alguns problemas que foram surgindo e, ao longo do trabalho, sentiram a necessidade de o partilhar com os adultos e aos seus colegas enquanto o executava (cfr. Gráfico 11).

Todas as crianças executaram a atividade de forma autónoma e segundo as orientações da educadora de infância. Na maioria, as crianças elaboraram o seu trabalho com alguns pormenores e criatividade, sendo que 81,25% (13) das crianças atingiram os resultados com facilidade. No final desta atividade, todas as crianças sentiram a necessidade de partilhar o seu trabalho com os adultos e com os colegas e a sua maioria (75%) apreciou o seu trabalho e o dos colegas (cfr. Gráfico 12).

5ª Atividade- Banda Desenhada

Como pode-se observar no gráfico 13, nesta atividade o grupo de crianças aderiu voluntariamente, esforçando-se na execução e procurando autonomamente o material necessário para a realização da mesma.



No que diz respeito à atitude face à atividade, as crianças na sua maioria (93,75%) empenharam-se na execução da mesma e partilhavam o seu trabalho enquanto executavam. É de salientar que todas as crianças revelaram entusiasmo na execução da atividade. No total de 18,75% (3) das crianças sentiram dificuldade em resolver alguns problemas que iam surgindo, revelando ainda sentir dificuldade em ajudar o amigo na execução da atividade estando focados no seu trabalho (cfr. Gráfico 14).

No que diz respeito ao comportamento face à atividade, uma das crianças sentiu dificuldade em executar a técnica segundo as orientações do educador, no entanto a maioria foi capaz de executar seguindo essas orientações (93,75%) e todas as crianças executaram a técnica autonomamente. No total de 75% (12) das crianças produziram elementos com alguns pormenores e com criatividade e apreciavam o seu trabalho e o dos colegas enquanto executavam. No final, todas as crianças sentiram a necessidade de partilhar o seu trabalho com os amigos e com os adultos (cfr. Gráfico 15).

6ª Atividade- Desenho com lãs

Como o gráfico 16 nos indica, as crianças na totalidade aderiram voluntariamente à atividade, esforçaram-se na execução, procurando o material que necessitavam

No que diz respeito à atitude face à atividade, pede-se observar no gráfico 17 que todas as crianças realizaram a atividade com entusiasmo, na sua maioria (93,75%) empenharam-se na execução da atividade e partilharam o seu trabalho enquanto o executavam. Nesta atividade 4 das crianças sentiram dificuldade em acompanhar também o trabalho dos amigos (25%) e em ajudá-los durante a atividade, dando sugestões, no entanto a maioria foi capaz de realizar esta tarefa com facilidade (75%).

No que confere ao comportamento face à atividade, todas as crianças executaram a técnica de forma autónoma e segundo as orientações do educador. Na grande maioria, as crianças foram capazes de criar elementos com alguns pormenores (93,75%) e com criatividade (75%). Ao logo da atividade algumas crianças (18,75%) pouco falavam sobre o seu trabalho e o dos colegas, no entanto no final da atividade todas quiseram partilhar o seu trabalho com o adulto e com os restantes colegas (cfr. Gráfico 18).



7ª Atividade- Desenho com giz

Como o gráfico 19 indica, uma vez mais, todas as crianças aderiram voluntariamente à atividade, esforçaram-se na execução e procuraram autonomamente o material que necessitavam.

Nesta atividade, todas as crianças mostraram empenho na execução, transparecendo algum entusiasmo. No entanto, quatro das crianças (25%) sentiram dificuldade em resolver alguns problemas que iam surgindo e em ajudar os colegas na atividade. Ao longo da atividade todas as crianças iam partilhando com o adulto o seu trabalho (cfr. Gráfico 20).

Como pode-se observar no gráfico 21, as crianças maioritariamente executaram a atividade segundo as orientações da educadora e de forma autónoma (93,75%). Nesta atividade, 81,25% (13) das crianças elaboraram o seu trabalho com alguns pormenores e criatividade (75%) (12). No total de seis crianças (37,5%), sentiram dificuldade em apreciar o trabalho dos colegas e o seu trabalho enquanto o executavam, no entanto, a maioria (81,25%) sentiu a necessidade de partilhar o seu trabalho depois de concluído.

8ª Atividade- Desenho em acetato

No que diz respeito à participação nesta atividade, as crianças, uma vez mais, aderiram voluntariamente, esforçando-se na execução e na procura autónoma do material necessário (cfr. Gráfico 22).

Como podemos verificar no gráfico 23, todas as crianças empenharam-se na execução da atividade e revelaram entusiasmo na mesma. Na resolução dos problemas que iam surgindo ao longo da atividade, 18,75% (3) sentiram dificuldades neste aspeto e o mesmo aconteceu na ajuda aos restantes colegas (25%). A maioria das crianças, sentiu a necessidade de partilhar o seu trabalho enquanto o executavam (81,25%).

Nesta atividade todas as crianças a realizaram de forma autónoma e apenas uma das crianças (12,25%) sentiu dificuldades em executá-la segundo as orientações da educadora de infância. A maioria das crianças elaborou o seu trabalho com alguns pormenores (81,25%) e com criatividade (75%).

No total de 75% (12) das crianças apreciaram o seu trabalho e o trabalho dos colegas e no final apenas duas crianças não demonstraram interesse em partilhar com os amigos e com o educador de infância o que tinham realizado. No entanto, a grande maioria sentiu essa necessidade (87,5%) e partilhou o seu trabalho.



9ª Atividade- Dia Mundial da Criança

Como podemos observar no gráfico 25, todas as crianças aderiram de livre vontade à atividade, esforçando-se na execução e procurando de forma autónoma o material que necessitavam.

Como o gráfico 26 indica, todas as crianças demonstraram desejo na execução da atividade, apenas uma criança não se dedicou a 100%, mas 93, 75% das crianças empenharam-se na execução e partilharam o seu trabalho enquanto o executavam. No que se refere à resolução de problemas, 75% das crianças foram capazes de os resolver com facilidade e 31, 25% das crianças sentiu dificuldade em ajudar os amigos sempre que precisassem.

No que diz respeito ao comportamento face à atividade, pode-se verificar no gráfico 27 que duas crianças (12,5%) sentiram dificuldade em executar esta atividade de forma autónoma e quatro crianças (25%) sentiram dificuldade em executar a atividade segundo as orientações do educador de infância. No entanto, todas as crianças foram capazes de realizar a atividade com criatividade e 81,25% (13) das produziram este trabalho com alguns pormenores. Apenas duas crianças (12,5%) sentiram dificuldade em apreciar o seu trabalho e o dos colegas, mas no final, todos desejaram partilhar os trabalhos realizados, tanto com o adulto, como com os colegas.

10ª Atividade- Desenho com aguarela

Esta última atividade não fugiu à regra, como indica o gráfico 28 todas as crianças aderiram voluntariamente à atividade, esforçando-se na execução da mesma, procurando o material autonomamente.

No gráfico 29 pode-se verificar que todas as crianças empenharam-se nesta atividade, revelando entusiasmo na participação da mesma e 93,75% das crianças iam partilhando o seu trabalho enquanto o executavam.

Quando surgiam alguns problemas ao longo da atividade as crianças eram capazes de resolver, no entanto 25% (4) das crianças sentiu dificuldades nesse aspeto. O mesmo aconteceu na ajuda aos amigos, 18, 75%, sentiram dificuldade em ajudar o outro. No entanto, a maioria das crianças teve uma atitude adequada na execução desta atividade.

O gráfico 30 mostra o comportamento das crianças ao longo da atividade, e pode-se verificar que apenas uma criança teve dificuldade de executar a atividade segundo as orientações da educadora, mas quatro crianças (25%) necessitam de ajuda do adulto para realizar a atividade. No entanto, todas as crianças foram capazes de



realizar um trabalho com criatividade e a maioria executou com alguns pormenores (93,75%). No total de 87,5% (14) das crianças apreciaram o seu trabalho e o dos colegas e no final todas as crianças sentiram a necessidade de partilhar o seu trabalho.



1.6. Análise das entrevistas

Este ponto será reservado para analisar as respostas dadas pelas educadoras de infância às perguntas realizadas. Essas entrevistas estão contempladas no anexo 3, sendo que foi a informação essencial de cada entrevista retirada e organizada numa tabela, para facilitar a análise das mesmas (anexo 8).

Na resposta á pergunta 1.1 podemos verificar que a educadora que exerce a profissão há mais tempo é a educadora C (EC), ou seja, há 31 anos, sendo que a educadora E (EE) é a que exerce há menos tempo esta profissão (8 anos).

A instituição em questão foi o primeiro emprego de cerca de 66% das educadoras entrevistadas, sendo que 83% das educadoras exercera pela primeira vez a profissão de educadora nesta instituição.

Relativamente à razão da escolha desta profissão, as educadoras dividem-se por dois motivos, sendo que 66%, a educadora A (EA), a educadora C (EC), a educadora E (EE) e a educadora EF (EF), escolheram esta profissão pelo facto de gostarem de crianças e de gostarem de trabalhar com elas, já a educadora B (EB) e a educadora D (ED) escolheram a profissão mencionando o gosto pela Educação de Infância.

No que diz respeito ao perfil ideal de um educador de infância, o indicador “prazer pela profissão” (EA, EB e EE) e o “ser atencioso” (EF, EA e EB) prevaleceram, com a percentagem de 50% cada aspeto mencionado. No que diz respeito aos indicadores “boa relação com as criança” (EA e EB), “bom comunicador” (EA e EC) e “ter um papel reflexivo” (EB e EF) foram os segundos aspetos mais mencionados pelas educadoras. Já a postura de um educador frente às crianças, o indicador “ser flexível” (EC e EE) e “estar ao lado da criança” (ED e EF) prevalecem com 33% cada.

Quanto aos aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividade, todas as educadoras responderam que é necessário ter em conta os interesses das crianças, no entanto, quase 83% das educadoras afirmaram também que é necessário ter em consideração as necessidades do grupo (EA, EB, EC, EE e EF).

Relativamente à importância da escuta, todas as educadoras pensam ser importante ter uma escuta ativa e duas das educadoras (EA e ED) ainda reforçam, afirmando que é fulcral prestar atenção a cada criança de modo conhece-las melhor.

No que confere à organização do ambiente educativo, para a EA e para a EE, deve ser um espaço estimulante e fomentar a autonomia das crianças. Quatro das educadoras entrevistadas (EB, EC, ED e EF) afirmam que o espaço deve ser



organizado com as crianças e EC afirma ainda que o ambiente educativo deve ter alguma flexibilidade.

Relativamente aos pontos fortes de cada educadora, existem pontos que coincidem, nomeadamente “a boa relação com as crianças”, afirmado por duas educadoras (EA e EB) e o facto de serem “bons comunicadores” que acrescenta a educadora A e afirma a educadora C. Outros dos pontos fortes referenciados foram o trabalho no subdomínio da música e do jogo dramático (EF) e a capacidade de trabalhar os valores das crianças (ED). Contudo a educadora E afirma sentir dificuldade em detetar os seus pontos fortes.

Quanto aos pontos fracos no seu exercício profissional, as educadoras nomearam o aspeto que sentem mais dificuldade. A avaliação das crianças (EA e ED) e o domínio da matemática (EB e EF) foram os aspetos que mais salientaram, sendo que o equilíbrio na quantidade de trabalho (EC) foi um ponto referenciado, assim como, o trabalho no subdomínio da música, sendo que apenas uma das educadoras (EE) afirmou sentir dificuldades nesse aspeto.

Entrando no ponto referente ao papel do educador nas artes visuais, foi perguntado às educadoras com que regularidade aborda este subdomínio, sendo que todas as educadoras afirmaram que abordam este subdomínio diariamente. Segundo as educadoras, este subdomínio é planificado com a ajuda das crianças, sendo que apenas uma educadora (EA) afirmou que para além de as crianças participarem ativamente na planificação, existem também momentos de sugestão do adulto.

Analisando as respostas, a técnica utilizada com mais frequência é a pintura, sendo afirmado por todas as educadoras. No entanto, o desenho é também uma das técnicas mais exploradas pelas educadoras entrevistadas (EA, EB e EC), numa percentagem de 50%. Outra técnica mencionada pelas educadoras entrevistadas, foi a digitinta (EE).

As educadoras colocam à disposição das crianças diversos materiais, sendo que os lápis de cor (EA, EB, EC e EE) e tintas (EA, EB e EC) foram mencionados por mais educadoras. As canetas (EA e EB), as esponjas (ED e EF), materiais reciclados (EC e ED) e as partes do corpo (ED e EF) são outros materiais que estão à disposição das crianças. Os lápis de cera (EB), tesouras (EA), folhas (EE) e cola (EA) foram também materiais mencionados pelas educadoras entrevistadas.

Segundo o testemunho das educadoras, as suas atividades deste subdomínio, maioritariamente (mais de 66%), são realizadas individualmente. Durante as atividades, todas as educadoras afirmam dialogar com as crianças de modo a perceber as suas opções e dando sugestões que ajudem a criança a melhorar o seu trabalho.



Para além de existirem atividades orientadas e planificadas, segundo as educadoras também existe um espaço onde as crianças podem explorar livremente este subdomínio e onde disponibilizam às crianças materiais conforme a faixa etária. Todas as educadoras afirmam que tanto as atividades orientadas como os momentos de exploração livre, são bem aceites pelas crianças e bastante procuradas.

De modo a valorizar as produções realizadas pelas crianças, todas as educadoras afirmam expor todos os trabalhos. No total de 66% das educadoras entrevistadas (EA, EB, EC e ED), afirmam que envolvem as crianças na exposição desses trabalhos, definindo o local e a estética dessa apresentação.

Ao realizar as atividades relacionadas com as Artes Visuais todas as educadoras afirmam que existe automaticamente uma articulação com outras áreas do saber.

As educadoras mencionam várias competências que são adquiridas pelas crianças na exploração deste subdomínio. No entanto, o desenvolvimento motricidade fina e global foi mencionado por todas as educadoras entrevistadas, seguindo do sentido estético (EA, EC e EF), em que 50% das educadoras mencionaram essa mesma competência. Outras competências mencionadas pelas educadoras entrevistadas foram, a coordenação oculo-manual (EA e EB), a expressividade (EA), a interação social (EB e ED), a criatividade (EC e EF), a organização espacial (EF) e a comunicação oral (EA).

Por fim, foi perguntado às educadoras quais as vantagens que as Artes Visuais oferecem ao trabalho do educador. Cerca de 50% das educadoras entrevistadas (EB, EE e EF), afirmaram que uma das vantagens oferecidas por este subdomínio é a possibilidade que lhes dá para abordar as restantes áreas do saber. No entanto, as Artes Visuais oferecem outras vantagens, tais como, o facto de servir como forma de registo (EB e EC), avaliação (EB e ED) e dar a possibilidade das crianças se expressarem e comunicarem umas com as outras (EA e EC).



1.7. Triangulação dos dados

Este ponto será reservado para confrontar toda a análise desta investigação com a teoria selecionada e recolhida.

No que diz respeito à dimensão da planificação das atividades, as educadoras entrevistadas afirmam que o educador deve ter sempre em conta o grupo, ou seja, os seus interesses e as suas necessidades. Constatamos que as educadoras abordam o subdomínio das Artes Visuais diariamente e que essas atividades são habitualmente planificadas com as crianças. As atividades implementadas neste relatório, respeitaram de igual modo os interesses e as necessidades do grupo, e foram planificadas tendo em conta as sugestões das crianças.

Relativamente à dimensão reservada à exploração de técnicas, as educadoras afirmaram que as técnicas que utilizam com mais frequência são a pintura e o desenho. Ao longo deste relatório foram exploradas diversas técnicas, sendo que também o desenho e a pintura foram as técnicas que mais auxiliaram os trabalhos das crianças. Na exploração de novas técnicas as crianças aderiram voluntariamente e demonstraram motivação, como podemos verificar no comentário de algumas crianças “Gostei porque tem muita cor e nunca tinha feito destes trabalhos” (JPA); “Eu achei difícil porque eu não estou habituado a desenhar com giz, (...) mas gostei de fazer este trabalho.” (JPF).

Relativamente à dimensão que concerne aos tipos de materiais utilizados, podemos afirmar que foram vários os materiais que colocamos à disposição das crianças (papel crepe, tintas, pincéis, giz, lã, entre outros). Foi dada também a oportunidade de as crianças experimentarem alguns materiais de desperdício, visto que ao ser dada uma nova utilização “permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (OCEPE, 2016, p.49). Podemos também constatar que as educadoras entrevistadas colocam à disposição das crianças uma grande variedade de materiais, bem como, lápis de cor, folhas, tintas, pincéis e materiais reciclados, dando assim a possibilidade de as crianças “desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (OCEPE, 2016, p.49).

Quanto à dimensão direcionada para a metodologia de trabalho, nas atividades implementadas, foi proporcionado às crianças momentos em que interagissem umas com as outras e trabalhassem em grupo para um mesmo fim. No entanto, ao entrevistar as educadoras constatei que a maioria afirma que o trabalho das crianças neste subdomínio, é um trabalho maioritariamente individualizado. Embora os dois tipos de trabalho tenham as suas vantagens e possam ser ambos utilizados, Niza



(1998) afirma que “A cooperação, como processo educativo (...) [se] tem revelado a melhor estrutura social para a aquisição de competências, o que contraria frontalmente, toda a tradição individualista e competitiva da organização do trabalho na escola” (citado por Monteiro, 2012, p.38).

No que se refere à dimensão reservada à importância do diálogo, podemos afirmar que ao longo das atividades implementadas, as crianças na sua grande maioria iam partilhando e apreciando o seu trabalho e o dos colegas. As educadoras entrevistadas afirmam também que dialogam com as crianças ao longo das atividades, pois como é mencionado nas OCEPE (2016), o educador deve dialogar com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, “procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (p.51).

Quanto à dimensão que diz respeito à partilha e exposição dos trabalhos, no final das atividades era proporcionado às crianças um momento que possibilitava partilharem o seu trabalho. A maioria sentiu essa necessidade sendo que quase todas as crianças tomaram essa atitude de forma voluntária. Depois desta partilha era escolhido, juntamente com as crianças, o local mais indicado para afixar os seus trabalhos e todos os trabalhos eram expostos. De modo a valorizar o trabalho realizado pelas crianças, também todas as educadoras afirmaram que reservam um momento de partilha e expõem todos os trabalhos das crianças. Sendo que a maioria envolve as crianças na exposição dos mesmos, definindo o local e a estética dessa apresentação.

Relativamente à dimensão reservada para a interdisciplinaridade, podemos constatar que todas as educadoras afirmaram que ao realizar as atividades relacionadas com as Artes Visuais, existe automaticamente uma articulação com outras áreas do saber. O mesmo é observado nas atividades implementadas, sendo que através de diversos meios as crianças puderam explorar a arte de diferentes formas e interligar com diferentes áreas de conhecimento, alargando assim os conhecimentos sobre o mundo que as rodeia.

No que diz respeito à dimensão que engloba as competências desenvolvidas, podemos verificar que foram várias as competências mencionadas pelas educadoras, tais como, o desenvolvimento motricidade fina e global, o sentido estético, a coordenação oculo-manual, a expressividade, a interação social, a criatividade, a organização espacial e a comunicação oral. Essas mesmas competências foram também observadas ao longo das atividades implementadas, sendo que aqui o desenvolvimento motor, ou seja, as destrezas psicomotrizes, o desenvolvimento cognitivo através da reflexão e da partilha, o desenvolvimento social, através do



diálogo, da cooperação entre pares, da troca de ideias, sentimentos e emoções, bem como o desenvolvimento da criatividade, foram as competências que se destacaram ao longo das atividades implementadas. Ao analisar a grelha de observação podemos ainda confirmar que o grupo demonstrou ser criativo, utilizando bastantes pormenores na construção dos seus trabalhos. Como Santos e Balancho (1993) afirmam, a criatividade para além de indispensável e imediata, deve ser o primeiro ato educativo, pois se não houver um desenvolvimento criativo sistemático, o mecanismo de ensino-aprendizagem nunca poderá funcionar de forma apropriada (citado por Morgado, 2013, p.17).

Por fim, quanto à dimensão que salienta as potencialidades das Artes Visuais no trabalho do educador, podemos observar que através do registo das crianças, utilizando diversas técnicas, o educador retira informação sobre algumas das dificuldades e potencialidades de cada criança. Esses registos surgem através, essencialmente, do desenho e como Passarinha (2012), afirma, ao desenhar a criança exprime a sua visão sobre o mundo o que permite ao educador verificar quais os seus conhecimentos, potencialidades, habilidades e o modo como se relaciona com objetos e pessoas (p.1). Isso foi visível não só nos seus trabalhos mas também nos comentários das crianças que foram recolhidos de cada atividade.

As educadoras entrevistadas vieram confirmar algumas dessas potencialidades e mencionaram outras que se mostram relevantes. A EB afirma que “através deste subdomínio podemos abordar, explorar e trabalhar as restantes áreas de conteúdo. Ainda a ED menciona que “no fundo as artes visuais (...) servem como avaliação do desenvolvimento da criança”. A EA afirma que uma das potencialidades das Artes Visuais é o facto de dar a possibilidade das crianças se expressarem e comunicarem umas com as outras, afirmando ainda, que este subdomínio “é essencial no trabalho do educador, não consigo imaginar um educador que não dê valor às artes visuais, porque acaba por ser um trabalho muito redutor, acaba por ser um trabalho que perde a essência da criança”.



Considerações finais

Ao longo do presente trabalho pretendeu-se retratar a realidade vivida numa instituição no que confere ao subdomínio das Artes Visuais, resta-nos agora refletir sobre todo este processo.

Os instrumentos utilizados nesta investigação possibilitaram uma observação atenta e aprofundada acerca desta temática, dando resposta aos objetivos estipulados na problemática deste relatório. Estes instrumentos tornaram-se essenciais para avaliar o desempenho das crianças, no que diz respeito à sua participação na atividade, bem como a atitude e o comportamento face à atividade. Permitiu também avaliar as potencialidades das artes visuais na educação pré-escolar e perceber qual o papel do educador na exploração dessas atividades.

O primeiro objetivo mencionado na problemática, e talvez o cerne desta investigação, foi perceber qual o papel do educador de infância nas Artes Visuais. Esse objetivo foi concretizado através não só da informação retida nas entrevistas às educadoras, mas também através da implementação das atividades. Nas entrevistas realizadas, as educadoras mencionaram aspetos importantes sobre qual deve ser o papel do educador na implementação de atividades de Artes Visuais. Estes aspetos deram-nos assim a conhecer a realidade vivida na instituição e foram ao encontro de alguns dos objetivos das atividades implementadas neste relatório.

Constatamos que o educador de infância deve proporcionar às crianças a exploração de diferentes técnicas relacionadas com as Artes Visuais, que levem a explorar diferentes materiais. Deste modo, ao longo das atividades implementadas foram disponibilizados às crianças vários materiais que foram explorados de diversas formas de modo a que as crianças percebessem as suas potencialidades. Assim sendo, concluímos que o educador deve fazer parte do processo de descoberta da criança, desprezando os estereótipos e abrindo a mente para novas ideias e novos recursos, vivenciando as diferentes linguagens da arte com a criança. Deste modo, ao implementar as atividades contempladas neste relatório, tivemos em conta os interesses e necessidades de cada criança. Para isso, foi importante a escuta ativa do adulto, de modo a ouvir cada criança e dar resposta aos seus desejos, sendo necessário respeitar a participação ativa das crianças, ou seja, em todas as atividades a criança foi o agente principal nas suas produções.

Podemos constatar que o educador de infância deve respeitar o tempo de cada criança, promovendo a flexibilidade na concretização das mesmas, pois torna-se essencial que a criança desenvolva o processo expressivo ao seu ritmo, dando a



possibilidade de retomar o trabalho em diversos momentos, até que o considere terminado.

A importância do diálogo ao longo das produções das crianças, foi também um aspecto mencionado pelas educadoras entrevistadas e também um ato que se revelou crucial no decorrer das atividades implementadas. Foi dada a oportunidade de cada criança interagir não só com o adulto mas também com os seus colegas, existindo momentos muito ricos de troca de ideias e sugestões de melhoria dos seus trabalhos. Como vimos, a partilha e a exposição do trabalho das crianças revelou-se um aspecto crucial, pois ao valorizarmos o trabalho das crianças, promovemos a motivação e o autoestima de cada criança, incentivando-a a arriscar e a realizar novas experiências.

O segundo objetivo deste relatório de investigação consistia em explorar as potencialidades das Artes Visuais na educação pré-escolar. Esse objetivo foi concretizado não só através da análise das entrevistas mas também através das atividades implementadas. Com isto, podemos concluir que as Artes Visuais promovem aprendizagens interativas e expressivas, através de exploração de diferentes técnicas, diversificando os materiais e recursos aquando das intervenções pedagógicas.

Com esta investigação, constatamos que as Artes Visuais têm a função essencial de servir como recurso no ensino-aprendizagem das restantes áreas/domínios/subdomínios, ou seja, não só as educadoras confirmaram esse aspecto como também ao longo das atividades foi possível constatar esse mesmo facto. Todas as atividades relacionadas com artes visuais estavam ligadas a pelo menos uma outra área de saber, alargando os conhecimentos de cada criança. Concluindo assim que o subdomínio das Artes Visuais não só enriquece as restantes áreas de conteúdo, como também é enriquecido por essas mesmas áreas, promovendo o desenvolvimento integral da criança.

Posto isto, ao longo da implementação das atividades, constatamos que este subdomínio possibilita o desenvolvimento de diversas competências a vários níveis, ou seja, ao nível do desenvolvimento motor, cognitivo e social. Podemos observar também que através deste subdomínio a criança desenvolve a sua personalidade de forma autónoma e crítica ao expressar-se e transpor para o seu trabalho as suas emoções, desejos e conquistas.

Como pudemos observar, são várias as potencialidades das Artes Visuais, não só no desenvolvimento integral da criança, como também no auxílio do trabalho do educador de infância, permitindo avaliar o desenvolvimento de cada criança, através da análise e discussão sobre as produções realizadas pelas crianças.



Podemos concluir, que é fundamental o educador ter um papel ativo na orientação das atividades relacionadas com as Artes Visuais, ou seja, apostar em materiais diversificados e explorar diversas técnicas que a levem a criança a descobrir novos mundos. Neste relatório tivemos sempre essa preocupação, no entanto, revelou-se um grande desafio, pois este subdomínio ainda é pouco explorado pelos educadores de infância, dando ênfase à exploração livre, focada apenas em algumas técnicas, tais como, o desenho e a pintura. Deste modo, foi difícil encontrar fontes teóricas que nos ajudassem e permitissem proporcionar às crianças atividades inovadoras.

Ao longo das atividades, tornou-se também difícil observar de forma atenta cada criança e preencher os parâmetros contemplados na grelha de observação. Ao envolver-nos nas atividades, por vezes torna-se difícil analisar a atividade de forma avaliativa e registar essa análise. No entanto, a recolha dos comentários das crianças e a reflexão realizada no final de cada atividade facilitou e completou a nossa análise.

Portanto, podemos confessar que a escuta ativa, ou seja, escutar cada criança, os seus interesses, as suas necessidades, tornou-se um elo importantíssimo na concretização e no sucesso destas atividades. As crianças uma vez mais provaram que são poço de criatividade e ao serem incentivadas e ouvidas dão sugestões incríveis que ajudam o adulto a abrir horizontes e a olhar para lá do mundo, talvez seja esse o papel principal de um educador, escutar ativamente cada criança, o resto vem por acréscimo.

Com este relatório, deixamos uma porta aberta a novas descobertas e novas experiências que pretendemos realizar futuramente com outros grupos de crianças, que acreditamos que têm muito para nos ensinar. Finalizando este percurso sentimos que estamos mais sensíveis e temos uma visão mais crítica e mais refletida sobre as Artes Visuais. Estando cientes que ainda existe muito a descobrir e a explorar, pois este subdomínio não tem limites e com ele podemos abordar todas as temáticas que desejarmos.



Bibliografia

- Belver, M. H., Moreno, C., & Nuere, S. (2005). *Arte infantil en contextos contemporáneos*. Madrid: Puntos de Vistas, pp. 1-62.
- Brito, R. s/d *As TIC em educação pré-escolar portuguesa: atitudes, meios e práticas de educadores e crianças*. Málaga, pp. 4-6.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 89-92
- Catarina Homem, B. G. (2009). *Workshop pra pais e filhos- A Importância da Criatividade. Cadernos de Educação de Infância nº 88* , pp. 41-46.
- Charréu, L. (2003). *A Cultura Visual e as Novas Perspectivas Críticas para a Educação Visual*. Portalegre, pp. 1-15.
- Cultura Mix. (2012). *Recorte e Colagem-* Disponível em: <http://artesanato.culturamix.com/curiosidades/recorte-e-colagem>.
- Cunha, Suzana Rangel Vieira (1999). *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, pp. 10-57.
- Decreto-Lei nº 5/97, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Diário da República, I Série- A de 10 de fevereiro, nº 34 - Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>
- Dias, C. M. (2012). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada, pp.1-21- Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2279/1/DissertMestradoCarlosManuelAmaralDias2013.pdf>
- Ferraz, M. (coord.) (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol.II. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
- Fróis, J.P., Marques, E. & Gonçalves, R.M. (2000). *A educação estética e artística na formação ao longo da vida*. In J.P. Fróis (Coord.), *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garcia, L. J. (2015). *A Expressão Plástica e os Materiais Pedagógicos, em Educação Pré- Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico: perspetivas e diálogo*. Ponta Delgada, 47-51.



- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Ministério da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Montez, R. (2012). *Vamos Pegar o Mundo com as Nossas Mãos*. Lisboa.
- Morgado, L. F. (2013). *A importancia da criatividade no contexto pré-escolar*. Lisboa. pp. 17-20
- Oliveira, M. (2013). A Arte contemporânea em contexto Educativo. In Ângela Saldanha (Ed.), *Atas do Encontro Nacional da APECV*, pp.17-21. Porto: APECV. ISBN: 978-989-96384-4-0.
- Oliveira, M. (2015). A Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica. Porto: APECV.
- Oliveira, M. & Silva, B. (2013). Una Imagen sobre la Educación Artística en la actualidad. *European Review of Artistic studies*. 4, (1), 54-75. ISSN: 1647-3558.
- Passarinha, J. M. (2012). *O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância*. Castelo Branco, pp.1-6.



Anexos

Anexo 1- Caracterização da Instituição

A instituição é um organismo privado de solidariedade social, sem fins lucrativos. A sede está localizada na periferia do Porto. Esta instituição abrange a creche, educação pré-escolar e ainda o 1º ciclo do ensino básico (dos 5 meses aos 10 anos de idade).

No dia 1 de outubro de 1982 a creche, Jardim-de-Infância e ATL abriram para a comunidade em geral, contando hoje com cerca de 170 crianças todos os anos.

O corpo principal do edifício do Jardim-de-Infância foi inicialmente a importante fábrica “Tabacos Lealdade” e mais tarde um armazém, tendo sido posteriormente alienado e então considerado património do Estado.

O facto do Ministério da Educação não ter previsto nos seus quadros a existência de creche e ATL, pôs em risco toda a continuidade deste amplo projeto, sua fragmentação e coerência funcional. Como solução para este problema organizaram-se para a constituição de uma IPSS de forma a dar resposta à missão iniciada há 30 anos. Com isto, surgiu a necessidade da alteração do nome da instituição.

No que diz respeito à localização, a instituição encontra-se numa zona de ocupação predominantemente residencial e de comércio tradicional. Possui uma boa acessibilidade e uma extensa rede de transportes públicos. As crianças que frequentam esta instituição são provenientes, na sua maioria, de famílias com nível socioeconómico médio.

Trata-se de uma instituição aberta, para além das famílias, têm parcerias estabelecidas com escolas superiores e faculdades (educação, psicologia, enfermagem, saúde, motricidade, artes), instituições de produção e animação cultural (museus, teatros, bibliotecas, centros de ciência viva, meios de comunicação social...) e ainda com diversas instituições públicas e privadas (escolas, associações culturais e recreativas, juntas de freguesia, câmaras municipais, IPSS...). A Universidade do Porto, Escolas Superiores de Educação, a Fundação de Serralves, a Casa da Música, o Teatro Nacional de S. João, são apenas algumas referências mais notáveis deste universo de sinergias e “pontes educativas” construídas e consolidadas.

Esta instituição pretende ser inovadora, sensível, aberta à Arte e ao mundo, consciente e interativa, de modo a permitirem a todas as crianças o desenvolvimento de competências para possuírem a capacidade necessária para a resolução de problemas, de um modo geral, para ajudá-las a enfrentar o mundo da contemporaneidade.



O elevado potencial das várias formas de Educação pela Arte vai ao encontro de novas expectativas sobre o papel da instituição nesta área educativa. Defende-se que a mobilização das formas e processos da criação artística e cultural constituem ferramentas imprescindíveis de uma educação sensível em todo o significado da palavra. A produção artística possui um particular poder de questionamento do que são a sociedade, os valores, as causas.

A criação de Pontes Educativas com várias instituições artísticas e culturais, o intercâmbio com as famílias através de vivências ligadas à música, à pintura, às artes de palco, dão origem a momentos únicos de prazer e de cumplicidade marcantes e estruturantes para toda a comunidade educativa.

O principal objetivo da instituição é auxiliar o desenvolvimento global da criança de uma forma plena e participada promovendo, segundo uma perspectiva democrática, a sua inserção na sociedade como ser responsável, crítico e autónomo. Para que isto aconteça de forma mais consciente, a instituição conta com a participação das famílias como sendo os principais parceiros educativos.

A instituição tem como principais objetivos: estimular o desenvolvimento global da criança favorecendo aprendizagens significativas e diferenciadas; fomentar uma educação pela Arte; fomentar uma educação para os valores e ideais numa perspectiva democrática; estimular o desenvolvimento global de cada criança no respeito pela pluralidade das culturas; valorizar a singularidade de cada criança e das respetivas famílias; desenvolver o sentido estético e criativo da criança; promover as experiências artísticas como forma de conhecimento individual, fomentando, deste modo, a construção de diversos pontos de vista acerca da realidade; assegurar uma participação das famílias no processo educativo, mediante as convenientes interações de esclarecimento e sensibilização e por fim, contribuir para um ambiente feliz e harmonioso entre todos os elementos da Comunidade Educativa.



Anexo 2- Caracterização do grupo de crianças

Na prática educativa torna-se essencial conhecer o grupo, *“as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem (...) para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades”* (OCEPE, 1997).

Conforme a observação contínua e a interação com grupo de crianças da sala dos cinco anos, as conversas informais com a educadora e ainda as informações das fichas de identificação das crianças preenchidas pelos respetivos pais, realizei uma reflexão sobre as características do grupo.

A educadora acompanha o grupo desde a creche, à exceção de uma das crianças que entrou para o grupo e para o jardim de infância aos 4 anos. Penso ser importante existir uma continuidade no acompanhamento das crianças. A mudança de educadora, na minha opinião, não oferece condições às crianças de vinculação, fator bastante importante para o desenvolvimento afetivo e conseqüentemente influência todo o desenvolvimento da criança (social, cognitivo e motor).

Relativamente à Área da Formação Pessoal e Social, as crianças contribuem para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhecem a sua razão e necessidade e procuram cumpri-las, neste sentido, as crianças propuseram elaborar uma tabela das responsabilidades de modo a que todas tivessem oportunidade de contribuir no cumprimento das rotinas.

No que respeita ao desenvolvimento socio-afetivo, as crianças são capazes de brincar umas com as outras e, no geral, são capazes de partilhar os brinquedos. No entanto, por vezes existem conflitos com um ou outro brinquedo, mas algumas crianças já são capazes de os resolver através da negociação sem recorrer ao adulto. Constatei que as crianças manifestam preferências em brincar com determinados amigos e normalmente do mesmo sexo.

Relativamente ao desenvolvimento cognitivo, segundo Piaget, as crianças com cinco anos encontram-se no estágio pré-operatório. Neste estágio, as crianças tornam-se mais rebuscadas no uso do pensamento simbólico. A imaginação da criança sofre um grande impulso porque a função representativa está presente nesta fase de desenvolvimento. Posso afirmar que o grupo continua a ser bastante observador e imitador do que observa. As crianças também mostram interesse em frequentar área da casinha e o quarto para brincarem ao jogo simbólico. Algumas crianças distribuem papéis e organizam a brincadeira do faz de conta.



Esta fase de desenvolvimento é também caracterizada pelo egocentrismo. No entanto, a maioria das crianças do grupo em questão, já ultrapassaram este aspeto, sendo capazes de reconhecer a opinião dos outros como válida. As crianças são capazes de comunicar entre si, trocar opiniões e partilham situações do seu dia-a-dia. As crianças também conseguem demonstrar empatia pelos outros.

No que respeita ao subdomínio da música, as crianças ao cantar canções demonstram controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica (pulsação e acentuação) e da respiração. O grupo reconhece também diversos instrumentos musicais, não só através do visionamento como também da identificação do timbre do instrumento. Algumas crianças procuram frequentemente a área da música.

Relativamente ao domínio da linguagem oral, este grupo sente vontade de partilhar e de comunicar com o restante grupo das suas explorações. Ainda na linguagem oral, de um modo geral, as crianças conseguem ter um diálogo coerente e existe uma evolução ao pronunciar as palavras.

O grupo demonstra prazer na escuta de histórias, e por vezes, algumas crianças levam uma história para o adulto a contar. As crianças demonstram uma boa capacidade na criação de histórias e adquiriram a capacidade de recontar e de interpretar histórias.

No que respeita à abordagem à escrita, as crianças já identificam as letras do seu nome, o seu nome por completo e até o nome de alguns colegas. Existe uma evolução também no reconhecimento do registo gráfico e demonstram prazer nesse domínio. É um grupo que sente prazer pela escrita, existindo assim uma área específica para esse efeito (área da escrita), onde as crianças copiam algumas palavras, desenham algumas letras ou fazem jogos com palavras.

Relativamente ao desenvolvimento psicomotor, o grupo de crianças já detêm diversas competências motoras, tais como, correr, lançar, agarrar, pontapear, saltar a pé juntos e saltar ao pé-coxinho. O grupo já conhece a sua mão dominante e demonstra uma evolução no reconhecimento do lado direito e lado esquerdo do corpo.

Em situações de jogo, o grupo compreende que existem resultados, aceitando a situação de ganhar ou perder. As crianças são capazes também de compreender e esquematizar as regras dos jogos.

O grupo demonstra muito interesse por atividades relacionadas com a dança, utilizando o corpo e o espaço como forma de expressão. Conseguem executar coreografias simples de forma autónoma.

As competências motoras relativas à motricidade fina, tal como apertar os cordões das sapatilhas, cortar com uma tesoura, envolvem a coordenação óculo-



manual e de pequenos músculos, e as crianças ainda demonstram alguma dificuldade a esse nível.

No que confere às Artes Visuais, é notória uma evolução, tanto no registo artístico como na utilização e exploração do traço e da cor. O grupo tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (a pintura, o desenho, as colagens, a modelagem, etc.), recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas). As crianças já são capazes de utilizar o traço para representar diversos elementos e as cores para os colorir. No geral, o grupo representa elementos com alguns pormenores, trata-se de um grupo bastante criativo que usufrui da imaginação para concretizar as suas produções. Ao longo dos trabalhos as crianças demonstram prazer na partilha com o adulto e restantes colegas, sentindo uma necessidade de aprovação por parte do Educador de Infância. Depois de realizar as suas produções as crianças sentem a necessidade de as partilhar ao restante grupo e ao adulto e gostam de ver expostos e valorizados esses seus trabalhos.

No que respeita ao domínio da matemática, as crianças mostram prazer pelo conhecimento dos números e na sua utilização. O grupo começa também a relacionar a adição com o combinar de dois grupos de objetos e a subtração com o retirar uma dada quantidade de um grupo de objetos.

Nota-se que o grupo tem facilidade em utilizar e interpretar dados em tabelas de dupla entrada. Relativamente à geometria as crianças são capazes de identificar as formas geométricas básicas e de identificar diferentes atributos.

Relativamente à área do conhecimento do mundo o grupo manifesta interesse relacionado com o ambiente natural e social, demonstrando capacidade de observação e conhecimentos desta área.

O grupo manifesta entusiasmo pelas saídas da instituição, comunicando e interagindo com a comunidade de um modo positivo. Essas vivências transformam-se em atividades significativas que estimulam novos interesses na sala.

Anexo 3- Entrevistas às educadoras de infância

Anexo 3.1. Entrevista à Educadora A

Nome: Cristina

Faixa etária do grupo: 5 anos

1. Apresentação.
1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?
Sou educadora à 25 anos.
1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?
Nesta instituição já sou educadora à 13 anos.
1.3. Qual a razão desta escolha profissional?
Eu sempre gostei de crianças e sempre lidei com crianças e quando foi para escolher o curso foi evidente para mim a escolha.
2. Importância do Educador de Infância.
2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?
Para já deve gostar do que faz, porque é um trabalho cansativo e as pessoas devem sentir prazer no que estão a fazer, senão torna-se monótono. Deve ser uma pessoa versátil, atenta, atenciosa... No fundo deve ser uma pessoa moralmente bem na vida, deve estar bem resolvida na vida porque vai trabalhar com crianças muito pequeninas, e portanto tem que ter uma postura correta com muita atenção aos pormenores. Deve também ser um bom comunicador, comunicar com as crianças e com os adultos.
2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?
Ser atencioso, tentar conhecer bem cada criança individualmente. Deve ser uma pessoa que



consiga, como disse, comunicar bem com as crianças, que as ouça e as perceba e que no fundo consiga mediar as situações e trabalhar com as crianças de uma forma agradável.

2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?

Deve ter em conta os interesses das crianças, porque se elas estão interessadas vão-se envolver. A aprendizagem está muito relacionada com isso, com a motivação da criança para a situação, por isso o interesse é essencial. Devemos também ter em conta aquilo que a criança precisa, se eu percebo que a criança tem uma dificuldade ou tem uma situação que poderia melhorar, pensar que estratégias eu posso utilizar para abordar esse aspeto para a criança ter a possibilidade de melhorar ou experimentar. E também, obviamente perceber o que é necessário também ao grupo, como grupo o que é que eu posso colocar na planificação que ajude o grupo a evoluir nos vários domínios.

2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, porque e como deverá fazer esse trabalho?

Sim é fulcral, porque eu só conheço as crianças se as escutar e escutar no sentido de estar atenta às suas ideias, às suas necessidades, aos seus interesses. Deve ser uma escuta ativa, isto é, eu devo utilizar aquilo que eu escuto das crianças, para por exemplo, planificar, para decidir as estratégias. Faço muitas vezes esse trabalho individualmente quando converso sobre os portefólios das crianças, porque numa situação individual em que a criança esta com o adulto e dá a sua opinião eu registo aquilo que elas falam. Nesse aspeto é um momento bastante rico, mas também nas diversas situações em grande grupo também, ouvir e responder aquilo que a criança diz e pergunta.

2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?

Tem um papel muito importante porque depois dessa escuta, da planificação, depois disso tudo. Quando as crianças têm tempos de atividades livres o ambiente tem que estar organizado para que a criança seja autónoma nas suas escolhas, nos seus projetos, nas suas vivências. Nesse sentido, esse ambiente tem que estar organizado e tem que estar estimulante para que as crianças queiram ir para esses locais e que seja também uma situação de aprendizagem. O educador deve estar sempre atento ao ambiente e de que maneira o ambiente influencia ou não a vida do grupo.

2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?

Muitos! Eu tento todas as vezes melhorar um bocadinho. Vou encontrado estratégias que eu acho que podem melhorar a minha prática. Quando reflito sobre uma atividade percebo que as vezes não correm como eu tinha idealizado ou até as crianças nem se interessaram muito e então em penso o



que é que eu posso melhorar de forma que seja diferente. As vezes é o contrário, as vezes há uma situação que é muito rica a nível de interesses e de aprendizagem e eu então vejo isso uma forma de poder experimentar outras vezes e cada vez estimular mais. Mas sim, eu acho sempre que tenho que melhorar, principalmente na avaliação, deve ser o que me custa mais, mas vamos aos pouco e vendo as outras pessoas.

2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

A avaliação é sempre a parte que exige mais observação, mais atenção da minha parte, exige que eu esteja mais focada.

Um dos meus pontos forte é que eu acho que consigo criar uma boa relação com as crianças e sinto que rapidamente consigo que as crianças criem empatia comigo. Se calhar sou ao comunicadora e portanto é sempre um ponto que me ajuda nas minhas atividades porque me ajuda e facilita o trabalho todo, porque se a criança gostar de nós é mais fácil trabalhar com elas, dão mais opiniões, sentem-se mais à vontade e têm menos inibições e isso para quem trabalha com as crianças é estimulante.

3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?

3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?

Na nossa escola ele é abordado todas as semanas coma ateliarista, portanto eu tenho que contar com o trabalho que eles realizam com a ateliarista. Não tenho propriamente uma regularidade, todas as semanas as crianças realizam trabalhos de artes visuais, nem que seja nas atividades livres. Fora disso, eu proponho, não digo semanalmente, técnicas diferenciadas que as crianças vão fazendo. Mas no fundo as artes visuais acabam por estar presentes no dia a dia porque as crianças muitas das vezes usam as artes para dar visibilidades às suas aprendizagens aos seus trabalhos e portanto acabam por estar entregadas no quotidiano da sala.

3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.



As vezes sim outras vezes não. Umás vezes sou eu que sugiro, penso que há uma técnica ou uma atividade de artes visuais que é interessante e eu proponho ao grupo. Outras vezes são de facto as crianças que me dão essas sugestões e eu e a equipa aproveitamos e as vezes alargamos essa proposta e conseguimos perceber como adultos que à outra forma de melhorar essa estratégia ou dar continuidade, esse é o nosso papel.

3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.

Com mais frequência é a pintura e o desenho. Depois existem outras técnicas como o recorte e a colagem. E depois há também outras técnicas como por exemplo a descoberta de texturas, que as crianças trabalharam as diferentes texturas e livremente elas vão continuando a fazer a técnica.

3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?

Nós aqui temos facilidade em ter material e se não temos material podemos arranja-lo. Temos desde tintas, a lápis, canetas, colas, tesouras. As vezes quando precisamos de um material mais específico para fazer uma técnica mas arranjamos, nós aqui não temos nenhum tipo de limitação.

3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.

Aqui na nossa sala acaba por ser mais individualmente, porque cada um trabalha individualmente à sua maneira, mesmo que seja a mesma técnica cada um explora à sua maneira, consoante os seus gostos, as suas competências. Portanto exploro mais individualmente, trabalhos em grupo tem sido menos frequente por acaso.

3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?

Sim sim, dialogo durante o processo e depois no final, depois do produto estar acabado normalmente conversamos com as crianças sobre o seu trabalho e quais são as suas ideias do seu trabalho e o que podem melhorar ou se não melhoravam nada, a sua opinião sobre o trabalho. As crianças são muito criticas nesse aspeto é interessante e justificam as suas opções.



3.7. Existe um espaço de exploração livre das artes visuais?

Existe, temos uma área que as crianças chamam mesmo a área das Artes Visuais, onde as crianças têm um grande momento de manhã de exploração livre onde as crianças podem vir por sua escolha para essa área.

3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?

Reagem muito bem, acho que nunca tive neste grupo nenhuma criança que relativamente a alguma atividade das artes visuais, dissesse que não queria experimentar que não queria fazer. Normalmente as crianças têm muito prazer nessas atividades e envolvem-se bastante.

3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?

Normalmente, exponho os trabalhos todos, não há propriamente uma escolha. Quando expomos um trabalho de arte colocamos de todas as crianças, não há propriamente uma escolha, não escolhemos os melhores nem os que definem melhor a técnica, não tenho muito esse hábito. Tenho o hábito de expor todos. Normalmente conversamos com as crianças e as vezes são eles que dizem que querem expor, outras vezes sou eu que proponho. Conversamos também onde é que poderemos expor, qual é o local melhor, isso também depende da técnica, se é um trabalho de grupo grande temos que ver qual é o espaço que precisamos. Depende também do propósito, porque as vezes queremos expor só para nós e então colocamos na sala, outras vezes a ideia é expor à comunidade e então aí procuramos o melhor sitio, no corredor ou no all de entrada. Isso normalmente falamos com o grupo.

3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo? Justifique a sua resposta.

Claro, as áreas estão muito interligadas e quando estamos a trabalhar nas Artes Visuais nós não nos esquecemos das outras áreas e como esta tudo interrelacionado é muito comum trabalharmos outros conteúdos, como matemática, a linguagem, quando as crianças dão a sua opinião, comunicam e apresentam seu trabalho ao grupo e estão a desenvolver muitas capacidades como a formação pessoal e social. Acabamos de abordar várias áreas numa só atividade

3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?



Lá esta pretendo que desenvolva a comunicação oral, a capacidade de pensarem sobre os seus próprios trabalhos que também é muito importante. Trabalham também a formação pessoal e social ao darem a sua opinião, tomando as suas escolhas. Desenvolvem também a motricidade fina e algumas técnicas envolvem que as crianças desenvolvam competências óculo manuais. Principalmente nas Artes Visuais o que interessa é que as crianças se expressem, a forma que ela própria é. Portanto a competência que me interessa mais é que quando a criança esta a explorar uma técnica, pretendo que a criança experimente, vivencie e que se expresse nesse trabalho, o que ela é, o que ela precisa e também é uma forma de conhecer melhor as crianças.

3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?

Claro, não conseguia trabalhar sem pensar que as Artes Visuais de facto são muito importantes para as crianças, aliás não é só para as crianças também é para os adultos, se nós continuássemos a continuar as artes visuais como uma experiência durante a vida talvez não havia tantos adultos que têm muitos receios e medos de se exporem, começavam a notar que cada um tem a sua própria maneira de estar e de experimentar situações diferentes. As artes nesse sentido são muito importantes, pois como eu disse anteriormente, se eu quero que as crianças se expressem e que elas se conheçam a elas próprias. E também não é só conhecerem-se a elas próprias, também conhecer outros mundos, outras situações, que através das artes nós podemos aproveitar as artes como uma comunicação global. Por isso, é essencial no trabalho do educador, não consigo imaginar um educador que não dê valor às artes visuais, porque acaba por ser um trabalho muito redutor, acaba por ser um trabalho que perde a essência da criança.

Anexo 3.2. Entrevista à Educadora B

Nome: Joana

Faixa etária do grupo: 4 anos

1. Apresentação.
1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?
Sou educadora há 10 anos.
1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?



Igualmente há 10 anos.

1.3. Qual a razão desta escolha profissional?

Eu acho que foi uma coisa que eu sempre quis, aliás inicialmente a minha ideia era mesmo a questão do ensino especial era mais essa vertente. Depois comecei-me a apaixonar-me pela educação de infância e aí percebi que era o que gostaria de seguir, embora a vertente de ensino especial ainda me fascine.

2. Importância do Educador de Infância.

2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?

Eu acho que o fundamental é nós gostarmos daquilo que fazemos, senão gostarmos não conseguimos passar essa paixão para as crianças. Depois para além de gostar do que fazemos é o empenharmo-nos. Ser um educador com um papel reflexivo, estar sempre a refletir sobre a nossa prática, melhorar, investigar, estar sempre atualizado e ir a formações. Melhorar toda a nossa formação que eu acho que isso é fundamental. O perfil é sem dúvida isso, ser atento, ser carinhoso.

2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?

A postura é nunca pensar que nós sabemos tudo e as crianças não fazem nada e lá está é o aproveitar os saberes e os conhecimentos das crianças e partindo daí aproveitar para trabalhar os interesses e necessidades deles.

2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?

É sem dúvida o que tu observas, não só a nível do grande grupo, mas também de cada criança em particular. Depois tentar perceber quais são as necessidades e os interesses, os interesses é mais fácil de perceber, mais difícil são as necessidades. Tentar perceber as necessidades e dificuldades de cada criança e arranjar estratégias para colmatar essas dificuldades. Neste caso é também importante o trabalho em equipa, porque tu trabalhas com outros profissionais.

2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, como deverá fazer esse trabalho?

Sim sem dúvida, senão eu não diria que é importante os interesses das crianças, senão não consegues perceber o que é que a criança gosta não gosta e depois tudo o resto não desenvolve.



2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?
O papel do educador é muito importante porque o ambiente educativo é o coração da educação. O ambiente educativo deve ser organizado com as crianças, porque quando o ambiente não é for organizado com as crianças quando tu entras numa sala notas isso, se é organizado com as crianças ou com apenas o adulto. Por isso o ambiente educativo torna-se a 2ª casa da criança.
2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?
Sim, porque ao longo da vida nós devemos ir sempre inovando, renovando, porque nós sem dúvida nunca sabemos tudo. A cada ano que passa eu cada vez mais percebo isso, que eu nunca sei tudo e os miúdos vão-me ensinando muitas coisas.
2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.
Olha os meus pontos fortes eu acho que é sem duvida a relação que eu crio com as crianças, a proximidade que eu tenho com elas e a própria proximidade que eu tento criar com os pais e eu acho que aí ajuda muito, se tiver uma boa relação com os pais e uma ao relação com as crianças tudo o resto flui. Um dos aspetos que sinto dificuldade e acho que deva melhorar são questões que têm mais técnicas, por exemplo questões de áreas de conteúdo, a nível da matemática por exemplo, é uma área que eu não me sinto tão à vontade e por isso se calhar tento trabalha-la com mais frequência.
3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?
3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?
Diariamente.
3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.
Participam, em reunião da manhã com as crianças planificamos o dia.
3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.
Penso que é a pintura, desenho e o decalque. Principalmente nas atividades livres estas são as técnicas mais procuradas pelas crianças.

<p>3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?</p>
<p>O que eles têm na sala é os lápis de cor, lápis de cera, as canetas, tintas, e as crianças as vezes também trazem matérias como sugestão, umas das crianças trouxe pastem pala explorar com os colegas.</p> <p>Temos tudo à disposição, não sinto necessidade de outro tipo de material, nós temos um atelier e temos bastante material à disposição.</p>
<p>3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.</p>
<p>Abordo com mais frequência e individualmente, embora exista tamém a exploração em pequeno grupos e em grande grupo.</p>
<p>3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?</p>
<p>Sim muito também ao recolher para os portefólios ajudando-os a apreciar os seus trabalhos. Eu incentivo a criança e digo que ela consegue fazer melhor, dando sugestões para melhorar o que pretendem fazer.</p>
<p>3.7. Existem momentos de exploração livre das artes visuais?</p>
<p>Claro, as crianças têm uma área onde podem recorrer para explorarem este subdomínio livremente.</p>
<p>3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?</p>
<p>Reagem bem até porque são eles que muitas das vezes as propõe.</p>
<p>3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?</p>
<p>Exponho todos os trabalhos das crianças e as crianças ajudam na escolha dos locais adequados para a exposição.</p>

<p>3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo? Justifique a sua resposta.</p>
<p>Isso é evidente, eles fazem isso diariamente, registam através do desenho experiências, saídas, pesquisas, ilustrações. Eu acho que todas as áreas podem estar ligadas a este subdomínio.</p>
<p>3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?</p>
<p>Sobretudo a relação entre as crianças, relação criança-adulto, a motricidade fina, a coordenação oculo manual, aprender a aceitar críticas e também saber apreciar o trabalho do colega.</p>
<p>3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?</p>
<p>Oferece porque através deste subdomínio podemos abordar, explorar e trabalhar as restantes áreas de conteúdo. Através das artes visuais podemos também perceber e avaliar o próprio desenvolvimento das crianças através dos registos.</p>

Anexo 3.3. Entrevista à Educadora C

Nome: Sandra

Faixa etária do grupo: 3 anos

<p>1. Apresentação.</p>
<p>1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?</p>
<p>Sou educadora à 31.</p>
<p>1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?</p>
<p>Também à 31.</p>
<p>1.3. Qual a razão desta escolha profissional?</p>



Porque acho que toda a vida me interessou, desde pequenina que tinha muito interesse pelas crianças e de brincar às escolas e aos professores e portanto cresci sempre com esta ideia. Não com aquela ideia da educadora de infância mas a ideia de professora e depois à medida que fui crescendo e fui identificando aquilo que seria o melhor para mim, nunca me vi a fazer outra coisa.

2. Importância do Educador de Infância.

2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?

Para já é daquelas profissões que tu ou te encantas por aquilo que fazes e tens realmente o apelo das crianças. É preciso muita paciência, muita disponibilidade, é preciso ter um bocadinho do ser criança o descer ao nível das crianças falar-lhe olhos nos olhos. Deves manter-te atualizado, ir a formações, melhorar sempre o teu desempenho, conhecer as diferentes metodologias e aferir porque o educador de infância é um metre dos sete ofícios, faz um bocadinho de cada, é um bocadinho psicólogo, é um bocadinho enfermeiro, é um bocadinho de cada. Portanto acho que deve ter este jogo de cintura para poder trabalhar nesta área. Pra embarcar nesta profissão é preciso realmente ter um perfil e não é um perfil qualquer, deve ter estas competências que mencionei. Porque tu também não lidas só com as crianças, lidas também com as famílias, esse trabalho também é muito importante, há aqui um trabalho quase de relações públicas e comunicação que é muito importante que exista para que realmente as coisas funcionem, porque tu na verdade és o complemento dos pais, eles são os primeiros educadores e tu serás o complemento. Para isso deve-se ter também um perfil para que se possa chegar aos pais e o trabalho flua de uma forma positiva para todos, principalmente para aquele que é o objetivo final que é o sucesso das crianças.

2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?

Tem que ser uma postura de confiança, deves transmitir essa confiança, deves ser serena, deves ser rigorosa, deves ser ao mesmo tempo flexível. Portanto, é um bocadinho como o perfil do educador, há uma postura que tu tens que ter que as vezes tens que sair um bocadinho da tua zona de conforto para poderes lidar com as crianças. As crianças também são todas muito diferentes. Eu principalmente acho que deves ser rigoroso, deves ser carinhoso mas deves saber colocar-te numa posição muito de firmeza, de rigor. Quem dá firmeza e dá rigor dá amor.

2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?

Para já acho que o primeiro aspeto a ter em conta é o grupo, os interesses e necessidades daquele grupo, a idade do grupo. Normalmente lidamos com grupos heterogéneos e devemos ter em conta não só o grupo mas também cada criança em particular e isso não é fácil. Depois devemos ter em conta as competências que aquele grupo de crianças deve desenvolver, claro que cada uma terá o



seu ritmo mas há algo que estabelece como objetivos finais. A planificação deve ser flexível e depois à aquele currículo que fica mais invisível, que muitas vezes não se planifica, que são as rotinas, os momentos de transição e que são tão essenciais no nosso dia a dia. As vezes são menos valorizados mas são muito importantes porque acabam por equilibra um bocadinho todo o nosso dia de trabalho. Portanto a planificação tem a importância que tem para que tu também tenhas o teu trabalho organizado, mas não deves ser escrava dessa planificação.

2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, como deverá fazer esse trabalho?

Sim, eu acho que é importante a criança ter uma palavra, se nós estamos a falar de respeitar os interesses e necessidades das crianças devemos então escutar a criança, naquilo que é possível escutar a criança. É como o pai e a mãe dizem, há coisas que têm discussão e há coisas que não têm discussão, a educação é assim mesmo. Eu acho que nas coisas que são possíveis e devem ser discutidas, que são a curiosidade por determinado projeto, por determinada situação. Há aquelas coisas que tu estabelece como regra, como norma no teu dia de trabalho que é assim, é uma regra do nosso trabalho, por isso é que também discutimos as regras com as nossas crianças. Se fazes trabalho de projeto em que a criança é o ator das suas aprendizagens é obvio que vais escutar a criança.

2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?

É fundamental, o papel do educador no ambiente educativo é um bocadinho como o papel do educador na planificação, é importante que o educador organize o ambiente educativo que também deve e pode a partir de determinadas idades pode e deve ser organizado pelo grupo e o grupo ao ter consciência da organização daquele espaço e também vai poder usufruir melhor dele, vai poder melhor vivenciá-lo, vai poder respeitar o espaço e os materiais e ao mesmo tempo vai-se respeitar a si e ao outro. Portanto o ambiente educativo é fundamental para que depois até a própria planificação e todo o desenvolver do trabalho resulte. O ambiente educativo não é só o espaço sala mas sim os outros espaços da instituição. Se tens uma instituição que te dão a possibilidade de usufruíres de todos os espaços que ela tem, podes ter em conta tendo em conta esses e isso também entra no teu ambiente educativo. Aqui o ambiente educativo também pode ter alguma flexibilidade e é a base do nosso trabalho.

2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?



Eu acho que nós estamos sempre a melhorar, há aspeto que nós também melhoramos de acordo com as solicitações que temos, com o grupo que temos. Mas há uma coisa que eu ao longo dos anos tenho vindo a aprender que às vezes queremos fazer demasiadas coisas e existem muitas propostas e as vezes tira um bocadinho da calma quer do educador quer do próprio grupo. Acho que as vezes caímos no excesso de que temos que estar sempre a fazer alguma coisa. As vezes parar um bocadinho faz bem, mas eu contra mim falo porque realmente tenho vindo a trabalhar e tento trabalhar esse as peto porque realmente me encanto com tudo isto e as vezes apetece-me fazer mais do que aquilo que faço. Acho que é um aspeto que eu devia melhorar, devíamos refrear um bocadinho a minha vontade de querer fazer tudo.

Depois há pequenas coisas que tu estás sempre a melhorar e sempre a aprender, estas sempre à procura de estratégias.

Eu acho que um bom profissional é aquele que quer sempre melhorar e consegue adaptar-se às situações.

2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

O ponto mais difícil é realmente criar equilíbrios.

Os meus pontos forte eu acho que é gostar realmente de trabalhar com crianças, é um mundo onde eu me sinto bem. O mundo da fantasia, da magia e das histórias é onde me sinto bem e consigo captar a atenção das crianças por essa via. Talvez também pela via da expressividade, a comunicação para mim acho que me é fácil e que eu uso muito para chegar junto das crianças.

3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?

3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?

Muitas vezes ou quase sempre porque no fundo as artes visuais estão muito presentes na vida das crianças. Trabalhar os sentidos das crianças, trabalhar com crianças da primeira infância trabalhas muito a parte sensorial e esta muito ligada à parte visual, a pintura, o desenho, as colagens, as modelagens, as outras expressões. Por isso, penso que é uma prática diária.

3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.

Sim, porque quando propomos uma atividade elas próprias vão dizendo que vão fazer de uma determinada forma e claro que as artes visuais são muito usadas nestas idades para ilustrar uma situação.



3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.

Se calhar mais a técnica do desenho e da pintura. São as técnicas que mais explora e mais solicitadas pelas crianças.

3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?

Normalmente eu uso mais tintas, papeis, lápis, mas as vezes eu tento variar no material também para as crianças terem contacto com matérias diferentes, como materiais reciclados, podemos fazer construções.

3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.

Eu acho que depende muito da situação, à uma situação que é pedido um registo de uma história talvez é individualizado mas também pode ser em grupo. Depende também muito da idade com que estas se estas com uma idade dos cinco anos fazes muitos trabalhos que eles em grupo. Se estas com mais pequeninos fazes em grande grupo e depois às vezes, também para que eles comecem a trabalhar competências de uma forma individualizada. Faço muito aquele trabalho que eu chamo “trabalho de colo” que é estares ali com cada um a ajudar e a incentivar a melhorar o seu trabalho.

3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?

Sim, as vezes durante outras vezes no fim, quando eles me vêm mostrar o trabalho e perguntas coisas acerca do trabalho “não achas que devias acrescentar aqui qualquer coisa?”, “o que achas que falta?”, “o que é que podias melhorar?”.

O facto de utilizarmos o portefólio como instrumento de avaliação, também fomenta este tipo de dinâmica junto das crianças, podes dar um espaço onde estão sozinhos e depois há sempre um momento em que tu vais e tu podes estar, não a orientar, mas ali como mediador daquela atividade e também não te contentares sempre que eles façam o mínimo ma tentar sempre que eles façam o máximo. Se as crianças já sabem pintar bem então porque não vão pintar bem? Se sabem as cores, porque é que não vais pedir que explorem essas cores?

3.7. Existe um espaço de exploração livre das artes visuais?



Sim existe, quando eles estão em momento livres e escolhem a área da plástica fazem tudo livremente e têm essa disponibilidade e têm os materiais à disposição. Tem materiais organizados, diversificados, se tens o cavalete tens que ter em conta ter as tintas para eles pintar, é por ai.

3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?

Reagem muito bem e adoram técnicas diversificadas.

3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?

Claro que sim, é muito importante as crianças sentirem que o vosso trabalho é exposto e valorizado, e mostrar aos outros e à comunidade e envolve-las nessa escolha.

3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo? Justifique a sua resposta.

Sim claro, ao trabalhar a metodologia de projeto isso acontece naturalmente, as áreas de conteúdo cruzam-se e as artes visuais cruzam-se com tudo, basta tu registares uma situação, uma história, um animal, que tu já estas a trabalhar nas artes visuais outras áreas de conteúdo.

3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?

Desenvolvem a motricidade geral, a motricidade fina, a criatividade, desenvolvem a atenção, a memória, a observação, desenvolvem um leque enorme de competências quando estão a trabalhar nesta área.

3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?

As artes visuais é uma forma das crianças comunicarem, ao transportarem para o papel e ao registarem, ao desenharem, ao pintarem, no fundo estas a tentar ilustrar aquilo que tiveste a fazer, que tiveste a vivenciar. Portanto as artes visuais são fundamentais para isso e nada que já é concebido mas sim algo que a criança crie a partir, de por exemplo, fazes uma experiência na sala e queres registar essa experiência podes propor às crianças que desenhem o que aconteceu, e aí estas a utilizar o desenho para registar.

Portanto são fundamentais nesta metodologia, nesta forma de trabalhar, em que tu queres que a criança seja o protagonista e seja o construtor do seu saber e a sua aprendizagem.

Anexo 3.4. Entrevista à Educadora D

Nome: Albertina

Faixa etária do grupo: 2 anos

1. Apresentação.
1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?
Há 14 anos, durante 18 anos fui auxiliar e depois tirei o curso de educadora de infância na ESSE do Porto e já trabalho à 14 anos.
1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?
Há 32 anos.
1.3. Qual a razão desta escolha profissional?
Esta escolha foi um sonho que eu sempre tive, não sei se foi por ter nove irmãos e então como eu era das mais velhas eu é que tinha o papel de educadora também de lá de casa. O meu sonho foi sempre conhecer um bocadinho do que estava do outro lado do trabalho de auxiliar, apesar de adorar o trabalho de auxiliar e tive sempre a oportunidade de trabalhar nesta instituição em equipa, portanto, numa forma muito equilibrado, em cooperação. Faltava-me saber e era isso que eu queria, ser um bocadinho mais livre e fui buscar à escola, não o saber fazer mas sim o porque e para que.
2. Importância do Educador de Infância.
2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?
Um educador deve ter um equilíbrio ao nível do conhecimento e ao nível da emoção, senão houver este equilíbrio eu acho que o educador vai ser sempre incompleto. Portanto o que me move são estas três componentes o “saber ser”, o “saber estar”, o “saber fazer”. Se nós conseguirmos juntar isto tudo dentro de um ambiente com o saber estar e ver uma crianças, ver o outro com respeito e com o objetivo de os ajudar a crescer.
2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?
A minha postura é muito da relação, muito de ver a criança completamente diferente da outra. Tem que haver limites mas temos que os trabalhar de uma forma muito próxima. Nós temos um poder muito grande sobre as crianças e os temos que respeita-las acima de tudo e usar este poder para o bem, para que elas através da relação que se mantem connosco se sintam à vontade, queiram, gostem de crescer, aprender, gostem de estar, cooperar, partilhar. Se partir de nós esta forma de



estar, chegamos lá e conseguimos que elas sejam crianças muito mais felizes.

2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?

Primeiro temos que ter em conta o espaço, o tempo, temos que ser muito flexíveis temos que ver o grupo e a criança, eu principalmente gosto e vejo o grupo nas três vertentes, o grande grupo, o pequeno grupo e o individual. É obvio que na cresce eu trabalho muito o individual e o pequeno grupo, o grande grupo também é importante para que eles sintam que há momentos de pertença, eles têm que sentir que pertencem a um grupo. O pequeno grupo é importante porque podes trabalhar com eles e não precisam de estar muito tempo à espera. E o individual para mim é o mais importante porque trabalhas de forma mais individualizada, que podemos chamar o trabalho de colinho, estão ali contigo e então tu vais questioná-las, tu vais olhar nos olhos, eles tocam-nos e sentem-se seguros. Portanto estas ali com muita mais atenção e com muita mais disponibilidade para cada criança e é aí que se vai construir a autoestima, o ter o seu lugar, o gostar do outro, o partilhar com o outro, o esperar pela sua vez, há muitas competências que são trabalhadas.

Como eu gosto de trabalhar nestas três vertentes a planificação vai realmente ao encontro daquilo que eles pedem e nós vamos planificar de modo a dar essas respostas. A planificação tem que ser muito flexível tu tens um objetivo, e tens que arranjar estratégias criativas para alcançar esse objetivo

2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, como deverá fazer esse trabalho?

Óbvio, se tu não escutares a criança estás a trabalhar de cor, estás a trabalhar para ti própria, para o teu umbigo. Agora se tu consegues ver a criança, se consegues ver o grupo e cada criança é obvio que cada uma tem a sua voz. Na creche apesar das crianças não comunicarem numa forma tão imediata e tão perceptível, elas conseguem comunicar com o corpo todo e tens que estar preparada para ver e ao escutar estas a observar também. Tens que os escutar e tens que os ouvir, muito numa situação direta, numa situação de jogo, o jogo entre eles, eles pedem imensas coisas quando estão a brincar, eles pedem que nós os ajudemos a resolver os conflitos, eles pedem tudo e nós temos que estar atentos.

2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?

Eu acho que tem sempre um papel de mediador, nós propomos tendo em conta aquilo que pretendemos e como queremos trabalhar no grupo, ter em conta que grupo que temos à frente. Se nós organizarmos os espaços para dar resposta às crianças os espaços podem ser limitadores ou não, se tu organizares um espaço e perceberes que não vai ser vivenciado ou não vai ser vivenciado



de uma forma que tu pretendes, se calhar tens que alterar e adequar. As crianças têm um papel muito importante nessa decisão porque elas também vão fazendo os seus pedidos.

2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?

Eu todos os dias vou tentar melhorar, eu acho que aquilo que me faz falta e tenho algumas limitações, porque eu vivo muito para eles e em qualquer espaço eu estou sempre em observação, eu as vezes tenho alguma dificuldade de arranjar tempo para organizar a nível dos portefólios tem que se trabalhar em casa, esta parte mais burocrática é o meu calcanhar daqueles. Tenho que me organizar um pouco melhor em termos de registos.

2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

Os meus pontos com mais dificuldades são estes na parte do registo. Os meus pontos fortes, aquilo que eu sinto é que como gosto muito de estar com eles (crianças) e trabalhar com eles, sinto-me bem. Gosto em qualquer situação, gosto muito da mediação, gosto muito das expressões, gosto muito de os fazer refletir, gosto de ser a tal mediadora, à medida que as crianças vão crescendo cada vez precisam menos de orientação mas sim de mediação e se fores uma boa mediadora tu consegues viajar. Gosto muito da resolução de conflitos, trabalhar o gostar do outro, ver o outro, se a criança pensa e consegue ver o outro é muito bom e reflete-se na vida futura.

3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?

3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?

Este subdomínio é abordado diariamente. A creche para mim é feita de experiências e a arte plástica, tudo o que é experienciar o mundo das expressões, para mim é um mundo muito rico e muito vasto. E diariamente trabalhamos esta área, como é que vamos segurar o lápis como é que vamos segurar o pincel, descobrir as cores. A mistura de cores, faz com que as crianças tenham curiosidade e queiram usar as cores e explorar em diferentes situações.

3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.

Sim, na creche eles são muito pequeninos mas eles participam, por exemplo, a proposta, vamos fazer pasta de farinha, eles podem escolher a cor, eles vêm a fazer a pasta de farinha, sabem que é macia, sabem que usamos água e está quente, usar sal que é mais áspero e é salgado e eles provam. As coisas são sempre feitas com eles, as coisas não aparecem feitas.



3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.

Muito a pintura coletiva, por exemplo quatro crianças de cada vez e cada um tem o seu espaço dentro do espaço e têm que respeitar esse próprio espaço. E deixo-os explorar livremente, as tintas são colocadas no chão, os pinceis dentro das tintas e é muito engraçado que eles gostam e já aprenderam a limpar o que sujaram e eu tenho sempre uma toalha no chão. Portanto pintam de uma forma muito criativa e depois vamos substituindo os grupos. Depois gosto também de fazer o trabalho em individual para as crianças perceberem que existe o nosso e o meu ou o meu e o nosso. Utilizo muito também a pasta de farinha com outros tipos de elementos, com pauzinhos, com palhinhas, folhas, tudo aquilo que podemos usar da natureza e eles acabam por descobrir outro mundo e entram muito no mundo faz de conta que é muito interessante.

A rasgagem e a colagem também é muito usada na sala, é mais ou menos por aí.

3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?

Eu sinto que sou um bocadinho criativa e acho que quando vejo algo fora da escola que dê a possibilidade de proporcionar uma nova experiência, por exemplo, agora no presente da mãe eu utilizei um tapete de loiça e fizeram com tintas a impressão do positivo e do negativo e foi uma experiência lindíssima e maravilhosa, foi uma magia. Gosto muito de usar e eles usam muito as mãos, as esponjas, as carimbagens com os copos, com as rolhas, com os tubos. Usam por exemplo os pinceis finos, os mais grossos, as trinchas para eles perceberem que há uma multiplicidade de traço. Depois os papéis e materiais de desperdício, para mim o material de desperdício é o que me seduz.

Se necessitar de outro tipo de material acabo por procurar, pesquisar e encontrar.

3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.

Como já referi gosto mais de trabalhar em pequeno grupo e em individual, quando estão a trabalhar em pequeno grupo trabalham para um mesmo fim. Quando é pasta de farinha cada um está na sua, mas não estão só na atividade mas também com todas as crianças, na parceria e na interação uns com os outros.

3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?



É esse o nosso papel, o nosso papel não é deixa-los ali e virar costas. É exatamente isso, e é engraçado que basta tu sentares com eles que eles vão logo partilhar contigo. O facto de estares sentado ao lado de eles ficam logo com uma necessidade de mostrar, de fazer, dizer, eles partilham tudo e tem conversas muito importantes e diferentes, mesmo que não tenha haver com o que estão a fazer, muitas vezes são coisa paralelas. Ao nível do fazer deixo-os criar, não intervenho estou mesmo só em observação, outras vezes sento-me se há uma criança que está um bocadinho mais parada ou menos preparada e nós vamos sentar e perguntar, o que fazes, para que, fazendo-o refletir.

E devemos falar com eles e dizer os termos corretos, por exemplo isto é uma escultura e eles vão interiorizando e assimilar e vão dizendo já, eu estou a fazer uma escultura.

3.7. Existe um espaço de exploração livre das artes visuais?

Sim existe e aí eles podem realmente explorar à sua maneira, individual e com os outros.

3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?

O problema é muitas das vezes faze-los esperar, mas eles vão aprendendo isso. E este momento de espera é muito importante é outra aprendizagem da expressão plástica. Eles as vezes estão ali todos à volta a ver uma criança a trabalhar e já dão as suas sugestões de melhoria dos trabalhos dos colegas, falta ali, põe ali e é muito engraçado.

É muito importante no trabalho de colino fazê-los refletir, e perguntar agora que cores vais usar, como é que vais desenhar o rosto da mãe, e eles aí param para pensar e escolhem a cor, porque se os deixares sempre fazer livremente as crianças com a sua espontaneidade vão pegar em qualquer cor e desenhar o rosto de qualquer jeito. Esta reflexão torna-se muito importante.

3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?

Sim claro, então é assim muitas das vezes as pessoas dizem “estão aqui todos os trabalhos iguais” quando que todas as crianças tiveram a sua experiência. Todas as crianças querem ver o seu trabalho exposto. No início do ano haviam grandes conflitos porque nós escrevíamos o nome e eles achavam que não tinham feito, eles olhavam para os que estavam expostos e esqueciam-se qual era o seu, porque eles desenham de uma forma muito idêntica e é óbvio que naquele momento sabem que fizeram aquilo mas depois esquecem, então qual foi a estratégia nós começamos a pôr uma fotografia da carinha deles no próprio trabalho e então eles aí percebem que o deles está ali e já fizeram e eles aí percebem.

Gosto de expor de uma forma estética que eles consigam ver, tenham muitas vezes acesso, outras



vezes não têm acesso físico mas têm acesso visual e é muito interessante eles mostrarem aos pais. Se nós valorizarmos aquilo que fizeram eles sentem que estão a fazer bem uma coisa que gostam, sentem-se valorizados e os próprios amigos gostam de os elogiar.

Quando todos terminaram e antes de colocar na parede vamo-nos sentar e partilhar os trabalhos com o grande grupo.

3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo? Justifique a sua resposta.

Exato, nada existe por si próprio e sempre que acontece uma atividade de expressão plásticas, ou utilizamos a música, muitas das vezes pintam ao som da música, outras vezes é o desenho de uma história, há uma diversidade de partilhas de saberes que faz sentido.

3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?

Primeiro a parte mais técnica desenvolver a motricidade fina, e grossa, a experimentação, explorar, partilhar, descobrir e a partir daí depende também muito do tipo de materiais, para explorarem e presenciarem novas experiências.

3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?

É algo que tu podes observar todas e mais alguma competência porque é algo que lhe interessa sempre, a criança esta lá sempre com o corpo todo de alma e coração, perceber as competências que ela adquire com essa atividade, se ela comunica com o outro, se segura bem no pincel, se faz com criatividade. No fundo as artes visuais e com aquilo que eles dizem servem como avaliação do desenvolvimento da criança.

Anexo 3.5. Entrevista à Educadora E

Nome: Raquel

Faixa etária do grupo: 1 ano

1. Apresentação.

1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?

Há cerca de 8 anos.
1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?
Há cerca de 8 anos também.
1.3. Qual a razão desta escolha profissional?
Eu escolhi esta profissão porque sempre quis trabalhar com crianças.
2. Importância do Educador de Infância.
2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?
Um perfil ideal será alguém que gosta de lidar com crianças, gosta de estar com crianças e que goste realmente do que faz, eu acho que isso é o mais importante.
2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?
Relativamente às crianças, o educador tem que ter uma postura aberta, participativa, tem que dar espaço para as crianças participarem, no fundo deve ser alguém flexível.
2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?
Deve ter em atenção o grupo ou seja os interesses e as necessidades, perceber que competências o grupo já tem ou precisa de adquirir, e também os aspetos individuais, porque podemos planificar atividades para o grande grupo e atividades individuais, principalmente para alguma criança que tenha uma necessidade mais específica.
2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, como deverá fazer esse trabalho?
Sim claro, devemos sempre escutar a criança e existe momentos que isso é mais evidente como por exemplo na reunião da manhã, as crianças sentam-se partilham o que fizeram em casa. Um momento também de escuta pode ser no final do dia para fazer o balanço do que aconteceu durante o dia, o que gostaram o que não gostaram, o que é que propõem para o dia seguinte. Outro momento importante de escuta é a recolha para os portefólios, as crianças dizem o que fizeram, o que é que gostaram, o que sentiram mais dificuldades. Isto é muito importante para perceber o que é que as crianças adquiriram das coisas, o que é que eles já sabem e no fundo quais são os interesses deles que se torna muito importante para a continuidade do trabalho.



2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?

O papel do educador na organização do ambiente educativo é total, porque quem organiza primeiramente é o educador. Claro que ao longo do ano o educador vai sempre ajustar ao grupo. Organizar o ambiente de forma a que este seja estimulante, esteja bem organizado de forma a que as crianças possam brincar, ter atividades em pequeno grupo, em grande grupo e atividade individuais e que tenha potencialidade. Claro que ao longo do ano o ambiente educativo vai alterando conforme o trabalho que está a ser feito em sala.

2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?

Melhoro todos os dias, vamos sempre acertando coisas, vamos sempre aprendendo coisas, acho que isso faz parte do trabalho, quem trabalha vai evoluindo. A gente vai vendo novas coisas, as crianças também vão-nos mostrando outras coisas e eu acho que é uma evolução constante.

2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

Uma coisa que sei que tenho muita dificuldade e vou ter toda a vida é que sou péssima a cantar, desafino imenso. Os meus pontos fortes... é difícil eu detetar isso, é um bocadinho relativo, acho que quem está de fora consegue ter a perceção que eu não tenho.

3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?

3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?

Com alguma regularidade, digamos diariamente, até porque os meus meninos são pequeninos e acaba por ser uma forma de se expressar, também trabalharem a parte motora, o conseguir pegar num lápis, o conseguir pegar num pincel, mesmo conseguir por a mão na tinta que alguns ainda sentiam dificuldade em sujar-se, acaba por ser um trabalho contínuo e de repetição até porque nestas fases as crianças gostam muito de repetir o que fizeram.

3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.

Nesta fase ainda não porque eles ainda são muito pequeninos e é muito difícil, se calhar participam quando escolhem a cor das tintas, escolhem se querem pintar com a mão ou com o pincel. É mais nesse sentido, porque eles ainda não conseguem verbalizar o que querem fazer, por isso torna-se um bocadinho complicado inclui-los numa planificação, participam mais na execução da atividade e nesta exploração.



3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.

Eu tento variar bastante, não gosto de explorar sempre a mesma técnica, mas nestas idades se calhar uso mais a pintura, a digitinta, materiais mais líquidos se calhar é mais fácil de explorar, se forem crianças mais velhas, se calhar usam material de maior pormenor, um lápis de cor, um pincel mais pequenino, uma aguarela.

3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?

Folhas e lápis, nesta fase existe material que ainda não estão muito à disposição para não mandarem para o chão, mas eles pedem e apontam para o material que desejam explorar, damos as folhas, lápis e marcadores.

3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.

Tanto individualmente como em grupo, quando as crianças são muito pequeninas deves fazer um trabalho quase um a um, sentares com eles, dares tempo para as crianças se ambientarem com o material. Numa fase posterior já fazem um trabalho dois a dois ou três a três.

3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?

Sim sim, o diálogo é muito importante durante as atividades. Claro que eles não dão muito feedback linguístico mas dão feedback físico e ao fazer o seu trabalho. Tento sempre questionar com simples perguntas. Se pegar numa cor, perguntar qual é a cor, se pegar no lápis dizer que pegou no lápis. Torna-se importante as crianças tomarem primeiro consciência do que estão a fazer e a nível linguístico ela vai adquirindo vocabulário e vai percebendo os diferentes conceitos dos materiais. Mesmo que a criança não dê uma resposta é importante que vá mantendo a conversa e as crianças vão interiorizando estes conceitos.

3.7. Existe um espaço de exploração livre das artes visuais?

Claro, a maior parte das explorações que faço são de exploração livre. Nesta idade não há uma orientação, aqui as crianças devem essencialmente explorar o material.



3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?

As vezes há um estranhamento da tinta, da temperatura frio ou quente, se é líquido ou expeço. Mas depois desta exploração, as crianças adoram, claro que há uns miúdos que gostam mais que outros. Uns que gostam de se sujar, outros que só gostam de sujar um dedo e eu dou sempre a hipótese de fazer com a mão ou comum objeto.

3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?

Não só escolho como tenho a preocupação que estejam à altura delas, o ideal é que a criança consiga ver sempre o seu trabalho, consiga ver o trabalho dos outros. Coloco fotografias ao lado dos trabalhos para que consigam lembrar no momento o que fizeram e é muito interessante veres as crianças a apontar e a dizer qual é o trabalho dela e dos colegas. No fundo isto é o reconhecimento do trabalho e dar valor aquilo que fizeram.

3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo? Justifique a sua resposta.

Sim, eu promovo a articulação de todas as áreas, o importante é que elas se interliguem, de forma a que seja mais diversificado possível e que permita à criança um desenvolvimento quase global em todas as áreas.

3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?

Nesta faixa etária se calhar estamos mais no sentido de eles gostarem de fazer e terem prazer em fazer. Também numa fase muito inicial é o desenvolver da motricidade fina, em agarrar corretamente no lápis, tirar a tampa da caneta antes de pintar, mais por aí.

3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?

Sim claro que oferece vantagens, como oferecem as outras áreas, faz parte do mundo, faz parte das vivências das crianças. O nosso trabalho como educadores é manter a harmonia entre as diferentes áreas e no próprio desenvolvimento deles.

Anexo 3.6. Entrevista à Educadora F

Nome: Alzira

Faixa etária do grupo: Mistos (3, 4 e 5 anos)

1. Apresentação.
1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?
Há 14 anos.
1.2. Há quanto tempo é Educadora nesta instituição?
Também há 14 anos, sendo que fui auxiliar durante 18 anos nesta mesma instituição.
1.3. Qual a razão desta escolha profissional?
Eu fui convidada a vir para esta instituição à 32 anos e fiquei muito contente. Eu conhecia a diretora da altura e ela já conhecia o meu gosto por trabalhar com pessoas e principalmente com crianças. Depois de ser técnica durante 18 anos decidi tirar o curso de educadora de infância. E sempre achei que tinha esse perfil e sempre gostei de trabalhar com as crianças e entrar atividade com elas, estas festas estas magias todas eu gosto de estar neste meio.
2. Importância do Educador de Infância.
2.1. Qual o perfil ideal de um educador de infância?
Uma educadora para mim deve estar atenta, deve saber observar, saber refletir, estar atenta aos interesses e às necessidades das crianças, e do grupo. Deve ter a capacidade de chegar a cada criança, deve saber trabalhar com o grupo todo mas nunca fazer tudo com o grupo todo.
2.2. Qual a postura do educador frente às crianças?
Deve ser uma postura de escuta, na minha opinião, debes estar ao lado da criança. A nossa postura é fazer com que a criança consiga construir o seu saber, deve ser ela a percorrer o caminho e tu tens que a orientar para ela conseguir percorrer esse caminho. Devemos ser também firmes algumas das vezes, mas a par dessa firmeza devemos ser sensatos, porque elas são crianças.



2.3. Quais os aspetos que o educador deve ter em conta na planificação das suas atividades?

Para planificar nós temos que observar, temos que perceber quais são as necessidades das crianças, quais são os interesses das crianças e a partir daí cria-se a planificação. Para propores atividades, para planificares tens que ter objetivos definidos. Quando tu trabalhas com projetos a maior parte das atividades partem deles, mas tu estas sempre ali a mediar também e arranjar estratégias para que o trabalho desenrole. Para que o projeto desenvolva devemos ser desafiadoras e mediarmos as atividades.

2.4. Na sua opinião, pensa ser fulcral o educador escutar a criança? Se sim, como deverá fazer esse trabalho?

Muito, é importante escutar a criança como é importante que a criança escute o amigo, como é importante que escute o professor. É importante saber escutar e para isso primeiro vamos falar com eles e escuta-los e mostrar essa importância. Se queremos que a criança escute também temos que a saber escutar.

2.5. Qual o papel do educador na organização do ambiente educativo?

É fundamental, eu penso que por tudo isto que já foi dito. O educador nesta organização deve estar atento às mudanças, ao interesse que eles tem de mudar determinada área. Nós até podemos querer mudar qualquer coisa, mas é importante saber a ideia e a opinião das crianças. Para isso temos que estar atentos e ser organizado de forma harmoniosa.

2.6. Melhoraria algum aspeto no seu exercício profissional? Se sim, o que?

Melhoraria sempre muitos aspetos, à medida que vamos refletindo vamos mudando e melhorando, porque nós nunca sabemos tudo. Nós somos humanos e nem sempre as coisas saem como nós queríamos que saísse e o que interessa nisso é refletir e melhorar.

2.7. Enquanto profissional quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

Uma área que eu adoro é a música, dramatização e com isso podes trabalhar tudo o resto. Cada educador pode pegar nos seus pontos fortes e trabalhar com eles, aqueles que não são tão fortes. Relativamente aos aspetos que penso sentir mais dificuldade é a exploração do domínio da matemática, sempre tive algum receio de não conseguir trabalhar, mas de facto com a experiência e nas formações que vamos tendo vamos percebendo que a matemática está em tudo e eles trabalham matemática todos os dias.

3. Qual o papel das artes visuais no trabalho do educador?
3.1. Com que regularidade aborda este subdomínio?
É tão importante para eles que eles todos os dias acabam por estar em contacto com esta área, porque eles tanto o fazem de forma orientada como não. Quando nós dizemos que podem ir brincar eles escolhem muito a área plástica. E acabam por estar em contacto com a plástica.
3.2. Como planifica estas atividades? As crianças participam neste processo? Justifique a sua resposta.
Sim planifico, e eles participam muitas vezes, já fiz isso com eles em que eles planificam e fazem o registo da planificação, as crianças dão sugestões e são escutadas. Quando as crianças participam na planificação penso ser uma mais-valia porque eles vão com mais gosto para as atividades.
3.3. Que técnicas explora com mais frequência? Justifique a sua resposta.
Eles adoram pintar, chafurdar, com esponjas, pinceis, penso que a técnica mais utilizada é a pintura, visto que eles gostam imenso. Adoram também com aguarela, tinta acrílica e exploram o que quiserem, o que a imaginação os leve a fazer e saem coisas incríveis.
3.4. Que material dispõe para as crianças usufruírem? Sente necessidade de outro tipo de material?
Para pintar usam pincel, os mais novinhos usam um pincel mais grosso, usamos a esponja, a mão, também já exploramos com os pés. Eu tento não necessitar de muito material e usar o que temos. Eles têm o material à disposição e se precisarem de outro tipo de material para uma exploração livre eles pedem. Aqueles que temos, para já, acho que têm sido suficientes, não temos necessitado de mais nenhum material.
3.5. Frequentemente explora este subdomínio individualmente ou em grupos? Justifique a sua resposta.
As vezes individualmente, as vezes em grupo, depende do trabalho em si. Em grande grupo pode ser o registo de uma história, de uma poesia ou de uma canção. Mas mais frequentemente é em pequeno grupo, quando é para chafurdar deve ser em pequenos



grupos, de três ou quatro elementos.

Quando é uma coisa mais orientada deve ser um trabalho individual, é necessário que as crianças, principalmente os mais crescidos saibam que têm este limite.

Depende muito dos momentos e do trabalho que é para desenvolver.

3.6. “Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer” (OCEPE, 2016, p.51)?

As vezes sim, mas eu gosto muito de fazer como eles querem, como eles sabem fazer. Se alguma criança diz “eu não sei fazer isto ou aquilo” eu digo “faz como tu souberes. Eles fazem como eles sabem, eles criam um à vontade de fazer como eles sabem e chegam aos 5 anos a desenhar maravilhosamente.

3.7. Existe um espaço de exploração livre das artes visuais?

Sim existe, quando eles querem vão para a área da plástica e nem precisam de pedir, eles tem o material disponível e podem fazer tudo o que eles desejarem e for possível fazer.

3.8. Habitualmente como reagem as crianças às atividades propostas?

Adoram, então este grupo eu costumo dizer que eles são “desenhodependentes”, “pinturodependentes” quase todo o grupo. Eles quando se levantam do acolhimento e perguntamos para onde querem ir brincar, as mesas da área da plástica ficam cheias. Eles adoram pintar e adoram desenhar.

3.9. Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação?

Claro que sim, expomos sempre, no fundo a sala é a cara deles. É impensável fazer algum trabalho e não ser exposto, eles também desejam muito isso. Eles gostam de mostrar às outras pessoas o que fizeram e como fizeram, gostam de exhibir aquilo que fazem. Depois escolhemos com ele onde deveremos por, se der pomos na sala, se não der pomos lá fora nos corredores.

Devemos também expor os trabalhos tendo em conta a estética porque é um bocadinho a nossa cara, é preciso que as coisas estejam expostas mas também que se perceba o que está exposto e isso é discutido sempre em reunião com as crianças.

Esse integrar as crianças nesta parte estética é ótimo porque eles vão crescendo com a ideia de que é preciso de facto que haja alguma estética, senão não faz sentido a vida, eles tem que perceber que as coisas têm que ser minimamente organizadas para se perceber de que forma foram feitas e as crianças conseguem explicar muito bem aquilo que fizeram.

3.10. Promove a articulação entre as artes visuais e as restantes áreas de conteúdo?
Justifique a sua resposta.

Sim claro, nós começamos a trabalhar uma área mas muitas das vezes damos continuidade a esse trabalho com as artes visuais, através do registo por exemplo, existe sempre esta ligação.

3.11. Que competências pretende que as crianças desenvolvam nestas atividades?

Principalmente a criatividade, a imaginação, a nível da motricidade fina e da estética. Pretendo também que desenvolvam muito a noção do espaço.

3.12. As artes visuais oferecem algumas vantagens no seu trabalho como educador? Se sim, quais?

Oferecem sempre, eu fico mais rica à medida que vamos trabalhando com eles vamos também aprendendo e adquirir um bocadinho mais de conhecimento, e nas artes visuais podemos explorar muitas coisa e aprender imensa coisa que nos rodeia.

Anexo 4. Recolha dos comentários das crianças

Anexo 4.1. 1ª Atividade

Comentários das crianças- 1ª Atividade: Desenho (Coruja)	
<u>A</u>	Aprendi que elas comem ratos. Também aprendi que elas ficam em cima do ramo das árvores para verem os bichos.
<u>CR</u>	Aprendi que elas viram a cabeça até às costas. Elas têm asas grandes. Elas não têm boca têm um bico bicudo. Elas comem aranhas ratos e morcegos.
<u>CD</u>	Elas viram a cabeça até às costas. Ela dorme de dia e de noite vai caçar os insetos. E elas têm os olhos muito grandes e brilham no escuro. Elas voam com as asas grandes.
<u>E</u>	Aprendi que as corujas podem voar perto do mar. Aprendi que as corujas podem virar a cabeça até às costas.
<u>FS</u>	(Não realizou a atividade)
<u>FB</u>	Aprendi que elas não mexem os olhos e mexem a cabeça até às costas. Aprendi também que elas voam sem barulho para os animais não ouvirem a caçar. Aprendi que elas têm as asas muito grandes.



I

Tinham os olhos muito grandes para à noite verem muito bem.

E têm asas grandes para conseguir voar.

E a coruja quando está a voar não faz barulho a bater as asas para conseguir caçar os insetos.

Os mochos têm orelhas e as corujas buraquinhos para ouvir bem.

JPF

Apreendi que as corujas tinham um bocadinho de preto nos olhos, aprendi também que tinham umas ondinhas nas asas.

Acho que vi uma cauda.

As corujas ouvem bem.

Achava ela tinha quatro patas e descobri que tinha duas asas.

Apreendi que tinha a cabeça reta.

JPA

Apreendi que elas vomitam os ossos quando comem porque não gostam.

Elas viram a cabeça quase até às costas.

Elas comem insetos e morcegos.

E elas têm asas muito grandes.

Porque os mochos tinham orelhas e as corujas buraquinhos.

LB

Elas viram a cabeça porque elas não conseguem mexer os olhos.

Elas voam porque têm umas asas muito grandes.

Elas têm os olhos muito grandes para verem à noite.

Elas a voar não faziam barulho.

LM

As corujas têm olhos amarelos e veem muito bem.

Têm um bico.

E ouvem muito bem.

E viram a cabeça até às costas.

MVM



Elas brilham os olhos.
Elas conseguem voar porque têm umas asas muito grandes.
Ao escuro elas comem e de dia elas dormem.
E elas não mastigam os ossos.
Elas comem aranhas e também moscas.

MSM

Elas dormem de dia e à noite não. À noite elas apanham os insetos.
As asas das corujas são muito grandes.
Os ouvidos da coruja são pequeninos.

PC

Os mochos têm orelhas para ouvir os sons à noite para caçar os insetos As corujas não tem orelhas.
Quando chove elas protegem-se com as asas.
As corujas têm um olhar muito bem, têm uma boa visão.

PP

(Não realizou este trabalho)

PR

Aprendi que elas voam para vários sítios.
Também descobri que elas são muito rápidas a voar.
Também descobri que as corujas caçam insetos.

Anexo 4.2. 2ª Atividade

Comentários das crianças- Moldagem (animais)

A



Foi um trabalho de plasticina dos animais. Fiz um golfinho estava um bocadinho mal porque os olhos não são brancos mas não havia a cor.

CR

Fiz um animal era uma zebra. Ficou bonita.
Fiz porque elas são bonitas.

CD

É o rinoceronte de plasticina. Que tem umas orelhas uns cornos por cima do nariz.
Ficou fixe.

E

É o coelho que fiz de plasticina. Tem a língua vermelha, as orelhas brancas e as os olhos pretos. Ficou giro porque estava a dançar.

FB

É o cavalo que eu fiz para a história que nós fizemos.
Está giro, tem a cauda comprida.

FS

É o meu macaco. Fiz braços, pernas, o corpo, cauda, orelhas, cabeça, olhos, boca.
Perfeitamente bem.

I

Fiz um cavalo, está muito giro.
Eles correm muito rápido e eles não comem o que nós comemos, eles comem erva.

JPF

É o urso que eu fiz.
Está muito bem feito e também tem as unhas bem feitas.



JPA

Foi uma borboleta que eu fiz que tinha cores e na parte branca tinha vermelho e na parte vermelha tinha branco. Parecia uma sanduiche. Está bem feita.

LB

Eu fiz um animal de plasticina o leão.

O leão está bonito porque eu fiz um leão com picos para ligar a cabeça e as quatro pernas e a cauda.

LM

É um animal de plasticina é um dinossauro. Fiz porque nunca vi. Ficou bem.

MVM

Trabalhei melhor com as mãos e a plasticina. Fiz um cão. O cão é muito mal comportado porque tem a língua de fora. E ele é todo às cores porque alguém misturou as cores.

MSM

Foi muito difícil fazer o cão mas consegui. Está bem.

Os cães mordem, dormem, comem.

PC

Fui eu que fiz uma centopeia. Fiz com plasticina. Está gira, elas são compridas e têm muitas patinhas.

PP

Fiz um pinguim está com o biquinho e as asas. Está bonito.

PR

É uma borboleta com plasticina. E eu também levei para a entrada.
Muito gira porque tem várias cores.

Anexo 4.3. 3ª Atividade

Comentários das crianças- Máscaras	
<u>A</u>	Fiz com uma mascara e posemos jornal e quando já estava seco nós tiramos o formato da masca e depois colorimos com tinta. Fiz um bruxo. Achei um bocadinho difícil porque para pintar tínhamos que esperar muito tempo que seque.
<u>CR</u>	Fiz com cola e pintura. Com papel e cola colei na mascara. Depois colori e fiz borboletas laranjas e o fundo era verde. Achei fácil. Gostei porque gosto de fazer colagens.
<u>CD</u>	Nós fizemos uma mascara com uma forma de uma máscara e posemos papel e depois pintamos a máscara tinta, fiz florzinhas cor-de-rosa e azul. Depois tiramos a forma da máscara. Achei difícil porque tinha que por muita camada de cola e papel de jornal. Gostei porque nunca tinha feito uma máscara.
<u>E</u>	Primeiro tive que meter a revista e colar numa mascara branca. Depois tive que pintar e fiz uma chita e depois pus as orelhas com caixas de ovos. Achei um bocadinho difícil porque tinha que estar a por sempre muito papel para ficar muito dura. Gostei porque eu gosto de festas de carnaval e era quase dia de carnaval.
<u>FB</u>	



<p>Primeiro a máscara estava toda branca e depois pus papel de jornal e depois pinte com dourado por cima do papel com pintinhas azuis clarinho. Fiz uma máscara do <i>Tutankamon</i>. Achei difícil porque demorava muito tempo porque tínhamos que por muito papel. Gostei quando fizemos as fotografias e o espetáculo.</p>
<p><u>FS</u></p>
<p>Primeiro coleí papéis de jornal. Depois pintamos por cima. Pinteí com azul e amarelo e fiz corações com vermelho. Não acheí difícil. Gostei porque nunca fiz máscaras e gostei de fazer.</p>
<p><u>I</u></p>
<p>Primeiro tivemos que cortar quadrados de jorna e colar na mascaras até ficar toda tapada. Colori com tinta e fiz a <i>Ladybug</i>. Achei fácil. Gostei porque ficou muito giro.</p>
<p><u>JPF</u></p>
<p>Primeiro coleí os papeis com cola na mascara que estava a fazer. Depois de secar pinteí com pincel de azul e branco. Pinteí as riscas do porto e pus o símbolo do porto que era em desenho. Achei mais difícil colar os papeis. Gostei de fazer porque era a primeira vez que fiz uma máscara.</p>
<p><u>JPA</u></p>
<p>(Não fez esta atividade)</p>
<p><u>LB</u></p>
<p>Tinha uma cara branca e tinha que tapar essa parte branca com o jornal e cola. Depois colori com tinta, com pincel. Era tipo uma múmia. Achei um bocadinho porque tínhamos que tapar tudo e demorava muito tempo. Gostei porque aprendi a pintar uma múmia</p>
<p><u>LB</u></p>
<p>Colei papel de jornal na mascara e depois posemos tinta. Eu colori o fundo rosa com corações à volta. Achei fácil este trabalho. Gostei porque nunca tinha feito máscaras.</p>



MVM

Peguei no jornal e pus a cola e coleí na máscara. Depois quando secou a cola eu pintei a máscara. Pinteí riscas grossas e pintinhas de várias cores. Este trabalho foi para uma dança. Achei um bocadinho difícil porque o jornal estava sempre a descolar e a sair do sitio. Gostei porque este trabalho demorou dois dias a fazer.

MSM

Fiz com papel de jornal, pus cola no papel de jornal e colamos numa máscara branca que era um molde. Passado alguns dias colori. Colori com pinceis e usei o amarelo, o azul e cor de laranja. Achei um bocadinho difícil a colar os papéis de jornal e tínhamos que fazer três voltas. Gostei de fazer porque gostei de pintar.

PC

Colei os jornais numa máscara branca deixei secar o jornal. Depois pintei as riscas às cores e depois pintei de amarelo. Achei um bocadinho difícil porque tinha deixado alguns bocadinhos brancos. Gostei porque pintei uma máscara e fingi que era um robô das cores.

PP

Peguei papéis de revista e depois coleí na máscara. Depois pintei com tinta vermelha e verde que foram folhas. Achei difícil porque foi difícil de fazer as folhas. Gostei porque nós com papéis de revista colamos na máscara.

PR

Peguei numa máscara e depois pusemos papel transparente e depois pusemos papéis de revistas na máscara com cola e depois pintei a máscara. Depois colori a máscara com tinta e fiz o Tutankamon. Achei fácil este trabalho. Goste muito porque é muito divertido fazer máscaras.

Anexo 4.4. 4ª Atividade

Comentários das crianças- Bidimensional- Formas Geométricas
<u>A</u>
<p>O triângulo é o telhado da casa. Tem três lados pode ser muitas formas tem três bicos.</p> <p>O círculo é a cabeça do menino tem um lado à volta.</p> <p>A chaminé é um retângulo tem quatro lados, dois mais compridos e dois mais curtos.</p> <p>O quadrado é a parte debaixo da casa, tem quatro lados iguais.</p>
<u>CR</u>
<p>Usei a redonda é o círculo tem um lado e é a cabeça.</p> <p>O quadrado tem quatro lados, tem quatro bicos e é a parte de baixo da casa.</p> <p>O retângulo tem quatro bicos, quatro lados e usei seis vezes em várias coisas.</p> <p>O triângulo tem três lados, tem três bicos e é o telhado da casa.</p>
<u>CD</u>
<p>Usei um triângulo amarelo para fazer o telhado, tem três bicos e três lados.</p> <p>Usei dois círculos que tem um lado e é redondo.</p> <p>O retângulo usei para a cadeira da menina tem quatro bicos e quatro lados.</p> <p>O quadrado tem quatro bicos e quatro lados, tem os lados todos iguais.</p> <p>A diferença é que o retângulo é todo esticado.</p>
<u>E</u>
<p>Eu fiz uma mota com retângulos e círculos.</p> <p>Os círculos são redondos.</p> <p>Os retângulos têm quatro lados e um lado mais comprido.</p> <p>O triângulo e o quadrado não usei mas sei que o quadrado tem quatro lados e o triângulo três.</p>
<u>FB</u>
<p>Desenhei uma mota.</p> <p>Os círculos são as rodas, tem um lado.</p> <p>O retângulo tem quatro lados, dois lados curtos e dois lados compridos.</p> <p>Não fiz o quadrado tem quatro lados todos iguais.</p>



Não fiz o, não te lembro do nome, tem três lados.

FS

Fiz um gelado com dois círculos e um triângulo.

O círculo é redondo e o triângulo tem três lados.

Fiz-me a mim com cinco retângulos e um círculo. O retângulo tem quatro lados, um mais comprido do que o outro.

Aqui estou a ir para a praia.

I

Usei o triângulo tem três pontas e três lados e é um chapéu.

Também usei o círculo, é redondo e tem um lado para fazer a cabeça

Também usei o retângulo ele tem quatro pontas e quatro lados, tem dois lados compridos e dois lados pequenos, usei para os braços e pernas.

O quadrado tem quatro lados são iguais.

JPF

Usei seis retângulos e têm quatro lados e outro lado é mais pequeno e outro é maior, usei para os braços, para fazer o corpo, outro o pescoço e outros dois as pernas do jogador de futebol.

O triângulo tem três lados e três bicos.

Círculos têm um lado, é redondo e fiz de bola de futebol.

Não fiz o quadrado é quatro lados iguais.

JPA

Usei um círculo ele tem um lado é redondo e é a cabeça do menino.

Um triângulo ele têm três lados e três bicos e é o chapéu.

Um quadrado tem quatro lados, são iguais.

Um retângulo tem quatro lados, dois são iguais e mais compridos e outros são "mais grandes, usei para os braços e para as pernas.

LB



Usei o triângulo tem três bicos e três lados e é o chapéu do mágico.

O retângulo tem quatro lados, um mais pequeno do que o outro.

O círculo usei para a cabeça ele tem um lado, é redondo.

O quadrado tem quatro lados iguais.

LM

O retângulo tem quatro lados, tem dois lados iguais, são as pernas e os braços da menina.

O triângulo tem três lados e é o corpo.

Não fiz o quadrado, tem quatro lados e são todos iguais.

O círculo tem um lado é redondo que é a cabeça.

MVM

O círculo é redondo e usei para fazer a cabeça dos meninos.

O retângulo tem dois pequenos e dois lados grandes, tem quatro lados e é as pernas e braços dos meninos.

O triângulo usei para o corpo e tem três lados.

Não fiz o quadrado mas tem quatro lados todos iguais.

MSM

Sei o círculo é uma bola tem um lado.

O retângulo tem quatro lados são diferentes.

O quadrado fiz para congelar o gelo, é igual os lados e tem quatro lados.

O triângulo tem três lados.

PC

Aprendi que o círculo é redondo só tem um lado e aqui fiz a cabeça.

Aprendi que o retângulo tem quatro lados, tem dois pequenos e dois grandes.

O triângulo tem três lados e tem três bicos.

O quadrado tem quatro lados, linhas retas, iguais.

PP

<p>Os triângulos são as árvores, são bicudos e que tem três lados</p> <p>O quadrado tem os lados iguais tem quatro lados e é parte da casa.</p> <p>O círculo sei que é redondo tem um lado.</p> <p>O retângulo sei que ele tem dois lados diferentes e tem quatro lados.</p>
<u>PR</u>
<p>Fiz a noite e um menino a ver a sua casa.</p> <p>Eu fiz esta casa com um quadrado que tem quatro lados todos iguais, um triângulo com três lados e três bicos e um retângulo que esta a fingir de chaminé que é igual ao quadrado mas mais esticado.</p> <p>E fiz a lua com um círculo que é redondo e tem um lado.</p>

Anexo 4.5. 5ª Atividade

Comentários das crianças- Banda desenhada
<u>A</u>
<p>Desenhei uma bailarina e balão de ar quente com canetas coloridas.</p> <p>Achei fácil.</p> <p>Gostei porque gostei de fazer o balão e aprendi a fazer bailarinas.</p>
<u>CR</u>
<p>Desenhei um tesouro com caneta e colori com caneta às cores.</p> <p>Não achei difícil e só agora é que soube o que era banda desenhada.</p> <p>Gostei porque foi divertido</p>
<u>CD</u>
<p>Desenhei uma bailarina com caneta de cor.</p> <p>Achei fácil.</p> <p>Gostei porque gosto muito de desenho e nunca fiz uma banda desenhada.</p>



<u>E</u>
(Não fez este trabalho)
<u>FB</u>
Desenhei uma casa, uma girafa, uma bailarina e um balão de ar quente. Achei um bocadinho difícil porque era difícil fazer a girafa muito alta e fazer um balão ainda mais alto. Gostei porque eu gosto de coisas difíceis porque podemos tentar e aprender mais coisas.
<u>FS</u>
Eu fiz uma flor e a bailarina. Achei fácil. Gostei de fazer porque foi a primeira vez.
<u>I</u>
Desenhei uma história, desenhei uma menina e um balão de ar quente. Achei fácil. Gostei de fazer a banda desenhada porque ficou giro e valeu a pena.
<u>JPF</u>
Eu fiz a bailarina a abrir o tesouro e tinha lá dentro moedas de chocolate. Eu achei este trabalho fácil. Gostei muito porque nunca tinha feito uma banda desenhada.
<u>JPA</u>
Desenhei a bailarina dentro de um balão de ar quente e ia contra um prédio. Achei fácil. Gostei porque tinha muita cor e nunca fiz .
<u>LB</u>
(Não fez este trabalho)
<u>LM</u>



Eu desenhei um balão a bater numa casa.
Achei fácil.
Gostei porque nunca tinha feito uma banda desenhada.

MVM

Desenhei a bailarina e o hospital e ela magoou-se.
Não achei difícil.
Gostei porque nunca tinha feito a banda desenhada.

MSM

Desenhei uma menina e o tesouro com moedas de chocolate.
Não achei difícil.
Gostei porque gosto de fazer desenhos.

PC

Desenhei a bailarina e o tesouro com moedas de chocolate.
Não foi nada difícil.
Gostei porque é a primeira vez que faço uma banda desenhada.

PP

Desenhei um hospital e uma menina que caiu de um prédio a baixo.
Não achei difícil.
Gostei porque trabalhamos em grupos.

PR

Desenhei uma menina a cair do balão e a ir para um prédio.
Achei fácil o trabalho da bailarina.
Gostei porque era muito fixe a fazer estes trabalhos.

Anexo 4.6. 6ª Atividade

Comentários das crianças- Construção com lãs	
<u>A</u>	
	<p>Desenhei uma cabeça, um jardim às cores e uma nuvem.</p> <p>Fizemos um desenho com lã.</p> <p>Não achei difícil.</p> <p>Gostei de fazer porque nos fizemos com lã e nunca fiz.</p>
<u>CD</u>	
	<p>Fiz uma menina com lãs.</p> <p>Achei um bocadinho difícil porque as lãs mexiam-se sempre quando nós mexíamos porque fazia vento.</p> <p>Gostei de fazer porque ficou muito giro.</p>
<u>CR</u>	
	(Não realizou este trabalho)
<u>E</u>	
	<p>Desenhei com lãs um peixe e também aquela parte do buraco que quando se está muito de baixo de água se vê.</p> <p>Achei difícil porque a lã estava sempre a virar.</p> <p>Gostei de fazer porque foi giro.</p>
<u>FB</u>	
	<p>Com lãs desenhei a praia.</p> <p>Achei um bocadinho difícil porque quando punha uma lã saia a outra.</p> <p>Gostei de fazer porque achei que foi divertido de fazer a praia com lãs.</p>
<u>FS</u>	
	(Não realizou este trabalho)
<u>I</u>	



<p>Fiz um xadrez coloridos com lã.</p> <p>Não achei nada difícil porque era só fazer e já estava.</p> <p>Gostei porque achei giro e divertido.</p>
<p><u>JPF</u></p>
<p>Desenhei com lãs um arco-íris e um sol.</p> <p>Achei muito difícil porque eu primeiro fiz o campo e foi difícil fazer meio campo e a pequena área.</p> <p>Gostei de fazer porque nunca fiz um trabalho daqueles.</p>
<p><u>JPA</u></p>
<p>Fiz com lãs um caracol a passear na relva com um dia de sol.</p> <p>Não achei difícil de fazer.</p> <p>Gostei de fazer este trabalho porque foi uma coisa que foi com muita cor.</p>
<p><u>LB</u></p>
<p>Desenhei um arco iris e as nuvens com fios de lã.</p> <p>Achei difícil porque as lãs tinham fios e embrulhavam-se nas outras e eu punha outra e elas saiam do sítio.</p> <p>Gostei de fazer este trabalho porque foi divertido.</p>
<p><u>LM</u></p>
<p>Desenhei uma aranha com lãs.</p> <p>Achei difícil porque as linhas estavam sempre a sair do sítio.</p> <p>Gostei porque nunca tinha feito aranhas com lã.</p>
<p><u>MVM</u></p>
<p>Fiz minhocas com lã.</p> <p>Achei um bocadinho difícil.</p> <p>Gostei de fazer porque nunca fiz um trabalho numa folha verde e nunca fiz desenhos com lãs.</p>
<p><u>MSM</u></p>



Fiz duas caras normais e a dizer lã.

Achei um bocadinho difícil porque saía quase todas as lãs.

Gostei de fazer porque gosto de fazer trabalhos um bocadinho difíceis.

PC

Eu desenhei lãs um monstro que estava a passear no tempo pré- histórico e viu um homem e tentou assustar, mas chamou a central dos bandos e foram prender o monstro.

Achei um bocadinho difícil as cordas saírem.

PP

Desenhei com lã uma casa com uma janela.

Não achei difícil.

Gostei porque nunca tinha colado com lãs.

PR

Fiz com lãs uma capa do livro que tem uma cara de um menino.

Achei fácil.

Gostei de fazer este trabalho porque foi com lã e gosto de fazer coisas com lã.

Anexo 4.7. 7ª Atividade

Comentários das crianças- Desenho com giz

A

Eu fiz uma estrela e um homem a apanhar o sol.

Também fiz uma pessoa com um cone de gelado.

Gostei de fazer o trabalho porque fizemos com giz e achei fácil.

CR



(Não realizou este trabalho)
<u>CD</u>
Fiz uma menina a ver o pôr do sol e o céu já estava cor de rosa porque quando fica por do sol o céu fica assim ou às vezes roxo. Achei difícil porque era um pouco difícil desenhar com leite porque o leite escorregava. Gostei muito de fazer este trabalho porque eu gosto muito de pintar com giz.
<u>E</u>
Fiz um extraterrestre, um foguetão, um tubarão, uma cadeira e um jato. Desenhei com giz e leite. Gostei de fazer este desenho.
<u>FB</u>
Fiz uma casa e uma menina e colori tudo. Gostei de fazer porque foi espetacular. Achei fácil só achei difícil colorir.
<u>FS</u>
Eu fiz uma menina e um chupa-chupa e uma carrinha de gelados. Não achei difícil. Gostei muito de fazer e não achei difícil.
<u>I</u>
Eu fiz uma bailarina a atuar num espetáculo porque eu gosto de bailarinas. Fiz com giz e gostei muito de fazer mas foi um bocado difícil porque o giz com o leite não dava e tive de fazer algumas vezes sem leite.
<u>JPF</u>
Eu fiz dois campos de futebol, uns castelos na praia, um sol, um quadrado que é um tesouro no céu e fiz-me a mim. Eu achei difícil porque eu não estou habituado a desenhar com giz, só uso o giz quando vou fazer a data ao quadro mas gostei de fazer este trabalho.
<u>JPA</u>



Eu fiz com giz um foguetão, um extraterrestre, outro extraterrestre e um sol.
Não achei nada difícil.
Gostei porque tem muita cor e nunca tinha feito destes trabalhos.

LB

Eu fiz um astronauta, um céu em baixo porque era o espaço em cima do céu. Sabes porque é que se chama espaço? Porque se calhar é porque tem muito espaço.
Este céu em baixo é o seu da terra. Fiz um foguetão que está à beira Marte. Fiz o sol e a lua e o Júpiter e o anel e uma estrela.
Gostei muito de fazer porque nunca fiz e não achei difícil.

LM

Eu fiz uma árvore de pessoa e um sol no céu.
Não achei difícil e gostei de fazer porque achei divertido e porque desenhamos com leite e giz.

MVM

Fiz duas flores e pintinhas à volta das flores que são círculos muito pequenos. Fiz pedras no chão, fiz trovões com o giz deitado, a chuva e o sol no céu.
Não achei difícil e gostei muito de fazer porque nunca fiz um trabalho destes com giz.

MSM

Eu gostei de fazer este trabalho porque foi giro imaginar com as cores. Fiz duas estrelas e uma casa.
Achei um bocadinho difícil porque era difícil carregar um bocadinho no giz.

PC

Eu fiz um monstro e uma casa, um sol e um quintal.
Este trabalho foi espetacular e achei fácil.

PP

Eu fiz um monstro, o planeta terra, uma estrela, um feiticeiro, um carro, um foguetão, um extraterrestre, a nave a um anjo.
Não achei difícil e gostei muito de fazer porque fiz muitas coisas.



PR

Eu desenhei raios que são para tirar energia do sol e do céu.

Desenhei também um menino e um foguetão que fala. Eles encontraram um botão e apareceram muitas cores.

Achei fácil de fazer e gostei muito porque foi com giz.

Anexo 4.8. 8ª Atividade

1º História: “À busca do coração da bruxa” (anexo 6)

PP

Eu desenhei o tigre da história e a bruxa

Fiz este desenho com canetas especiais num papel incolor.

Eu não achei difícil.

Gostei muito porque eu pintei o tigre e fiz as orelhas amarelas.

M

Eu fiz o leão e o dinossauro da história.

Desenhei com poscas que são canetas para desenhar no vídeo e no cartão.

Achei muito fácil desenhar e gostei muito de fazer este trabalho porque fiz animais e nunca tinha feito numa folha transparente.

I

Eu desenhei um castelo e a bruxa da história.

Desenhei com canetas no papel incolor.

Gostei de fazer porque se nos fizessemos ficava muito giro.

CD

Eu fiz um sol, um céu relva e o coração da bruxa.

Fiz com canetas de acetato num papel de acetato.

Eu achei um bocadinho difícil colorir.

Gostei muito deste trabalho porque nos fizemos uma história fixe.

V



Desenhei um tigre e foi muito divertido fazer porque nunca tinha feito um tigre.

Fiz a cabeça e depois o corpo.

Achei fácil este trabalho

Fiz com canetas especiais numa folha de acetatos gostei mesmo muito.

PC

Eu fiz o urso que ia brincar com o anão e o T-Rex e o anão espreitou por um arbusto e deu um salto e apanhou o coração da bruxa.

Não achei difícil e gostei muito de fazer porque desenhei com canetas especiais num papel transparente.

2ª História- “A casa dos doces da Margarida” (anexo 6)

MR

Desenhei com canetas especiais o baú com doces lá dentro.

Não achei difícil.

Gostei de fazer este trabalho porque é a primeira vez que eu fiz uma televisão na escola.

MG

Eu desenhei a Margarida e ela andava a caminhar e a cantarolar e a seguir disse: "que lindas flores".

Desenhei com canetas diferentes e numa folha incolor.

Não achei nada difícil.

Gostei de fazer foi muito giro fazer com estas canetas.

A

Eu desenhei um homem a andar de skate.

Desenhei também a casa dos doces, a relva e duas flores, nuvens e o céu.

Foi com canetas especiais.

Eu não achei difícil e gostei muito de fazer porque ve-se para o outro lado.

S

Desenhei homens a lutar com canetas especiais e numa folha incolor.

Desenhei com canetas especiais num papel incolor.

Para mim foi fácil e gostei muito de fazer este trabalho porque fiz numa folha diferente.

R

<p>Eu fiz a casa dos doces e um jardim com canetas de acetato.</p> <p>Eu não achei nada difícil e adorei fazer este trabalho porque adorei trabalhar com esta folha e não sabia que se via par ao outro lado.</p>
LM
<p>Eu desenhei uma bruxa a ir tirar os doces da casa.</p> <p>Fiz com canetas numa folha transparente.</p> <p>Eu não achei difícil e gostei de fazer porque achei divertido e nunca tinha feito.</p>
3ª História: “O jantar dos amigos” (anexo 6)
ST
<p>Desenhei um palhaço que disse ao cão: “parem de lutar! Não podemos estragar a natureza”.</p> <p>Foi com canetas novas de acetato.</p> <p>Não achei difícil.</p> <p>Gostei muito deste trabalho porque nunca fiz um trabalho com estas canetas, história e desenho.</p>
G
<p>Desenhei um cão que viu um caracol e depois viu que o lobo estava-o a comer e saltou e arranhou o lobo.</p> <p>Foi com canetas especiais.</p> <p>Eu nunca fiz mas gostei muito de3 fazer este trabalho e achei fácil.</p>
R
<p>Desenhei um carro que está a chamar o super herói para ir salvar o dia.</p> <p>Desenhei com canetas especiais.</p> <p>Achei difícil de desenhar e colorir mas gostei porque gosto de desenhar carros.</p>
FB
<p>Eu desenhei o lobo da história. Eu gostei muito quando o lobo comeu o caracol.</p> <p>Desenhei com canetas de acetato numa folha de acetato.</p> <p>Não achei nada difícil.</p> <p>Gostei muito de desenhar porque nunca desenhei com este tipo de canetas.</p>
N



Desenhei o super herói que foi tentar salvar o dia e o macaco tapou os olhos para o super herói não ver nada e não ajudar.

Desenhámos com canetas especiais, muito fixes.

Foi muito fácil.

Gostei muito porque eu estou a aprender como se faz super heróis dobradas como as pernas a fazer as coisas.

LB

Desenhei o macaco que ia tapar os olhos ao super herói.

Desenhei com canetas de acetato.

Achei mais ou menos difícil porque quando fazemos a boca e os olhos primeiro depois ao colorir tínhamos que ter cuidado para não passar por cima.

Gostei muito de fazer porque nunca tinha feito este trabalho.

4ª História: “O Jetcãozinho e a Vitória que encontraram a casa da bruxa” (anexo 6)

FS

Eu desenhei um baloiço, fiz uma princesa que é a vitória e fiz um sol. Ela ia para o baloiço.

Fiz com canetas especiais.

Eu não achei difícil desenhar e gostei muito de fazer este desenho porque era para a televisão e eu gostei de fazer a televisão.

JPA

Eu fiz uma menina que se chama Vitória e o Jetcãozinho. Eles estavam a passear a ir para casa da bruxa.

Fiz com canetas de acetato numa folha de acetato.

Foi muito fácil este trabalho.

Gostei muito porque gostei do teu elogio que disseste que estava muito bem.

E

Eu fiz um cão que é o Jetcãozinho, a Vitória e a lua em forma de banana. Fiz o baloiço, uma piscina e uma coisa de saltar para a piscina.

Foi com canetas especiais.

Eu achei fácil de fazer este desenho.

Gostei muito porque dá para colorir bem com estas canetas.

JPF



Desenhei o campo de futebol, a bola, o André Silva e a taça de Portugal.
Fizemos com canetas diferentes numa folha incolor.
Achei um pouco difícil porque as bandeiras dos cantos foram difíceis.
Gostei de fazer porque acho que ficou muito bem.

PR

Desenhei a bruxa, o cão e a menina Vitória.
Fiz com canetas de acetato.
Eles estavam dentro da casa da bruxa presos e o cão ia buscar a chave para soltar a Vitória.
Eu achei fácil este trabalho.
Gostei muito de fazer porque era divertido e era com canetas novas.

Anexo 4.9. 9ª Atividade

Comentários das crianças- Dia Mundial da Criança

A

Desenhámos as letras, que foi amorosos. Este trabalho era do dia da criança.
Desenhei com lápis de grafite, fizemos bolinhas e colámos e depois fizemos com tinta.
Achei difícil porque davam muito trabalho.
Gostei porque o dia da criança é divertido.

CR

Eu escolhi a palavra recreio porque as crianças gostam muito de brincar no recreio.
Fizemos bolinhas com papel muito fininho e colorido para fazer as letras.
Achei um bocadinho difícil porque as bolas saiam do sítio.
Gostei muito de fazer porque nunca tinha feito um trabalho com este papel e tinta.

CD

Fizemos um trabalho para o dia da criança.
Primeiro dizemos uma palavra, a palavra cuidadosa e depois escrevemos essa palavra e depois fizemos bolinha com papel de crepe em cima das letras e algumas letras pintamos com cores.



<p>Achei um bocadinho difícil.</p> <p>Gostei de fazer porque é para o dia mundial da criança e eu gosto porque é fixe e temos muitas coisas para fazer</p>
<p><u>E</u></p>
<p>Eu escrevi escrita. Escrevi e meti com bolinhas as letras e depois pintava as letras.</p> <p>Fiz com lápis, tinta e papel crepe.</p> <p>Não achei difícil.</p> <p>Gostei porque gostei de pintar.</p>
<p><u>FS</u></p>
<p>Eu escrevi carinhoso e fiz bolinhas com papel e coleí-as. Nós também pintamos outras letras.</p> <p>Não achei difícil</p> <p>Gostei porque adoro pintar desenhos e letras.</p>
<p><u>FB</u></p>
<p>Eu escrevi feliz porque ser criança é ser feliz.</p> <p>Primeiro escrevi com lápis com grafite. Depois peguei em papel, fiz bolinhas e depois pus por cima do lápis de grafite.</p> <p>Achei um bocadinho difícil porque quando estava a por uma bolinha a outra saía.</p> <p>Gostei porque achei divertido quando estava a por tinta por cima do lápis de grafite. Quando estava a pintar com a tina fiz um padrão, azul, laranja, azul laranja.</p>
<p><u>I</u></p>
<p>Eu escrevi a palavra aventura porque ser criança para mim é uma aventura.</p> <p>Primeiro eu escrevi a palavra e depois fiz bolinhas com o papel crepe e coleí nas letras.</p> <p>Achei fácil até.</p> <p>Gostei muito deste trabalho porque nunca tinha experimentado.</p>
<p><u>JPF</u></p>
<p>Eu escrevi ajudar porque temos que ajudar os amigos.</p> <p>Escrevi ajudar primeiro e depois cortei com a tesoura quadrados e fiz bolinhas e colávamos nas letras. Eu só coleí em três letras e com tinta azul contornei a outras três.</p> <p>Achei difícil de fazer porque quando já tinha muita cola nas mãos colava às bolinhas que já estavam postas e tive dificuldade de tirar das mãos.</p> <p>Gostei de fazer porque foi difícil e eu gosto de coisas difíceis.</p>
<p><u>JPA</u></p>



Eu gostei de fazer este trabalho porque é para o Dia Mundial da Criança.

Escrevemos com lápis de carvão, escrevi querido e encolamos papel de crepe em bolinhas e colamos nas letras.

Achei muito fácil.

Adorei este trabalho porque tive muita criatividade.

LB

Eu escrevi amor porque eu gosto da minha mãe e ser criança é gostar da mãe.

Primeiro eu copieei com lápis de grafite numa cartolina a palavra amor.

Depois com uma tesoura cortei o papel aos quadrados e depois vi se estava bem e fiz bolinhas e depois coleei menos na última letra porque pintei.

Eu fiz um padrão.

Achei difícil porque as mãos ficavam coladas e os papeis saiam e as mãos ficavam coladas.

Gostei de fazer este trabalho porque nunca fiz.

LM

Eu escrevi sonhar porque sou criança e gosto de sonhar.

Fiz com papel colorido e tinta azul e laranja.

Achei um bocadinho difícil porque as bolas estavam sempre a fugir.

MVM

Eu escolhi a palavra amigos porque para mim ser criança é ser amigo e eu gosto muito de brincar com os amigos.

Fiz com papel bolinhas, num cartão desenhei as letras com lápis grafite e passei com as bolinhas.

Achei um bocadinho difícil porque as bolinhas estavam a desmontar-se das letras.

Gostei muito porque foi divertido.

MSM

A palavra que escolhi foi brincar porque eu sou criança e gosto muito de brincar.

Fiz com papeis numa cartolina. Fizemos bolinhas e coleei nas letras que fiz com caneta grafite.

Achei fácil.

Gostei de fazer porque nunca tinha feito.

PC

Eu escrevi a palavra divertido porque eu gosto de me divertir e sou criança.

Primeiro eu escrevi com lápis de grafite e fiz bolinhas com papel e coleei nas letras.

<p>Achei difícil um bocadinho porque colar as bolas era difícil um bocadinho. Mas gostei de fazer porque foi divertido e nunca fiz</p>
<p><u>PP</u></p>
<p>Eu escrevi bom porque ser criança é bom. Fiz com lápis de carvão e com papel crepe. Tínhamos que escrever a palavra e com o papel cortar e depois fazer bolinhas e depois colar com cola branca na letra. Nas outras letras pintamos com tinta. Achei um bocadinho difícil porque quando eu já estava a colar elas ficavam coladas ao meu dedo. Gostei de fazer este trabalho porque nunca tinha feito.</p>
<p><u>PR</u></p>
<p>Fizemos as letras de uma palavra que dizemos. Eu disse construções e tínhamos com lápis de carvão fazer as letras e passar por cima bolinhas de papel e cola e depois pintar as outras. Achei fácil de fazer com bolinhas. Gostei deste trabalho porque é com bolinhas e é muito fácil de fazer as bolinhas.</p>

Anexo 4.10. 10ª Atividade

<p align="center">Comentários das crianças- Desenho com aguarela</p>
<p><u>A</u></p> <p>Desenhei um tornado a destruir um castelo e um menino a sorrir e era um gigante. Desenhei uma fadinha e um pássaro a deitar uma banana gigante para o mau que era um senhor que era muito mau e matava muita gente. Fiz com lápis de aguarela e tinta de aguarela. Achei muito giro porque podíamos fazer à nossa maneira.</p>
<p><u>CR</u></p>
<p>Desenhei uma menina e uma bola e um gelado. A menina estava a comer um gelado e a jogar à bola. Primeiro fiz com lápis de aguarela e depois colorir com aguarela.</p>



Achei difícil porque quando fiz a aguarela tive um bocadinho de dificuldade a pintar o fundo.
Gostei de fazer porque tem muitas cores.

CD

Desenhei uma menina anjo que estava a nascer e era uma pessoa normal e depois um pássaro mágico apareceu e transformou a menina em anjo.

Fiz com lápis de aguarela e colori com aguarela já com água era muito líquida.

Achei um bocadinho difícil porque a aguarela era muito líquida e escorria e tínhamos que escorrer o pincel muito bem no copo da tinta.

Gostei porque eu gosto que as pessoas vejam os nossos trabalhos.

E

Desenhei um menino que queria viver num castelo no céu, mas não tinha com o que voar. Foi de bicicleta e de carro passear e depois foi comer um gelado e foi brincar um bocado e depois comprou uma prancha voadora. Tinha que meter as peças e quando meteu as peças nunca mais se desmontavam. Depois esqueceu-se que a porta do castelo estava trancada e voou e foi à janela do castelo e um cavaleiro estava a passar pela janela e ele e perguntou podes abrir-me a porta e ele disse que sim e abriu a porta. Depois disse ao rei que queria viver com eles e o rei disse que sim e viveram felizes.

Desenhei com aguarela.

Achei difícil de desenhar o castelo.

Gostei de fazer este trabalho porque foi giro.

FS

Desenhei uma menina que estava a comer um gelado, desenhei uma borboleta um baloiço e uma flor. Fiz com aguarela.

Achei fácil.

Gostei porque gostei de fazer esses desenhos com aguarela.

FB

Desenhei um menino que estava a andar e encontrou uma casa, pensava que era dele mas não era e percebeu que estava perdido na floresta. Primeiro tive que desenhar com lápis de aguarela e depois colori com um pincel de aguarela.

Achei um bocadinho difícil porque quando estava a colorir com aguarela não podia passar por cima de nada.

Gostei porque eu gosto de fazer coisas difíceis e é muito divertido quando estamos a fazer uma coisa que nós gostamos.

I



Fiz uma montanha com um castelo e esse castelo era de uma princesa e de um príncipe.
Também fiz um sol e o céu.

Fiz com lápis de aguarela e depois colori com aguarela.

Achei muito giro e fácil.

Gostei porque eu fiz muito efeitos.

JPF

Eu desenhei um menino que estava a ver um campo de futebol ao longe.

Desenhei com lápis e aguarela.

Achei um pouco difícil porque nos desenhos eu não estou habituado a fazer a cor que fazemos o contorno temos que colorir.

Gostei porque foi difícil e eu gosto de coisas difíceis.

JPA

Desenhei um t-rex, a mulher tornado, um anjo, a cama do guilherme o pássaro salsinha e com cabeça vermelha. A pizza falante e a joia preciosa.

Fiz com aguarela e lápis aguarela.

Achei fácil e acho quase tudo fácil, mas alguma não.

Gostei de fazer porque foi a primeira vez que usei lápis aguarela.

LB

Desenhei um menino a passear um gato e um cão. Primeiro tive que fazer desenhos que queria colorir com aguarela, tinha que colorir com as mesmas cores

Achei difícil porque tínhamos que colorir e não podíamos colorir por fora.

Gostei porque aprendi a não fazer sempre com lápis de grafite.

LM

Desenhei uma menina e um menino estavam a passear com o cão no jardim.

Fiz com tinta e lápis.

Achei difícil porque estava a escorrer o castanho.

Gostei de fazer porque nunca tinha feito.

MVM

Desenhei uma menina a arrancar flores e um baloiço e um sol. Fiz com lápis de aguarela e aguarela.

Ficou giro e não achei nada difícil.

Gostei porque estes trabalhos nunca tinha feito só uma vez.

MSM



Desenhei uma menina a brincar com uma flor e a menina não sabia que a flor falava e mexia e depois a menina disse:

“Queres brincar comigo?” e a flor disse: “sim quero” e brincaram às apanhadinhas e a flor queria brincar às coceguinhas.

Depois apareceu o arco-íris e disse:

“Também queres brincar comigo?” e a flor disse “sim quero”.

Desenhei com lápis aguarela e aguarela.

Achei um bocadinho difícil porque a pintar os sapatos foi difícil.

Adorei porque gosto de fazer trabalhos difíceis.

PC

Desenhei uma casa um lenhador um raposinho e um sol.

Desenhei com lápis de aguarela e colori com pincei e cores de aguarela.

Achei um bocadinho difícil porque sai um bocadinho de fora.

Gostei de fazer este trabalho porque nunca tinha experimentado os lápis de aguarela e aguarelas especiais.

PP

Desenhei um menino a ir ter com a sua amiga coruja que estava na toca da árvore.

Desenhei com aguarela e lápis de aguarela. Primeiro desenhei com o lápis de aguarela e depois colori com aguarela.

Achei um bocadinho difícil porque quando eu estava a pintar a aguarela foi um bocado para a perna.

Gostei porque depois contornei a árvore com lápis de aguarela.

PR

Desenhei um menino a brincar com um cão e o cão estava a apanhar uma maçã. E o menino ia para casa e ele encontrou um tesouro enterrado.

Desenhei com lápis de aguarela e pintei com aguarelas.

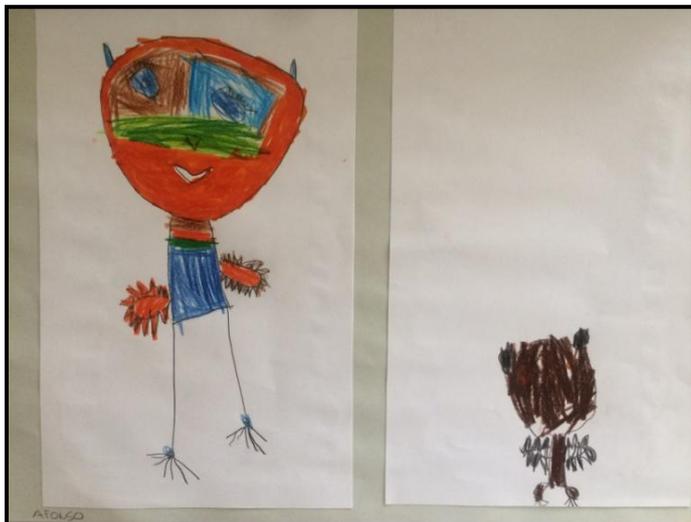
Achei fácil este trabalho.

Gostei porque eu gosto de fazer pinturas.



Anexo 5. Trabalhos das crianças

Anexo 5.1. 1ª Atividade



Trabalho 1- A



Trabalho 2- CR



Trabalho 3- CD



Trabalho 4- E



Trabalho 5- FB



Trabalho 6- I



Trabalho 7- JPF



Trabalho 8- JPA



Trabalho 9- LB



Trabalho 10- LM



Trabalho 11- MVM



Trabalho 12- MSM



Trabalho 13- PC



Trabalho 14- PR

Anexo 5.2. 2ª Atividade



Trabalho 15- A



Trabalho 16- CR



Trabalho 17- CR



Trabalho 18- E



Trabalho 19- FB



Trabalho 20- FS



Trabalho 21- I



Trabalho 22- JPF



Trabalho 23- JPA



Trabalho 24- LB



Trabalho 25- LM



Trabalho 26- MVM



Trabalho 27- MSM



Trabalho 28- PC



Trabalho 29- PP



Trabalho 30- PR

Anexo 5.3. 3ª Atividade



Trabalho 31- A



Trabalho 32- CR



Trabalho 33- CD



Trabalho 34- E



Trabalho 35- FB



Trabalho 36- FS



Trabalho 37- I



Trabalho 38- JPF



Trabalho 39- LB



Trabalho 40- LM



Trabalho 41- MVM



Trabalho 42- MSM



Trabalho 43- PC



Trabalho 44- PP



Trabalho 45- PR



Anexo 5.4. 4ª Atividade



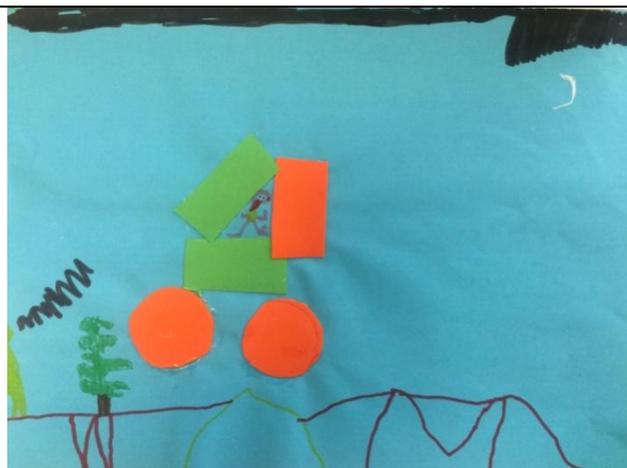
Trabalho 46- A



Trabalho 47- CR



Trabalho 48- CD



Trabalho 49- E



Trabalho 50- FB



Trabalho 51- FS



Trabalho 52- I



Trabalho 53- JPF



Trabalho 54- JPA



Trabalho 55- LB



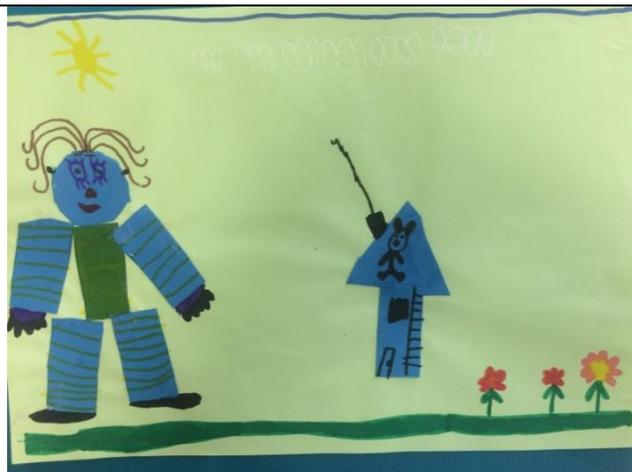
Trabalho 56- LM



Trabalho 57- MVM



Trabalho 58- MSM



Trabalho 59- PC

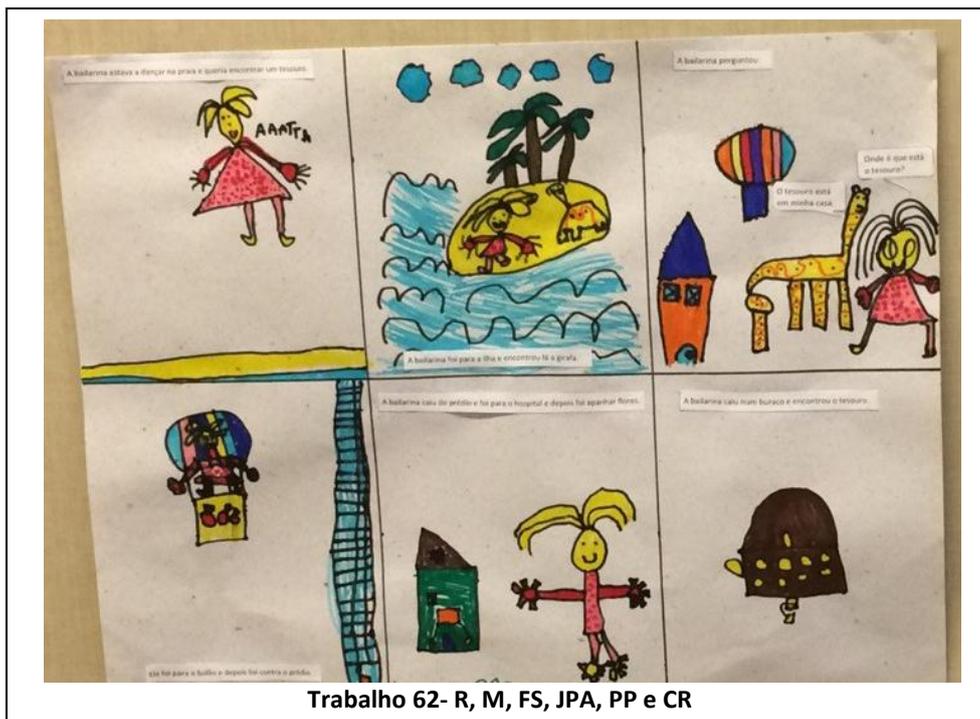


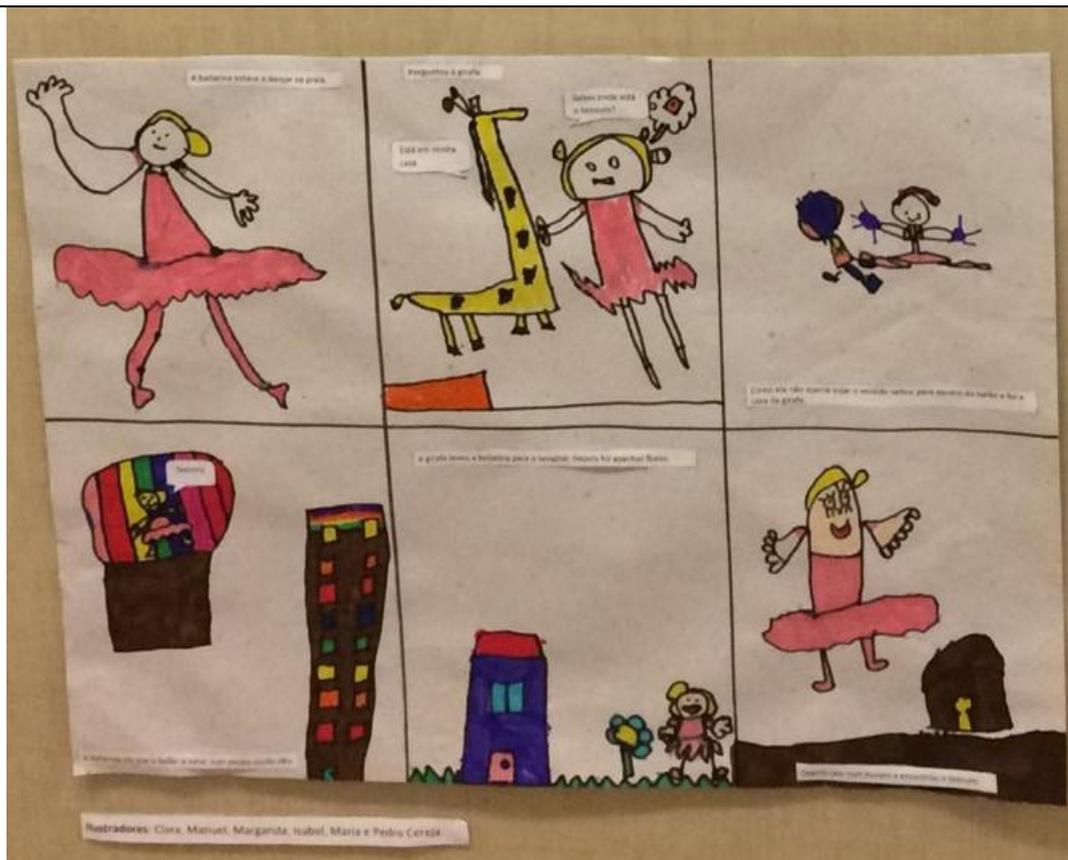
Trabalho 60- PP



Trabalho 61- PR

Anexo 5.5. 5ª Atividade

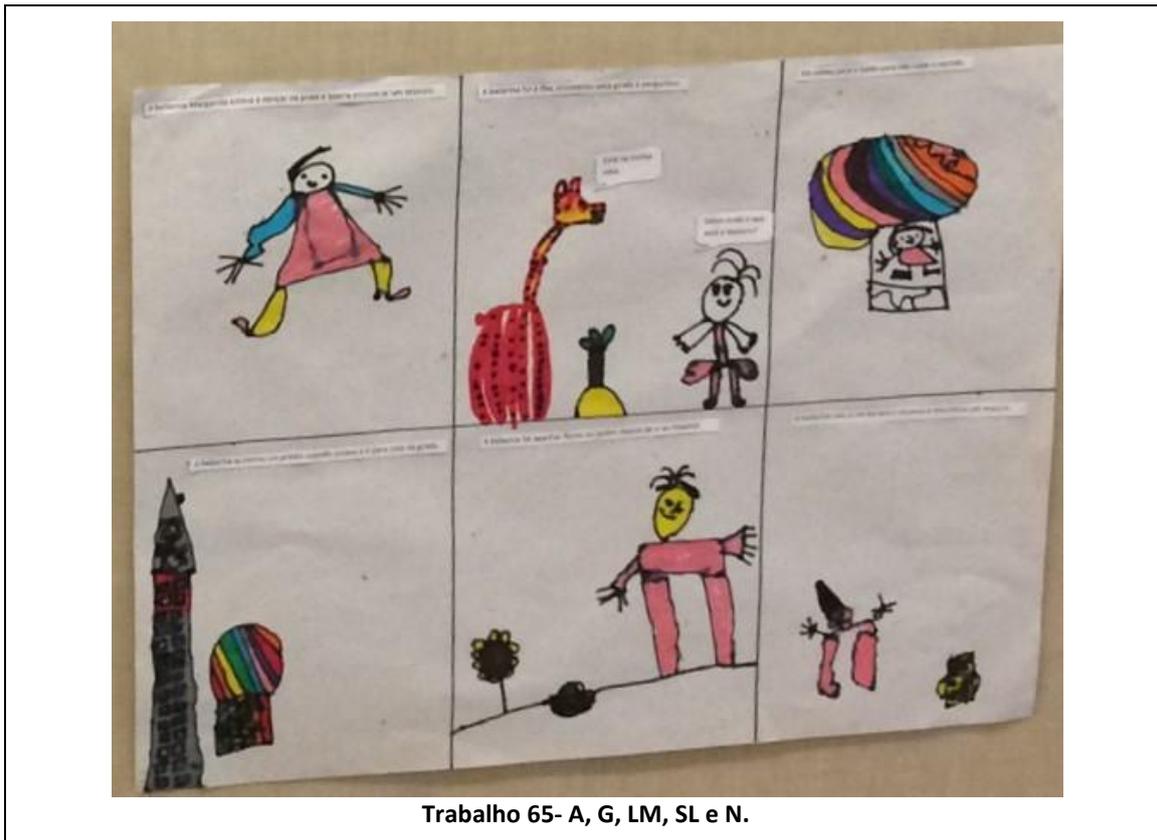




Trabalho 63- CD, MN, MR, Isabel, MVM, e PC.

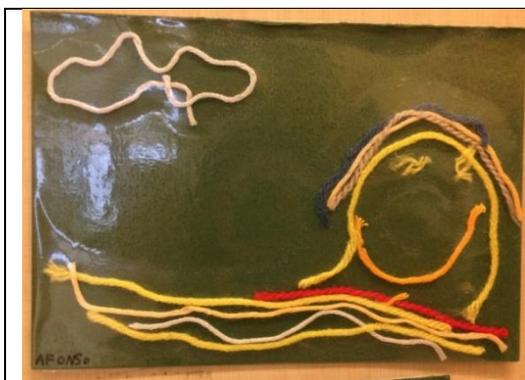


Trabalho 64- ST, V, R, PR, FS, MSM e JPF.



Trabalho 65- A, G, LM, SL e N.

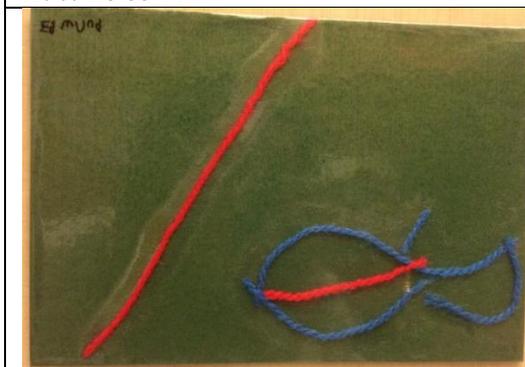
Anexo 5.6. 6ª Atividade



Trabalho 66- A



Trabalho 67- CR



Trabalho 68- E



Trabalho 69- FB



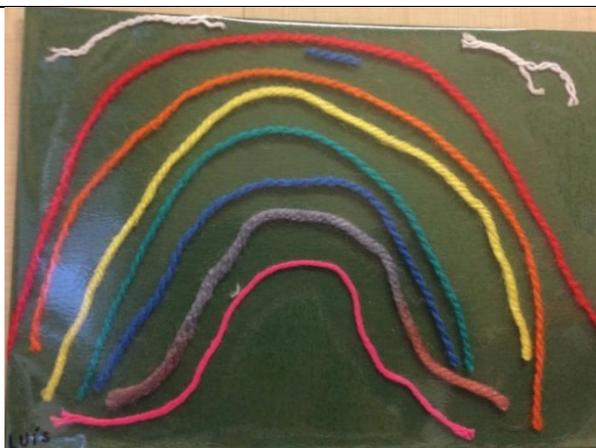
Trabalho 70- I



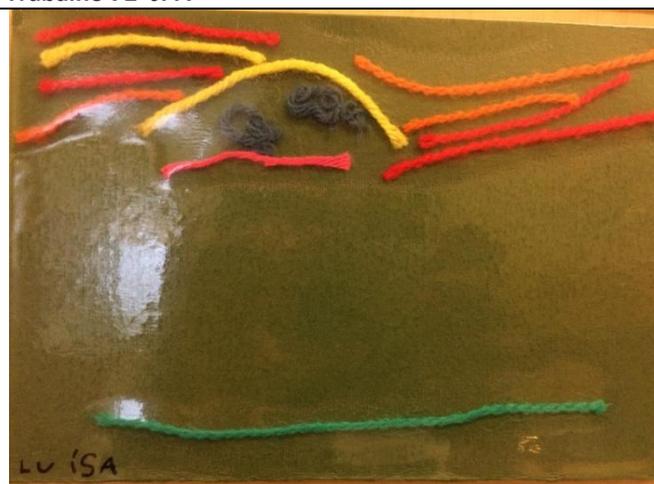
Trabalho 71- JPF



Trabalho 72- JPA



Trabalho 73- LB



Trabalho 74- LM



Trabalho 75- MVM



Trabalho 76- MSM



Trabalho 77- PC



Trabalho 78- PP



Trabalho 79- PR

Anexo 5.7. 7ª Atividade



Trabalho 80- A



Trabalho 81- CR



Trabalho 82- E



Trabalho 83- FB



Trabalho 84- FS



Trabalho 85- I



Trabalho 86- JPF



Trabalho 87- JPA



Trabalho 88- LB



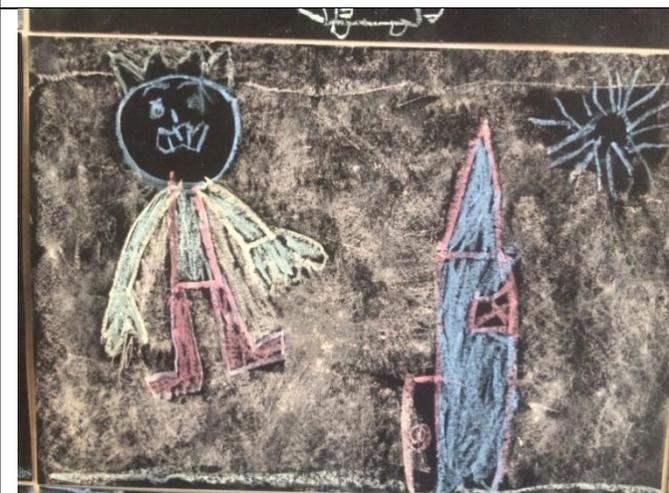
Trabalho 89- LM



Trabalho 90- MVM



Trabalho 91- MSM



Trabalho 92- PC



Trabalho 93- PP



Trabalho 94- PR

Anexo 5.8. 8ª Atividade



Trabalho 95- A



Trabalho 96- CD



Trabalho 97- E



Trabalho 98- FB



Trabalho 99- FS



Trabalho 100- I



Trabalho 101- JPF



Trabalho 102- JPA



Trabalho 103- LB



Trabalho 104- LM



Trabalho 105- MVM



Trabalho 106- PC



Trabalho 107- PP



Trabalho 108- PR



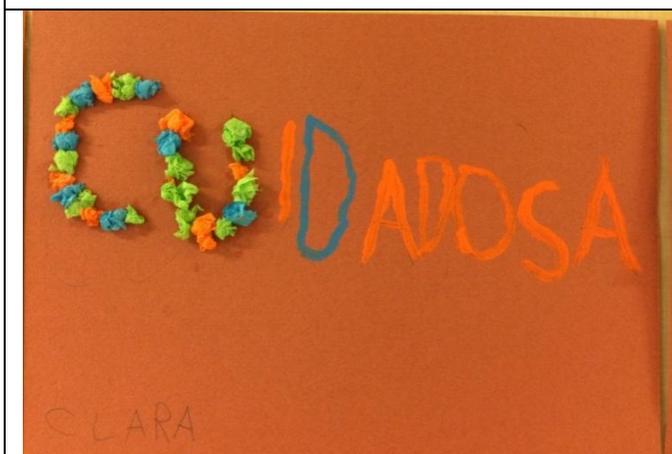
Anexo 5.9. 9ª Atividade



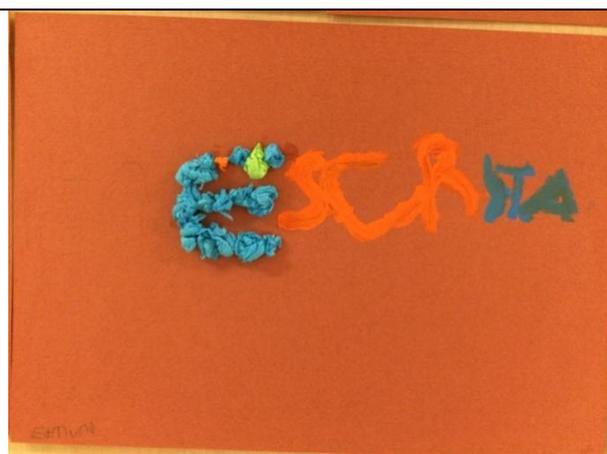
Trabalho 109- A



Trabalho 110- CR



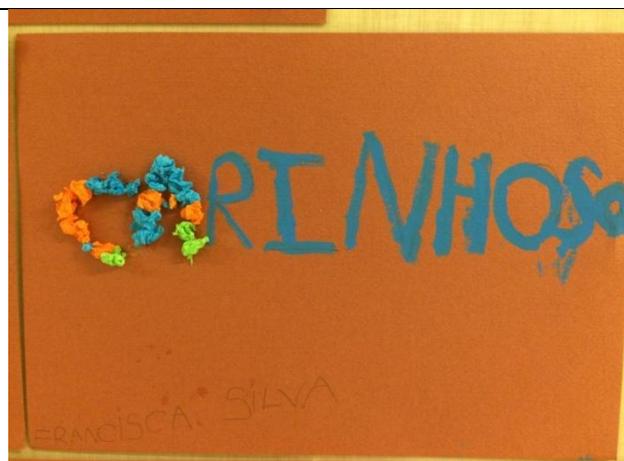
Trabalho 111- CD



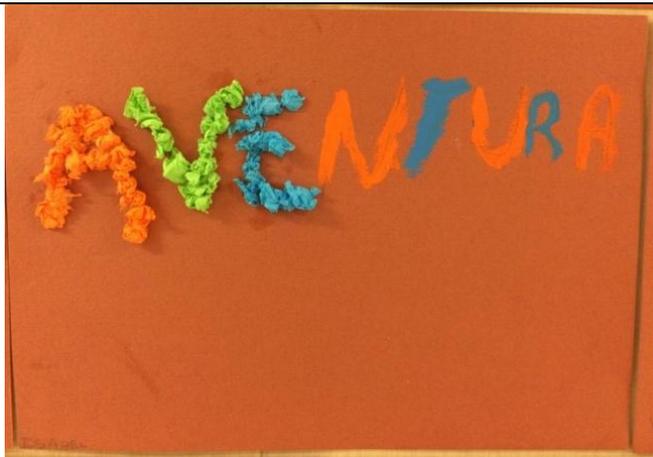
Trabalho 112- E



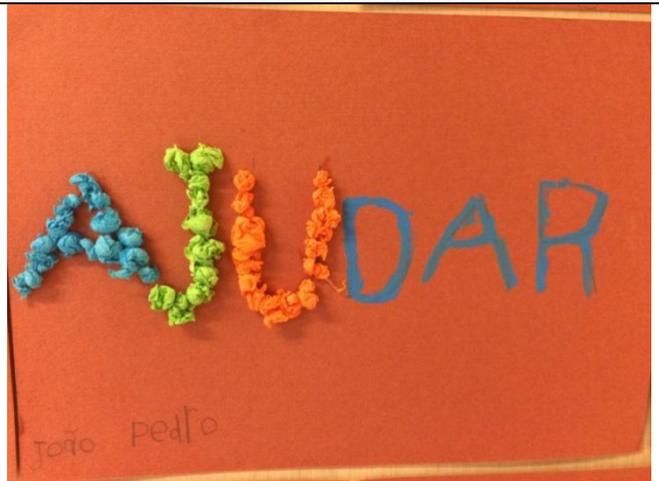
Trabalho 113- FB



Trabalho 114- FS



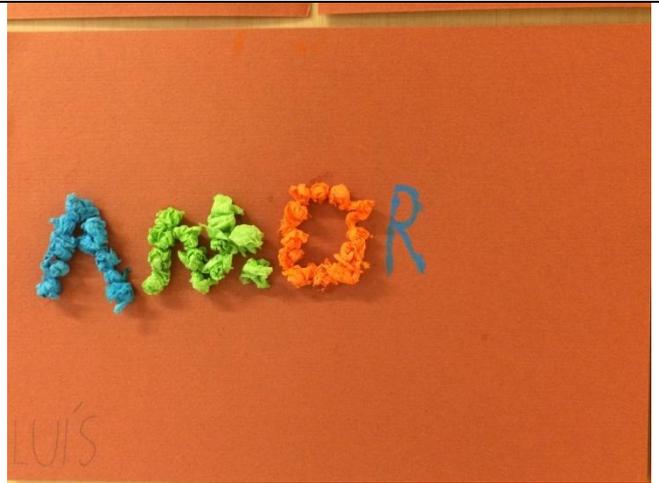
Trabalho 115- I



Trabalho 116- JPF



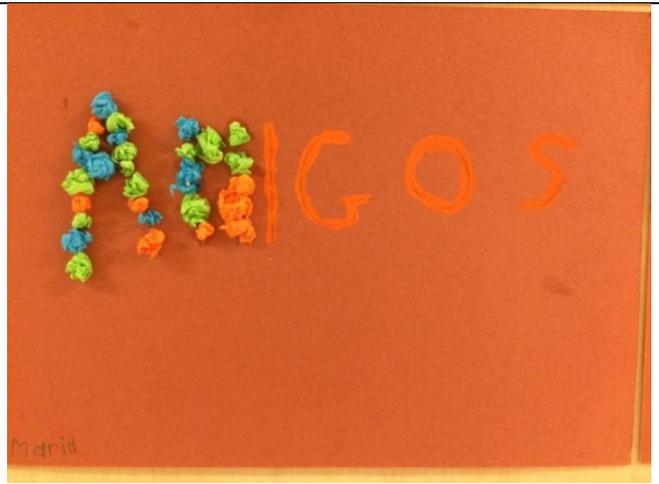
Trabalho 117- JFA



Trabalho 118- LB



Trabalho 119- LM



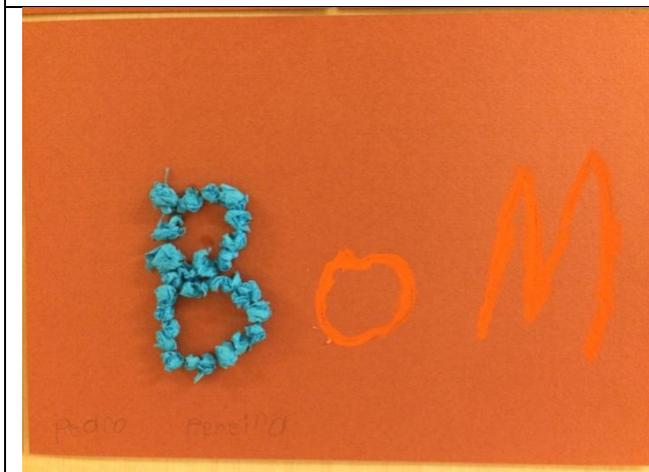
Trabalho 120- MVM



Trabalho 121- MSM



Trabalho 122- PC



Trabalho 123- PP



Trabalho 124- PR

Anexo 5.10. 10ª Atividade



Trabalho 125- A



Trabalho 126- CR



Trabalho 127- CD



Trabalho 128- E



Trabalho 129- FB



Trabalho 130- FS



Trabalho 131- I



Trabalho 132- JPF



Trabalho 133- JPA



Trabalho 134- LB



Trabalho 135- LM



Trabalho 136- MVM



Trabalho 137- MSM



Trabalho 138- PC



Trabalho 139- PP



Trabalho 140- PR

Anexo 6- Planificação das atividades implementadas

1ª Atividade: A Coruja

Pesquisa sobre a coruja

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Área do Conhecimento do Mundo;
- Área de Formação Pessoal e Social.

Materiais: Computador, Folhas brancas A5, lápis de cor e canetas de cor.

Técnicas: Desenho.

Objetivos:

- Fomentar a capacidade de pesquisa;
- Explorar as características físicas da coruja;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a criatividade;
- Fomentar a autoestima;
- Desenvolver a capacidade de autoavaliar o seu trabalho.

Descrição da atividade:

A Quinta do Covelo situada no Porto solicitou um pedido à instituição, pediu que cada sala elaborasse um espantalho para colocar na horta de cada grupo. O animal que nos foi proposto foi a coruja. Posto isto, numa reunião de grande grupo a educadora perguntou às crianças:

- O que sabem sobre as corujas?

Nesta fase, as crianças ao se questionarem sobre alguns aspetos acerca da coruja, revelaram algum conhecimento prévio sobre o animal.



O que queremos saber?

A RS disse que:

-Como é que elas voam?

ML disse:

-Como é que elas conseguem estar acordadas à noite?

O PC disse:

-Porque é que elas têm o olhar muito bem?

O LB disse:

-Porque é que elas têm uns olhos brilhantes?

O A disse:

-Porque é que ficam em cima das árvores?

O V disse:

-Porque é que elas têm penas castanhas?

O PR disse:

-Porque é que elas dormem de dia?

A MM disse:

-Porque é que elas fazem aquele barulho à noite?

O JPA disse:

Porque elas caçam à noite?

Antes de passarmos para a pesquisa sobre a coruja, foi sugerido às crianças que desenhassem esse mesmo animal. Este registo terá como objetivo analisar os conhecimentos prévios das crianças, para depois confronta-los posteriormente

com um 2º registo após a pesquisa.



Fotografia 1- Pesquisa sobre a coruja

Depois desse desenho as crianças foram em pequenos grupos pesquisar as respostas às suas perguntas, pesquisaram nos livros e no computador. Exploraram artigos que respondiam a cada pergunta, viram fotografias e ainda um vídeo sobre o animal em questão.



Ao longo da pesquisa, as crianças foram observando características importantes da coruja, tais como, as características físicas e alguns modos de vida.

Depois da pesquisa, as crianças

Fotografia 2- Partilha da pesquisa sobre a coruja



apresentaram os resultados ao grande grupo e gerou-se um momento muito rico de troca e partilha de conhecimentos.

O que observaram na pesquisa?

- “Roda a cabeça até atrás porque não consegue virar os olhos” (SO);
- “A coruja tem as asas muito grandes” (I);
- “Tem boa visão” (V);
- “Dorme de dia e caça á noite” (MSM);
- “Ouve muito bem o som dos animais” (PC);
- “Não faz barulho com as asas” (PR);
- “As penas são á prova de água” (FB).

Esta partilha permitiu assim responder às perguntas que foram colocadas por algumas crianças sobre o assunto.

Registo final

Depois desta troca de conhecimentos, as crianças realizaram um segundo desenho acompanhado de uma fotografia da coruja. Com este desenho, foi dado a oportunidade de as crianças melhorarem o seu primeiro desenho, aplicando conhecimento adquirido através da pesquisa sobre as características da coruja.

Posto isto, registamos os comentários individuais de cada criança para perceber o que cada uma retirou desta experiência.

Torna-se importante salientar que, de forma voluntária, as crianças continuaram a sua exploração no recreio através do jogo dramático, exploraram as folhas existentes no chão e imitaram os movimentos e sons que as corujas produzem. Podendo assim concluir que esta foi uma aprendizagem significativa para o grupo.



Fotografia 3- Dramatização no recreio

Reflexão

Ao analisar os comentários e os desenhos do registo final, observou-se que as crianças manifestaram conhecimentos sobre as características físicas e modos de vida das corujas.



Os segundos desenhos mostraram claramente características das corujas e uma evolução face ao primeiro desenho.

Aquelas crianças que não participaram ativamente na pesquisa demonstraram interesse e envolvimento na apresentação final, colocando questões e fazendo observações.

Elaboração do espantalho- Coruja

Objetivos:

- Coordenação óculo-manual;
- Reconhecer o esquema corporal;
- Caracterizar fisicamente a coruja;
- Reconhecer diferentes materiais reutilizáveis;
- Fomentar a memória a longo prazo;
- Fomentar o contacto com a comunidade;
- Cooperar com os amigos.

Técnicas: Tridimensional

Material necessário: 1 garrafão de água (vazio); 20 pacotes de leite (vazios); CD's; fio de sediela; tubo de plástico; Rolhas; um pacote de iogurte; tesouras e canetas permanentes.

Numa reunião em grande grupo, perguntamos às crianças qual foi o desafio que nos foi colocado pela Quinta do Covelo. O PC respondeu logo: “foi fazer uma coruja e queremos muito fazer”, e o restante grupo concordou.

Após esta afirmação, partilhamos com grupo a existência de uma espécie de uma coruja que provavelmente ainda não conheciam, designada por “coruja lapónica”, as crianças ficaram entusiasmadas em saber como era essa coruja. Com isto, levei fotografias e um vídeo sobre a coruja para lhes mostrar.

As crianças ficaram empolgadas ao observar essa espécie, ficando espantadas pela



Fotografia 4- Contorno e recorte das penas da coruja



sua característica particular que era a cor cinzenta.

Posto isto, perguntamos se gostariam de construir essa mesma coruja e as crianças afirmaram quem sim. Para isso questionamos “então como é a coruja?”. As crianças mencionaram algumas características, tais como, “precisamos de um corpo”(JPF), “ela tem penas cinzentas” (RS), “tem dois olhos e asas” (ML) e “tem duas patas com garras” (V).

Posto isto, mostramos o material que achávamos ser interessante usar para construir a coruja. As crianças concordaram com todos os materiais a usar e, por isso, foi registado os materiais a usar e a sua utilidade que foi discutido com as crianças:

- Garrafão: corpo;
- Interior dos pacotes de leite: penas;
- Pacote de iogurte laranja: bico;
- Arame com lá: patas/garras;
- Tampas de frascos: olhos;
- CD's: asas.

As crianças, em pequenos grupos, sentaram-se numa mesa para começar a construção. Numa primeira fase, foi necessário colocar um tubo a passar no garrafão, que serviu para suporte das asas. Depois foi distribuído pelas crianças uma caneta de acetato, um pacote de leite espalmado e aberto e um molde, para realizar as “penas” da coruja. As crianças desenharam várias penas, sendo que cada criança desenhou 4/5 “penas”, através do contorno do molde e do recorte pelo contorno.



Fotografia 5- Contorno das penas da coruja



Fotografia 6- Recorte das penas da coruja

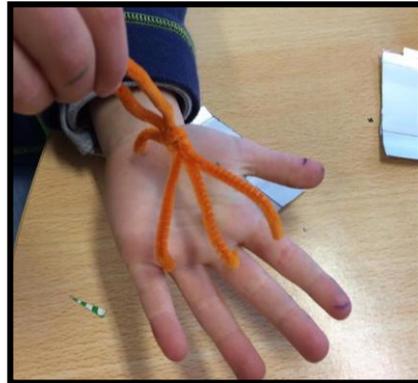
À medida que as crianças recortavam as “penas”, íamos colando ao garrafão com cola quente. Depois de estar o garrafão todo revestido de “penas”, num outro dia, passamos à construção do bico e das patas. Para o bico usamos um pacote de iogurte



Fotografia 7- Colagem das penas da coruja



moldando-o, para criar uma forma pontiaguda. Para a construção das patas, existiu uma discussão de quantas garras teria a coruja e foi necessário irmos pesquisar, pois não existia um consenso entre as crianças. Ao pesquisar mostramos às crianças uma imagem de uma pata da coruja e as crianças ficaram surpreendidas com as quatro garras afiadas da coruja. Com isto, o PC fez uma observação “ela tem garras para agarrar as presas, ela caça à noite, anda a sobrevoar e quando vê uma presa ela desce e agarra-a”.



Fotografia 8- Construção das garras da coruja

Após esta pesquisa, um pequeno grupo (A, CD e LB) foi para uma mesa realizar as patas e o bico da coruja. As crianças fizeram várias tentativas de criar as patas com as quatro garras, até que com o auxílio do adulto conseguiram essa construção.



Fotografia 9- Resultado final da construção

Numa fase seguinte, foi elaborado as asas da coruja. Como se tratava de um trabalho minucioso e complexo para a faixa etária, o adulto ajudou a construir as asas colocando CD'S pendurados e agarrados uns aos outros com fio de pesca.

No final, colamos as patas, o bico e, por fim, os olhos, no local correto.

Reflexão

Esta atividade foi realizada com a finalidade de ir ao encontro dos interesses das crianças, mas também com o intuito de participar e interagir com a comunidade. Seguindo estes aspetos, a atividade tornou-se bastante enriquecedora.



Ao longo da construção da coruja as crianças desenvolveram várias capacidades: o desenvolvimento da motricidade fina, através do contorno, a coordenação oculo-manual, através do recorte, a cooperação ao partilhar um pacote com outra criança, de modo a rentabilizar o material, e também a noção do esquema corporal da coruja.

Algumas crianças manifestam alguma dificuldade em recortar as figuras pelo contorno. No entanto, ao refletir sobre todo o processo posso afirmar que as crianças empenharam-se e ajudaram na construção da coruja com motivação, agrado e curiosidade em observar o resultado final.

2ª Atividade: Animais em plasticina

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
- Área do Conhecimento do Mundo;
- Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro.

Materiais: Plasticina, utensílios de plasticina, palitos, revistas, livros sobre animais e computador com internet.

Técnica: Moldagem com plasticina.

Objetivos:

- Explorar as características físicas dos animais;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver a linguagem oral na criação de histórias.

Descrição da atividade:

A instituição foi solicitada com uma outra proposta da Quinta do Covelo, com quem faz parceria. A proposta foi a decoração das montras de determinadas lojas da zona. A sala dos 5 anos ficou encarregue de decorar a montra de uma loja de animais, o grupo adorou a proposta, visto que o projeto que estava a ser explorado em sala era sobre os animais.



Posto isto, numa primeira exploração foi proposto às crianças que cada uma escolhesse um animal. As crianças escolheram o animal e foram pesquisar sobre as suas características, em livros existentes na biblioteca e/ou na internet, com a ajuda de um adulto.



Fotografia 10- Criança a preparar a plasticina

Depois de observarem as características físicas do animal, foi proposto às crianças construírem o animal em plasticina. Posto isto, as crianças escolheram as cores da plasticina que necessitavam para começar a moldar o animal. Começaram a moldar primariamente o corpo do animal e posteriormente os membros.

Para a construção destes animais, as crianças não só manipularam a plasticina com as mãos, como também acrescentaram os pormenores, tais como, os olhos, focinho, bigodes, orelhas, entre outras características de cada animal em questão com palitos de cozinha e outros utensílios de auxílio.



Fotografia 11- Criança a acrescentar pormenores no seu animal

Há medida que as crianças iam terminando os trabalhos, no final dessa manhã, apresentavam o seu animal ao grande grupo.

Após todos os animais estarem concluídos em grande grupo dividimos os animais da selva, da quinta e do mar.

Posto isto, fizemos uma dramatização de uma história com os animais construídos. Há medida que o adulto mencionava o nome do animal, a criança em questão vinha ao centro com o seu animal e continuava a história que estava a ser dramatizada.

No final, foi perguntado às crianças o local mais indicado para expor e partilhar os



Fotografia 12- Criança a partilhar o seu trabalho

seus trabalhos. O grupo sugeriu colocar os animais no *hall* da entrada da instituição, de modo a que toda a comunidade educativa observe os seus trabalhos.

Depois de as crianças explorarem esta técnica e se sentirem mais confiantes e mais aptes, foi proposto a um grupo de crianças que moldassem alguns animais para levar para a loja de animais e decorar a sua montra.

Reflexão

As crianças demonstraram deter capacidades de pesquisa e revelaram alguns conhecimentos prévios sobre as características de vários animais, o que facilitou a construção dos mesmos em plasticina.

As crianças construíram animais com bastantes pormenores e revelaram prazer na moldagem da plasticina, desenvolvendo a motricidade fina e a criatividade.

Na construção da história através da dramatização, o grupo revelou capacidades linguísticas, elaborando um discurso coerente e claro, com a construção de frases numa estrutura cada vez mais completa.

3ª Atividade: Máscaras

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio do Jogo Dramático;
- Área do Conhecimento do Mundo;
- Subdomínio da Dança;
- Subdomínio das Artes Visuais.

1ª Atividade

Objetivos:

- Desenvolver noções de orientação espacial,
- Estimular a coordenação oculo-manual;
- Desenvolver a motricidade fina;



- Desenvolver a criatividade;
- Dar a conhecer novas culturas;
- Fomentar a interação entre criança-criança e criança-comunidade.

Material necessário:

- Jornal; Cola branca; Guache; Pinceis e Molde de máscara.

Descrição da atividade:

Construir máscaras era um dos pedidos da M e do LB. Posto isto, seguindo o interesse destas duas crianças e juntando o interesse do restante grupo pela técnica, passamos à realização da atividade. Numa primeira fase as crianças recortaram pequenos bocados de jornal e revista. Depois, em pequenos grupos, foi distribuído um molde de uma máscara para passarmos à execução da técnica, ou seja, as crianças



Fotografia 13- Criança a colar jornal na sua máscara

cobriram a máscara com os bocados de papel usando cola branca. Ao longo deste processo as crianças mostravam deter a noção do individual sobre o todo, ou seja conseguiam preencher na totalidade a máscara sem faltar nenhum espaço livre. Após a máscara estar toda preenchida, e com várias camadas, foi colocada na sala a secar.



Fotografia 14- Crianças a pintar a sua máscara

Antes das crianças passarem à pintura das máscaras, foi mostrado ao grupo uma apresentação com fotografias de máscaras do mundo, ou seja, de diferentes culturas e tradições, para que as crianças tivessem contacto com outras realidades. As crianças

mostraram-se atentas e entusiasmadas na visualização da apresentação.

Esta apresentação serviu também para suscitar o interesse das crianças para as diferentes máscaras no mundo, abrindo horizontes para decorar própria máscara.

Posto isto, as crianças foram participar num desfile realizado na Quinta do Covelo e usaram as suas máscaras, apresentando-as à comunidade e explorando-as com os amigos.



Fotografia 15- Grupo dos 5 anos na Quinta do Covelo

Existindo assim um momento bastante rico de convívio e interação com a comunidade.

Reflexão

Foi explorada esta técnica, pois no ano passado o grupo mostrou-se interessado por uma atividade do mesmo gênero, mas apenas quatro das crianças realizarem essa exploração. Portanto, pretendemos dar a oportunidade de todas as crianças de explorar a mesma técnica.

Através desta técnica as crianças exploraram o recorte e a colagem, ou seja, desenvolveram a orientação óculo-manual, mas também a percepção do individual sobre o todo, detendo a capacidade de cobrir toda a máscara com papel de jornal.

A manipulação do pincel e da cola tornou-se também essencial para as crianças desenvolverem a coordenação motora, mais propriamente a motricidade fina.

Relativamente à apresentação das máscaras do mundo, as crianças mostraram-se bastante entusiasmadas e quiseram desde logo reproduzir as suas máscaras, imitando máscaras tradicionais de outros países. Isso tornou-se perceptível no comentário do PR: “pintei assim que era para parecer como o Tutancâmon, mas ainda faltava a serpente”.

2ª Atividade

Objetivos

- Expressar corporalmente;
- Explorar o espaço com movimentos corporais;
- Controlar os movimentos consoante o ritmo da música.

Material necessário:

- Computador;
- Colunas;
- Música;
- Roupa preta.

Descrição da atividade:



No ginásio deixamos as crianças explorarem as suas máscaras ao som da música. Foi reproduzido dois tipos de música, uma instrumental e outra com letra.

Ao longo da música as crianças eram capazes de explorar o espaço através da expressão corporal. Algumas crianças, como a I e o JPF, sentiram algumas dificuldades em explorar movimentos corporais em quatro apoios, ou seja, que envolvem a exploração do chão.

Cada criança realizava livremente movimentos corporais e, no final desta exploração, as crianças tiveram a oportunidade de partilhar com o grupo um movimento que mais gostaram de realizar.



Fotografia 16- Dança com as máscaras no ginásio

Posto isto, pensamos realizar uma dança criativa com as máscaras, visto ser um dos pedidos de uma das crianças e termos observado que é de interesse de todo o grupo.

Foi mandado um recado aos pais para que as crianças trouxessem roupa preta (camisola, calças e peúgas).

Antes de passarmos para atividade, a nossa sala foi organizada para que primariamente cada criança, de forma autónoma, se despisse e vestisse a roupa preta. Neste processo, constatei que as crianças já são capazes de se vestirem autonomamente, apesar de ser necessário alguma orientação por parte do adulto.

Posto isto, realizamos novamente a dança com as máscaras, mas agora em público, a pedido da CD, ou seja, convidamos o grupo de três e quatro anos para assistir à dança. Posto isto, exploramos novamente a mesma música mas agora o *hall* da entrada, num espaço mais amplo. Esse momento foi registado através de um vídeo que depois foi enviado aos pais.



Fotografia 17- Apresentação da dança aos restantes grupos

Reflexão

Concluimos que na música instrumental as crianças envolveram-se mais e dançavam ao ritmo reproduzido com bastante entusiasmo, pois nenhuma criança parou e, no final, todas disseram oralmente que ficaram satisfeitas com a segunda música.

Ao longo destas duas explorações existe uma evolução no empenho e na exploração dos movimentos e do espaço. A partilha de movimentos no final das explorações foi crucial, pois as crianças refletiram sobre os seus movimentos e o dos colegas e sobre a exploração do espaço, e puderam observar novos movimentos partilhados pelos amigos.

Na última exploração as crianças mostram-se à vontade em partilhar este momento com outros grupos. No final os restantes grupos mostraram o agrado batendo palmas e sorrindo.

Uma vez mais confirmamos que se torna essencial seguir os interesses das crianças, pois criam-se momentos bastante ricos de exploração do corpo, de sentimentos, de autonomia, de autoestima e de partilha.

4ª Atividade: Construção com formas geométricas

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da Matemática.

Materiais: Folhas de papel colorido, cola branca, blocos lógicos, tesoura, lápis de cor e canetas de cor.

Técnicas: Bidimensional- Recorte e colagem e desenho.

Objetivos:

- Desenvolver a imaginação;
- Explorar as características das formas geométricas;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a coordenação oculo-manual;
- Desenvolver a criatividade.



Descrição da atividade:

Depois de uma exploração com um dos materiais estruturados de matemática, ou seja, os blocos lógicos, foi proposto às crianças construir um desenho com formas geométricas.

Posto isto, as crianças tinham como base folhas coloridas A4 e pedaços de papel também colorido para desenhar e recortar as formas.



Fotografia 18- Criança a contornar um círculo

Em pequenos grupos, escolheram as formas que precisavam para concretizar o seu trabalho, contornaram a forma numa folha colorida e recortaram.

Depois de todas as crianças terem as formas necessárias, passaram à sua colagem com cola branca, construindo diversos elementos, como casas, pessoas, carros, entre outros.



Fotografia 20- Criança a recortar um círculo



Fotografia 19- Criança a realizar a construção com formas geométricas

Ao longo dessa construção, as crianças iam partilhando com os colegas o trabalho que estavam a realizar e os mesmos davam sugestões para melhorar os trabalhos dos colegas. Para aperfeiçoar o seu trabalho as crianças acrescentaram alguns pormenores importantes ao seu desenho (elementos do rosto, pés, mãos, dedos, elementos paisagísticos, entre outros).

À medida que as crianças terminavam os seus trabalhos, no final da manhã, apresentavam ao grupo o seu trabalho explicando o que elaborou e como elaborou esse trabalho.



Fotografia 21- Criança a partilhar o seu trabalho com o grande grupo



Após os trabalhos estarem concluídos, foram recolhidos os comentários de cada criança sobre a sua produção. Nesse comentário as crianças refletiram principalmente sobre as características de cada forma geométrica.

No final, em conversa com as crianças, decidiu-se expor os trabalhos no *hall* de entrada da instituição, de modo a valorizar e a partilhar o trabalho do grupo com a restante comunidade educativa.



Fotografia 22- Trabalhos expostos no hall de entrada

Reflexão

No recorte, a forma geométrica que as crianças sentiram mais dificuldade a recortar foi o círculo, pois era necessário as crianças realizarem com a tesoura movimentos circulares. Contudo o grupo demonstra uma boa coordenação óculo manual no manuseamento da tesoura.

Na recolha dos comentários podemos constatar que as crianças já conhecem algumas formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo), bem como, as suas características.

As crianças foram criativas e realizaram um trabalho com bastantes pormenores.

5ª Atividade: História: “A bailarina e o tesouro escondido”

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Objetivos:



- Fomentar a cooperação entre as crianças;
- Interpretar imagens;
- Incentivar a um discurso coerente;
- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver a memória a curto prazo;
- Associar o registo artístico à história.
- Seguir uma sequência lógica;
- Desenvolver a capacidade de interpretar Bandas Desenhadas.

Material necessário:

- Computador; Folhas A3 e Canetas/marcadores de cor.

Descrição da atividade:

Numa reunião em grande grupo foram mostradas as seguintes imagens:



Imagem 1- Imagens utilizadas para a construção da história

As imagens foram mostradas ao mesmo tempo, passando pelo grupo, para que não sejam influenciados pela ordem.

Foi sugerido às crianças que a partir das imagens criassem uma história. À medida que as crianças iam construindo a história registávamos no computador. Ao longo da construção da história, algumas crianças acabavam por se desviar do assunto, sendo necessário reler a história até ao momento construída para que existisse uma sequência lógica. No final foi escolhido pelas crianças um título para a história. A história criada foi a seguinte:

“A bailarina e o tesouro escondido

A bailarina Margarida estava a dançar e ela queria encontrar um tesouro e com a sua canção ela tinha que encontrar.

Depois ela chegou à ilha e esteve a procurar nas folhas das palmeiras, entre a areia e o mar.

Ela encontrou uma girafa e disse:

- Sabes onde é que está o tesouro?

E a girafa disse que tem o tesouro em sua casa.

A girafa estava a tentar ajudar e disse:

- Segue o balão até minha casa.

A bailarina seguiu o balão até casa da girafa, mas não queria sujar o vestido e saltou logo para o balão de ar quente.

Depois viu que o balão ia bater num prédio muito muito alto, mas depois a bailarina caiu e ficou no cimo do prédio. E depois o teto furou-se e ela caiu para dentro da casa. Caiu pelos andares todos até à entrada do prédio. A girafa estava na entrada do prédio e a girafa foi buscar a bailarina e levou-a ao hospital. Depois do hospital ela foi ao jardim apanhar flores e ela caiu dentro de um buraco e encontrou o tesouro.

Afinal a girafa estava a mentir, porque foi a ela que escondeu lá o tesouro.

O tesouro era muito difícil de abrir porque a bailarina não tinha a chave mas depois escavou mais fundo e encontrou a chave e depois subiu para abrir o tesouro.

O tesouro parecia moedas de ouro, mas depois ela percebeu que eram moedas de chocolate.

A bailarina regressou a casa e comeu as moedas de chocolate e ofereceu uma moeda à sua amiga girafa e foram felizes para sempre.”

Depois da criação da história foi sugerido às crianças que realizássemos uma banda desenhada a partir da mesma. Portanto, o grupo foi dividido em grupos de 6/7



elementos. Um grupo de cada vez foi para uma das mesas para começar a elaborar a banda desenhada. Cada elemento escolheu um momento da história, recontou-o e depois ilustrou-o ao seu gosto.

Uma folha A3 foi dividida em seis partes para que cada elemento do grupo ilustrasse o momento da história que escolheu. As crianças em grupo tiveram de decidir o que desenhar e as cores a utilizar para as personagens, para que as personagens em cada episódio da história estivessem desenhadas com as mesmas características. A ilustração também teria de seguir uma sequência lógica, seguindo a ordem de acontecimentos na história.



Fotografia 23- Grupo de crianças a realizar a banda desenhada

Foi registado o reconto de cada criança e, posteriormente, afixado junto à sua ilustração como forma de legenda.

Torna-se importante referir que foi feita uma primeira experiência, em que as crianças ilustraram em folhas à parte e depois foram reorganizadas conforme a sequência da história. Podemos afirmar que desde logo observamos que esta primeira experiência não foi a mais adequada pois apesar de se tornar mais prático, não se seguiu



Fotografia 24- Banda desenhada de um dos grupos

uma sequência na construção das personagens, existindo uma diferença entre as cores da personagem nos diferentes momentos da história.

Depois de concluída a banda desenhada, cada grupo partilhou-a com as restantes crianças e recontaram a história seguindo as ilustrações.

No final, a história, as respetivas imagens e todas as bandas desenhadas, foram expostas na entrada da sala, seguindo o processo de construção da atividade, para que os pais pudessem observar o trabalho das crianças, assim como, toda a comunidade educativa.



Fotografia 25 - Bandas desenhadas expostas no corredor

Reflexão

Na construção da história, apesar de algumas crianças desviarem-se um pouco do assunto, no geral as crianças mostraram concentração e criatividade na elaboração da história.

A banda desenhada, para além de ter permitido fomentar nas crianças a capacidade de sequência, também permitiu desenvolver a cooperação entre os elementos dos grupos. Este registo também permitiu desenvolverem a memória a curto prazo, pois as crianças tiveram de recontar os episódios da história.

Ao longo do processo de construção, as crianças mostraram também capacidade de esperar pela sua vez e de ajudar os colegas, dando sugestões e partilhando a sua opinião não só com os colegas mas também com o adulto.

No final, foi importante cada grupo partilhar com os restantes a sua banda desenhada e discutir o que poderia ser melhorado, nomeadamente a existência de uma sequência lógica nas cores usadas para as personagens.

A atividade tornou-se rica pelo facto de dar a oportunidade das crianças contactarem com outro tipo de registo de histórias.

6ª Atividade: Desenho com lãs

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;



- Área da Formação Pessoal e Social.

Materiais: Cartolinas A5, lãs de várias cores, tesouras e película.

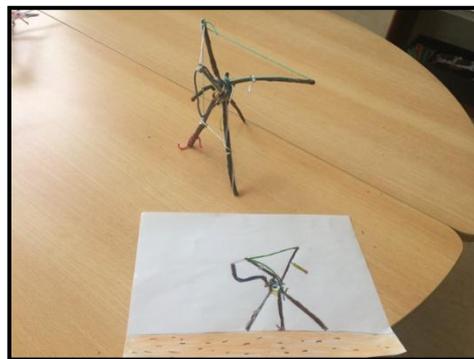
Técnicas: Bidimensional- construção com lãs.

Objetivos:

- Explorar materiais de desperdício;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a coordenação oculo-manual;
- Desenvolver a criatividade;
- Fomentar a autoestima;
- Desenvolver a imaginação.

Descrição da atividade:

Uma das crianças no acolhimento partilhou com o restante grupo algumas construções feitas com paus e lãs que elaborou com a família. Depois desta partilha, a educadora propôs às crianças que tentassem desenhar uma das construções que a colega partilhou connosco, apenas algumas crianças o fizeram.



Fotografia 26- Escultura com paus e lã



Fotografia 27- Crianças a realizarem a construção com lãs

Como o grupo adorou as construções da colega, foi proposto aos pais que viessem à sala elaborar com o grupo essas construções.

Foi daqui que surgiu a construção de um desenho com lãs, ou seja, com as lãs que restaram das construções. As crianças em pequenos grupos foram para uma mesa e distribuiu-se uma cartolina A4 para cada criança e rolos de lãs de várias cores. As crianças numa primeira fase exploraram as formas que podiam realizar com as lãs e depois começaram a tentar representar na cartolina elementos com as lãs, desde flores a palavras, desde casas a montanhas.

No final, para fixar essa construção foi colocado uma película transparente fixando as lãs à cartolina.



Depois de todos terminarem e apresentarem ao grande grupo o seu trabalho, foi discutido o local mais adequado para expor os trabalhos. Decidiram então que podiam ser expostos no corredor da entrada da sala, para que os outros colegas, pais e restante comunidade educativa pudessem ver os trabalhos.



Fotografia 28- Trabalhos expostos

Reflexão

Foram recolhidos os comentários das crianças sobre o seu trabalho e foi notória a dificuldade do grupo em colocar e manter a lã na posição desejada, pois acabava por escorregar e sair do local, visto que, numa fase inicial, as lãs apenas estavam pousadas na cartolina. Com isto, as crianças desenvolveram a motricidade fina na tentativa de representar alguns elementos através dos fios de lã.

Apesar dessa dificuldade, as crianças foram bastante criativas e foram capazes de representar elementos com alguns pormenores.

7ª Atividade: Exploração do livro: “O livro negro das cores”

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Técnica: Desenho com giz

Material necessário: Livro; giz; cartolina preta e leite.

Objetivos:

- Fomentar o prazer pela escuta de histórias;



- Refletir sobre os sentidos (visão, olfato, tato, audição)
- Desenvolver a imaginação;
- Explorar as cores com giz;
- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver o sentido crítico;
- Representar plasticamente elementos com pormenores.

Descrição da atividade:

Numa primeira fase, exploramos o livro - “O livro negro das cores” - de Rosana Faria e Menena Cottin. Este livro demonstra a beleza da percepção do mundo, através dos nossos sentidos. Convidando-nos a refletir sobre como será aquilo que nos rodeia para quem não vê e reformular o mundo através dos seus cheiros, sabores, texturas, sons; a recriar, de forma imaginativa, as coisas que nos envolvem. Exceto o texto, todo o livro é negro. No entanto, as ilustrações em alto relevo e o texto em braille, permitem experimentar as texturas e jogar com as descrições poéticas das cores.

Deste modo estivemos a explorar os sentidos para além da visão, de forma a perceber que o mundo que nos rodeia vai muito além do que vemos. As crianças entenderam perfeitamente o conceito do livro e partilharam conhecimentos sobre pessoas que não vêm, nomeadamente os materiais existentes no mundo que ajudam essas mesmas pessoas (semáforos sonoros, o braille, passeios com relevo, limite das linhas de comboio com relevo, entre outros).

Neste sentido surgiu a ideia de as crianças, como tendo o privilégio de para além de saborear, cheirar e sentir as cores as poderem ver, explorar com giz e numa cartolina preta as diferentes cores.

Em pequenos grupos de seis elementos foram para uma mesa onde já se encontrava o material preparado para as crianças explorarem.

Propusemos que as crianças executassem a técnica com leite, ou seja, molhavam a ponta do giz no leite e desenhavam na folha, com o intuito de fixar o giz. Em alguns casos o uso do leite não correu da melhor forma, as crianças queixavam-se que não dá para colorir se o giz estiver molhado.



Fotografia 29- Criança a desenhar com giz



Posto isto, sugerimos que desenhassem sem molhar no leite e no final do desenho coloquei um pouco de laca para fixar o giz na cartolina. Ao longo do seu desenho as crianças iam partilhando com os colegas o que iam desenhando.

No final foi importante recolher os comentários das crianças, realizando as seguintes

perguntas:

- “O que desenhaste?”
- “Como desenhaste?”
- “Sentiste alguma dificuldade?”
- “Gostaste de fazer este trabalho? Porquê?”



Fotografia 30- Trabalhos expostos na sala

Reflexão:

Na recolha de comentários constatamos que foi uma experiência enriquecedora, pois as crianças desenvolveram a criatividade através de uma técnica nunca antes explorada por eles. As crianças no geral realizaram desenhos com vários elementos pormenorizados, demonstrando também bastante imaginação. Ao longo da atividade as crianças davam sugestões aos colegas sobre os trabalhos.

No final expusemos os trabalhos das crianças falando com elas sobre onde e como expor.

8ª Atividade: Construção de uma televisão- Desenho em acetato

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
- Área da Formação Pessoal e Social.

Objetivos:



- Desenvolver a imaginação através da criação de histórias;
- Desenvolver a capacidade de inventar histórias respeitando a sequência dos acontecimentos;
- Fomentar a elaboração de frases com estrutura cada vez mais completa;
- Promover a clareza no discurso;
- Cooperar com os colegas;
- Ilustrar episódios específicos da história;
- Produzir no seu desenho elementos com alguns pormenores.

Descrição da atividade:

O R propôs construir uma televisão para termos na sala. Deste modo, sentimos a necessidade de responder a essa necessidade da criança, observando que o restante grupo também estava empolgado com a ideia. A televisão foi construída em cartão pelo adulto, pois era necessário trabalhar com x-ato. No entanto, o R escolheu a cor da televisão e coloriu com guache.

Posto isto, surgiu a ideia de que no ecrã pudesse constar ilustrações de histórias criadas pelo grupo.

Portanto, cada grupo de 6/7 crianças construiu uma história e cada criança ilustrou cada parte da história em folhas de acetato, com poscas coloridas. A ideia foi colocar uma luz por trás do ecrã da televisão de modo a sobressair o desenho da história das crianças. Este método de construir e partilhar histórias permitiu que as crianças recontassem as suas histórias ao grupo, através das suas ilustrações através da televisão de cartão.



Fotografia 31- Desenho em acetato



Essas ilustrações são removíveis de modo a que as crianças possam escolher uma história elaborada e passar as suas ilustrações na televisão.

As histórias e ilustrações estão

Fotografia 32- Criança a ilustrar em acetato



organizadas e etiquetadas numa capa, de modo a que as crianças possam encontrar a história que querem recontar e tornar a guardar no local indicado.

É importante mencionar que as histórias foram colocadas no caderno das histórias do grupo intitulado - “O Mundo das Histórias”. A ideia da construção deste caderno surgiu ao observar que o grupo demonstra prazer pela escuta, o reconto e a criação de histórias. Posto isto, todas as histórias criadas pelo grupo foram registadas nesse caderno.

Reflexão

Esta atividade foi um sucesso e desenvolveu nas crianças uma série de competências essenciais no seu desenvolvimento. Na construção da história no que confere à linguagem oral, o grupo revela uma progressão na clareza do discurso, elaborando frases com uma estrutura cada vez mais complexa. O grupo já é capaz de elaborar uma história dando-lhe um início, meio e fim, nomeadamente, dando continuidade a episódios relatados pelos restantes colegas de grupo.

Na ilustração da história, as crianças mostram-se entusiasmadas na manipulação do material, pois o grupo estaria a experimentar uma técnica nova.

As crianças são capazes de representar as personagens da história e as suas ações através do desenho. O grupo representa elementos e personagens com bastantes pormenores.

As crianças tiveram que cooperar umas com as outras, não só ao dar uma continuação à história, como também na decisão do episódio da história que cada criança iria desenhar.

Na recolha dos comentários das crianças, constatei que apesar de se tratar de uma técnica nova, as crianças não sentiram dificuldade em executá-la.



Fotografia 33- Televisão

Histórias elaboradas:

“À busca do coração da bruxa”

Era uma vez um T-Rex que vivia nas montanhas. O T-Rex gostava de brincar e decidiu brincar com o urso e encontraram um leão na floresta da montanha e o leão também queria brincar.

Na floresta tinha um castelo que era de uma bruxa cruel. A bruxa tinha perdido o seu coração na floresta e a bruxa foi à procura do coração. O coração da bruxa era muito maroto porque fazia maldade e era essa parte do corpo que fazia a maldade e sem esse coração não fazia maldade.

Depois quando a bruxa estava a procura do coração encontrou o tigre e a bruxa disse-lhe assim:

- Tigre ajudas-me a procurar o meu coração se faz favor?

Foram procurar os dois. O tigre cheirou o odor do coração e um anão viu o coração, deu um salto e apanhou o coração. O tigre ouviu o anão a dizer:

- Apanhei-te coração!

O tigre e a bruxa foram ter com o anão e a bruxa encontrou finalmente o seu coração maléfico e foi para o seu castelo, mas primeiro disse:

- Obrigadas idiotas, por encontrarem o meu coração!

História inventada em contexto de pequeno grupo: I, CD, M, PP, PC e V.

“A casa dos doces da Margarida”

Era uma vez a Margarida que andava a caminhar e ela encontrou uma casa de doces mas como ela gostava dos doces guardou num frasco enorme e construiu uma casa de tijolos.

Depois ela foi passear e encontrou um tesouro cheio de corações de chocolate branco e tinha pintarolas por cima muito pequeninas quase que ninguém via. Ela comeu os doces e guardou no frasco dos doces.

Depois uma bruxa apareceu e tirou os doces todos e apareceu um mau que estava a lutar com um bom e depois o senhor bom sem querer partiu o frasco dos doces que a bruxa levava.

A bruxa apanhou todos os doces e levou para sua casa. O menino bom e o menino mau foi ter a casa da bruxa e a bruxa deu-lhes doces.



Depois passou em casa da bruxa uma pessoa que estava a andar de skate e foi espreitar porque o homem pensou sempre que ela era má. O senhor do skate juntou-se à festa e esqueceu-se do skate. A bruxa também convidou a Margarida para ir á festa e fizeram um bailado de doces.

Vitória, Vitória acabou-se esta história dos doces

História inventada em contexto de pequeno grupo: A, LM, MG, MVM, R e S.

O Jantar dos Amigos

Era uma vez um lobo que estava à procura de comida para comer e apareceu o caracola andar assim devagar e adormeceu. O lobo com pezinhos de lã com muito silêncio e apanhou o caracol e comeu-o.

Apareceu o cão e arranhou o lobo para salvar o caracol. O palhaço apareceu e disse:

- Não se magoem nem comem ninguém, temos que fazer bem à natureza.

Mas o lobo disse que queria estragar a natureza.

Depois apareceu um super herói com o seu cão. Um macaco apareceu e tapou os olhos para o super herói não salvar ninguém. Depois apareceu o carro do super herói e disse:

- Vem ter comigo e vamos salvar o dia!

A família do super herói foi jantar fora. Depois todos os amigos do super herói foram jantar fora e o lobo também porque ficou bom.

História inventada em contexto de pequeno grupo: FB, G, LB, MSM, N, R e ST.

O Jetcãozinho e a Vitória encontraram a casa da bruxa

Era uma vez um cão que se chamava Jet, ele era muito fofinho e o Jet estava a jogar futebol e passou ao André Silva e foi golo e ganharam a taça de Portugal.

Mas eles viviam num deserto e eles tinham uma casa que tinha piscina. E vivia lá no deserto uma menina que se chamava Vitória e encontrou um baloiço e balançou.

Ela saiu do baloiço, viu o Jet, viajou com o cão e foi ter a uma casa abandonada e a casa era da bruxa.



O Jetcãozinho contou à menina que era obrigado a jogar futebol mas ele não gostava e a Vitória quis ajudar e ficou com o cãozinho.

A bruxa veio do supermercado abriu a porta e prendeu a menina e o Jet. O Jet era um cão pequenino que conseguiu passar por entre as grades e foi debaixo da mesa e trepou, saltou e apanhou a chave e depois abriu a fechadura e a menina saiu e foram para a casa com piscina.

História inventada em contexto de pequeno grupo: E, FS, JPF, JPA e PR.

9ª Atividade: Dia Mundial da Criança

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Materiais: Cartolina, lápis de grafite, papel crepe, tesoura, cola branca e tinta guache.

Técnicas: Bidimensional: colagem com papel crepe; pintura.

Objetivos:

- Aumentar o campo lexical;
- Fomentar a utilização do código escrito;
- Desenvolver o sentido crítico;
- Fomentar o reconhecimento das letras do abecedário;
- Desenvolver a motricidade fina.

Descrição da atividade:

Como o Dia Mundial da Criança estava próximo, decidimos propor às crianças que refletissem sobre - “o que é ser criança?” -, o que é que elas sentem em serem crianças, o que caracteriza ser criança. Posto isto, cada criança definiu “ser criança” numa só palavra e as definições foram deliciosas. Desde a palavra “brincar”, à palavra “amorosos” à palavra “partilhar”, à palavra “feliz”. Foi difícil para as crianças definir “ser criança” numa só palavra, pois tinham a tendência de formar uma frase para essa definição, como por exemplo, “ser criança é brincar com os amigos”. Esta exploração foi interessante porque todas as crianças demonstraram sinceridade e alegria em refletir sobre eles próprios, sobre o que sentem enquanto crianças.



Posto isto, pensamos ser importante registar estas palavras, visto que, o grupo demonstra prazer por momentos de leitura e escrita, propus que transcrevessem cada palavra numa cartolina. Distribuímos uma cartolina A4 por cada criança e transcreveram a sua palavra com lápis de grafite.



Fotografia 34- Criança a contornar a palavra com papel crepe



Fotografia 35- Criança a transcrever a sua palavra

De modo a explorarem uma técnica nova, foi fornecido às crianças papel crepe e sugerido que cortassem aos quadrados e transformasse em pequenas bolas, de modo a contornarem as letras dessa palavra.



Fotografia 36- Criança a contornar letras com guache

Como foi notório a dificuldade das crianças em contornar as letras foi proposto que escolhessem apenas 1/ 2 ou 3 letras para explorar essa técnica e as restantes contornassem com pincel e guache.

No final os trabalhos foram partilhados em grande grupo e decidiu-se expô-los fora da sala, de modo a que toda a comunidade educativa os observasse. Deste modo, os trabalhos foram colocados num dos corredores da instituição.



Fotografia 37- Trabalho exposto no corredor da instituição



Reflexão:

Nesta atividade, as crianças tiveram a oportunidade de desenvolver uma variedade de competências. As crianças ao transcreverem estão a ter conhecimento ou a relembrar algumas das letras do abecedário, deste modo, existe uma abordagem à leitura e escrita. A técnica usada permitiu desenvolver coordenação oculo-manual e a motricidade fina, ao manusearem a tesoura para recortar pequenos quadrados de papel crepe, coloca-lo já em “bolinhas” na linha das letras e ao manusear o pincel pra contornar as restantes letras.

10ª Atividade: Pintura com aguarela

Áreas de Conteúdo:

- Subdomínio das Artes Visuais;
- Domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Materiais: Papel de aguarela, lápis de cor de aguarela, aguarela, pinceis, copos e quadros.

Técnicas: Pintura com aguarela

Objetivos:

- Desenvolver a linguagem oral;
- Desenhar elementos com pormenores;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a criatividade;
- Fomentar a autoestima;
- Desenvolver a imaginação.

Descrição da atividade:

No final deste ano, foi proposto aos finalistas elaborarem uma história juntamente com uma ilustração. Estas histórias e ilustrações têm como objetivo serem colocadas em quadros para expor no *hall* de entrada no dia da festa de finalistas, de modo a partilhar as suas obras de arte com as famílias, assim como, com a restante comunidade educativa.

Para elaborar esta ilustração, foi explorado uma técnica diferente das que o grupo está habituado a explorar. Com lápis de aguarela as crianças desenharam a sua ilustração e coloriram com tinta aguarela.

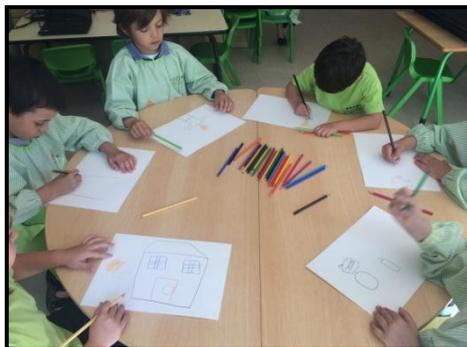


Deste modo, em pequenos grupos, as crianças foram para uma mesa e realizaram o seu desenho, com lápis aguarela, numa folha apropriada, para depois colorir com tinta aguarela.

Consoante as crianças iam terminando os seus desenhos, eram preparadas, pelo adulto, as aguarelas para as crianças colorirem a sua ilustração. Foi necessário orientar este trabalho pois as crianças desenharam ilustrações com bastantes pormenores, o que dificultou ao colorir o trabalho. Deste modo os adultos davam dicas para que as crianças realizassem um trabalho com êxito.

Depois de secar a tinta, as crianças, novamente com lápis aguarela, desenhavam as feições das pessoas ou animais desenhados e alguns pormenores finais e os trabalhos foram colocados em quadros para serem expostos.

No final de cada trabalho, recolheu-se os comentários de cada criança. Com esta recolha, constatei que as crianças revelaram alguma dificuldade ao colorir com aguarela alguns pormenores do seu desenho.



Fotografia 40- Crianças a desenhar com lápis de aguarela



Fotografia 39- Criança a colorir com aguarela



Fotografia 38- Criança a identificar o trabalho com o seu nome

Reflexão

Esta atividade permitiu que as crianças explorassem novos materiais e uma nova técnica utilizando lápis de aguarela.

As crianças mostram uma grande evolução no desenho, ao elaborarem elementos com bastantes pormenores e criatividade, e revelaram evolução na capacidade de manusear o pincel e na exploração das cores

Todas as crianças tiveram a possibilidade de parar e tornar a retomar o seu trabalho assim que se sentissem preparadas.